

CLÁSSICOS
DE BOLSO

Grandes clássicos universais de todos os tempos. O melhor do teatro, romance, filosofia, história e poesia.

Textos integrais, tradutores renomados e estudos introdutórios por especialistas. Obras de relevância tanto para estudantes e professores quanto para o grande público.

SÓFOCLES
ÉSQUILO

Rei Édipo • Antígone •
Prometeu Acorrentado

"Como seria pobre a inteligência da Humanidade se não houvesse existido Atenas!"

Gomperz

Sófocles foi um artista da palavra, dono de um extraordinário lirismo musical, sábio artífice de efeitos, mestre da arquitetura dramática e da exposição analítica do enredo. No final das tragédias sófoclicas, depois de todo o sofrimento por que passaram, seus personagens acabam por encontrar uma grandeza e uma quietude que não conheciam antes.

Em Ésquilo a vida humana e o mito estão em íntima relação; em suas peças os deuses participam, pessoalmente, do desenrolar dos acontecimentos. Por força de sua religiosidade, Ésquilo devia condenar

Prometeu — o rebelde que ousou desafiar as determinações divinas —, mas através da beleza de sua poesia sentiu e compreendeu sua dor, transformando-o em símbolo da condição humana.

Por tudo isso as tragédias de Sófocles e Ésquilo foram e continuarão sendo não apenas obras capitais do gênio criativo da civilização grega, mas também marcos da literatura universal.



9 788500 814648

ISBN 85-00-81464-0



CLÁSSICOS
DE BOLSO



SÓFOCLES
ÉSQUILO

REI ÉDIPO

ANTÍGONE

PROMETEU ACORRENTADO

Prefácio, tradução e notas de
J.B. Mello e Souza

Rei Édipo * Antígone
*
Prometeu Acorrentado
(Tragédias gregas)

— Sófocles — Ésquilo —

Rei Édipo * Antígone
*
Prometeu Acorrentado

(Tragédias gregas)

Prefácio, tradução e notas de
J.B. Mello e Souza

17ª Edição



Nota da Editora

O texto desta tradução foi cedido por gentileza da W. M. Jackson, Inc., obra publicada sob o título *Teatro Grego* na famosa coleção "Clássicos Jackson".

ISBN 85-00-81464-0

EDIÇÃO PUBLICAÇÕES S. A.
SEDE: DEPT^o DE VENDAS E EXPEDIÇÃO
RUA NOVA JERUSALÉM, 345 — RJ
CORRESPONDÊNCIA: CADA PORTAL 1880
CEP 20001-970 — RIO DE JANEIRO — RJ
TEL. (021) 260-6122 — FAX (021) 280-2438
Navegue pelo nosso catálogo através da Internet
<http://www.ediouro-livros.com.br>

Índice

<i>A Grécia Antiga e a Poesia Dramática —</i>	
<i>Rei Édipo (comentário) — 17</i>	
<i>Rei Édipo — 21</i>	
<i>Sófocles e a "Antígone" — 69</i>	
<i>Antígone — 75</i>	
<i>Ésquilo e o "Prometeu Acorrentado" — 111</i>	
<i>Prometeu Acorrentado — 113</i>	

Prefácio

A Grécia Antiga e a Poesia Dramática

No prólogo com que nos apresenta a sua "Prière sur l'Acropole" explica Renan o que se lhe afigura o "milagre da Grécia antiga": a triplice beleza ideal da Arte, da Ciência e da Liberdade, com que o gênio grego, então em plena e exuberante florescência, dotou o patrimônio cultural e cívico da Humanidade.

Embora não participemos da mística alcançada nem da contrição fervorosa com que o neopaganismo do grande pensador celebra a apologia da deusa cujo principal templo define como "o ideal cristalizado em mármore pentélico", e por isso que não levamos em tão escassa conta tudo o que os povos detentores da civilização lograram realizar desde que a Grécia passou a outras mãos o facho de luz da portentosa lampadofória, — vamos admitir tenha havido um "milagre" nas criações da Hélade antiga, desde que convençionemos considerar milagre a convergência de tantos fatores favoráveis, e a execução de uma obra que, por sua imponente beleza, parece ultrapassar o limite das humanas possibilidades. "Quand je vis l'Acropole, j'eus la révélation du divin", declara, inebriado pelo entusiasmo, o antigo seminarista de S. Sulpício. Mais sereno, e, sem a menor dúvida, bem mais próximo da verdade, escreveu Ingres: "Il y a eu, sur le globe, un petit coin de terre où, sous le plus beau ciel, chez des habitants doués d'une organisation intellectuelle unique, les lettres et les arts ont répandu, sur les choses de la nature, comme une seconde lumière, pour tous les peuples et pour toutes les générations à venir."

Recorda o uruguio Rodó, no seu admirável "Ariel", que certo venerando sacerdote egípcio dissera a Sólon, referindo-se ao espírito jovial, irrequieto e volúvel dos Gregos: "Vós não sois senão uns meninos..." Com efeito, a vida e as atividades dos Helenos, segundo o parecer do austero Michelet, dão, a quem as examina de perto, a impressão de um festivo folguedo ao ar livre, folguedo a que assistem, sorridentes, em torno, todas as nações do mundo. "Mas," — conclui o escritor americano — "o certo é que daquele divino jogo de adolescentes, nas praias do Arquipélago, ou à sombra amena dos olivais da Jônia, nasceram a arte, a filosofia, o pensamento livre, a curiosidade da investigação, a consciência da dignidade humana, todos esses estímulos de Deus que são ainda a nossa inspiração e o nosso orgulho." No entanto, o povo a quem o sacerdote de Sais representava, absorto na sua grande hierática, parece ter utvido apenas numa estéril noção de ordem,

para ter seus súditos e construir seus majestosos sepulcros, dominando a monotonia do deserto.

Convenhamos, pois, em que a expressão de Renan, que tantos outros escritores têm glosado com proveito, o "milagre da Grécia antiga" não pode sofrer impugnação. A dúvida que assumimos para com aquele povo tão pequeno e tão vivaz pertence ao número daquelas que não se extinguem, nem se amortizam nunca. Passam os séculos, fluem os milênios, e as criações com que o gênio grego operou no acerto da civilização mantêm-se no primeiro plano na admiração de quantos prezam a Humanidade, e a obra espiritual e moral por ela realizada, apesar das angústias e vicissitudes que a atormentam. E entre essas criações avulta o teatro, ou melhor: a poesia dramática em sua forma definitiva, que foi a tragédia.

Que a tragédia, tal como surgiu e se constituiu na Grécia antiga, nenhum povo a praticara antes, creio não haver dúvida alguma. É certo que em outros povos se produziram longos poemas dialogados; mas não se cogitava de pôr em cena as personagens e os episódios respectivos. Com efeito, nem a mais moderna maquinaria possibilitaria a apresentação — por exemplo — das estupefacentes cenas da *Shakuntala*, de Kalidasa, quando os céus se abrem e surgem nas nuvens os carros de Indra, rasgando os ares como fazem os atuais aviões estratosféricos.

Criado o novo ramo de arte, era mister designar-lhe uma padroeira entre as potestades do Olimpo. Assim, das nove deusas que formavam o séquito gracioso de Apolo, uma se destinou ao patrocínio da poesia dramática. Como nos demais casos, tal vocação se justifica: a tragédia, proveniente das festas dionísias, veio a ser uma das mais impressionantes revelações da arte daquele tempo, e exerceu influência decisiva na formação da mentalidade popular.

Melpômene recebeu, portanto, na partilha dos atributos, um esplêndido quinhão. Estranho fascínio deveria ter possuído essa filha de Júpiter para que a preferissem, como fonte de inspiração poética, alguns dos mais valentes cantores da Hélade, e para que o latino Horácio encerrasse com tão expressiva apóstrofe a ode com que assegura e anuncia a imortalidade de sua obra:

Sume superbiam
Quæsitam meritis et mihi Delphica
Lauro cinge volens, Melpomene, comam!

* * *

Recordam os historiadores, como curiosidade tão-somente, porém digna de nota, que os três mais notáveis trágicos que a Grécia produziu têm os seus nomes vinculados à batalha naval de Salamina, episódio de capital importância da segunda grande guerra grego-pérsica, ocorrido no ano 480 A.C. Realmente, Ésquilo combate, como bom patriota que era, entre os bravos que Temístocles impeliu à luta contra o temível invasor; Sófocles, então adolescente, fez parte do coro com que dias depois se festejou a esplêndida vitória; e Eurípides nasceu em Salamina, e durante a batalha, nada mais sendo lícito exigir de quem apenas entrando na existência vivha.

Pouco, ou quase nada se sabendo acerca de Téspis, de Frínico, e de outros que precederam a Ésquilo, e sendo notória a decadência da tragédia depois de Eurípides, restringe-se a esses três gloriosos autores a história da poesia dramática na Grécia. E a Atenas, a cidade onde nasceram, coube o privilégio de haver sido o berço dos três únicos poetas trágicos cujo obra resistiu à ação do tempo e chegou até nós, nada perdendo, no decurso dos séculos, de sua imponente magnitude. A cidade gloriosa, a "coroada de violetas" — como diziam os poetas,

acquiriu, assim, indiscutível direito à gratidão da posteridade, que vê nas obras que se conservaram daqueles ilustres atenienses, um dos mais belos flôres do gênio humano. Se a Grécia antiga continua a viver para nós, e perto de nós, por tudo o que soube produzir de belo e de eterno na própria essência da civilização de que somos usufrutuários, a Atenas se deve considerável parte dessas conquistas no domínio do pensamento como da razão, da arte como da literatura. "Como seria pobre a inteligência da Humanidade se não houvesse existido Atenas!", exclama Gompez na página vestibular de seu livro "Les Penseurs de la Grèce". Se bem ponderarmos, nada há que opor a essa exclamação. Imensa foi a contribuição cultural da Grécia; e dela a maior e mais preciosa parte se deve à metrópole jônia.

Não nos parece oportuno recordar aqui, com minúcias, o que ensina a História com relação ao aparecimento da tragédia, última fase da evolução por que passaram os ditirambos, primitivamente cantados por numerosos conjuntos vocais, nas festas periódicas celebradas em honra de Baco (em grego Dionisos). Basta assinalar que, como quase todas as instituições helênicas, o teatro deve sua origem à religião. Sacerdotes e arcontes presidiam às cerimônias; e a reprodução que se fazia, dos episódios da vida do deus tomou necessariamente a cooperação de personagens que dialogavam com os coreutas, e os respectivos líderes, os coréus. As despesas corriam por conta do fundo especial mantido pelo Estado (o *teoricon*), ou de um grupo de homens abastados (os *corégios*), nada, portanto, pagando os assistentes, que ainda recebiam uma indenização para que pudessem assistir à festa. Nisso consiste uma profunda diferença entre o teatro grego, que era oferecido ao povo, e o atual, que se tornou fonte de renda para o erário e exige tais tributos dos frequentadores, que passou a ser um privilégio das classes mais favorecidas da fortuna.

Com Téspis, ao que se presume, é que aparece o drama, e as peças já cogitam de outros nomes ou heróis, além de Dionisos. Este turbulento deus afinal é posto à margem. Novos autores, que não lograram fama duradoura, procuram nas lendas antigas o assunto para suas obras, redigindo suas trilogias, ou grupos de três peças cujo tema se relacionava, e com elas concorrendo anualmente aos prêmios que as autoridades ofereciam aos que apresentassem melhores produções.

Algumas advertências prévias convém formular, para os leitores que se dispõem a conhecer as tragédias gregas por meio de traduções ou escólios, visto que se torna difícil a aquisição de conhecimentos bastantes no idioma em que foram escritas.

Uma delas diz respeito à forma em que são apresentadas tais traduções. Tendo sido produzidas em verso essas admiráveis obras, não tem faltado quem se anime a interpretá-las, nos idiomas modernos, conservando-lhes a forma poética. Mas a poesia está sujeita a cânones rigorosos, e assim há de permanecer, em que pese aos que, em recentes tentativas, pretendem libertá-la de tais exigências. Eis a razão por que a empresa de trasladar para o nosso vernáculo as vementes exclamações que se contém nos versos ternos e patéticos de Sófocles ou de Ésquilo apresenta dificuldades intransponíveis. Na impossibilidade de comprimir num só verso de nosso idioma o integral conteúdo do verso grego, os tradutores são forçados, quase sempre, a modificar os termos da apóstrofe, ou a usar de circunlóquios, omissões ou acréscimos, que necessariamente importam em deslealdade para com o autor grego e para com o leitor que o deseja conhecer.

Isenta da métrica, a tradução em prosa pode, com fidelidade absoluta, acompanhar o texto clássico, do qual só se afasta nas passagens em que a rigorosa exactidão vocabular possa dar em resultado uma forma incompreensível, ou de sentido diverso daquele que o poeta quis exprimir. Em tais passos é forçoso sacrificar a palavra, para manter a

precisão da idéa. Imaginem os apuros em que se via um poeta, mesmo se dotado de real talento, ao traduzir em verso semelhante ao do original a primeira estrofe da "Marselhesa", por exemplo. Como resolveria a situação nesta passagem:

Entendez-vous dans les campagnes
Mugir ces féroces soldats?

O precedente de Odorico Mendes trasladando para o nosso idioma, em decassílabos, os poemas de Homero e de Virgílio não é de molde a animar idénticos tentames. Sítulo Romero censura, e com razão, as Incríveis extravagâncias praticadas pelo ilustre maranhense no vão propósito de utilizar vocábulos correspondentes aos belos atributos gregos, chegando ao ponto de ferir com o ridículo a duas poderosos deuses, — a quem denominou a "olhi-táurea Juno" — a "predadora Palas pulcríma", e ao invencível herói tessálio, esse reduzido à pitoresca situação de "o velocípede Aquiles". "Nesse estilo esbauceu-se de todo a poesia do velho Homero", afirma o crítico brasileiro. "Sina-nos o exemplo, e evitemo-lo!"

Enquanto nosso patríco Odorico Mendes assim se exauria para redigir aqueles imortais poemas em versos rudos, pesados, inteiramente destituídos de musicalidade, Leconte, exímio poeta francês, trazia a obra de Homero em magnífica prosa, dúctil, fluente, cantante, que transmite a quem a lê impressão muito próxima da que produziria o texto grego dos hexâmetros. Tais considerações justificam, à sociedade, a preferência dada, na elaboração do presente volume, às traduções em prosa de algumas tragédias, escolhidas entre as mais famosas do teatro ateniense. Por exceção insere-se apenas uma em verso solto (o Hipólito, de Eurípides), completado-se destarte a série agora apresentada com um trabalho antigo, de tradutor português desconhecido, que venceu com certa galhardia as dificuldades do empreendimento.

A segunda observação que nos parece oportuno fazer aos leitores acaso não familiarizados com a poesia dramática dos gregos, diz respeito à influência da música na parte atribuída aos conjuntos corais. Toda e qualquer produção destinada ao teatro perde uma grande parte de seu efeito quando apenas lida. O ambiente, o trabalho personalíssimo do artista, e os recursos da teatralidade concorrem poderosamente para o efeito sobre a assistência. No caso das tragédias gregas a diferença torna-se ainda mais sensível, porquanto faltará também a música, com que os coros e os corifeus entoavam as odes intercaladas e dialogavam com os artistas. Não esqueçamos que nos apenas lemos a obra dos trágicos gregos; os gregos viam-na e ouviam-na. Apesar da extrema simplicidade da cena grega que não se pode comparar aos modernos cenários de tão variados efeitos, a imaginação pujante do povo, surpindo as lacunas, bastava para completar os quadros, de imponente magnitude aliás, e para delles colher fortíssima impressão, capaz de agitar as massas até ao delírio.

Quem apenas ler o texto de qualquer das modernas óperas, — o Rigoletto, por exemplo, — não pode, em caso algum, fruir o mesmo encanto de quem viu as magníficas cenas e ouviu as deliciosas órias com que o gênio de Verdi se impôs aos apreciadores do bel canto. Assim, o leitor das tragédias gregas reunidas neste volume há de se conformar com a idéa de que perde considerável parte da intraduzível beleza que só aos helenos daquele tempo foi dado apreciar. Que nos console ao menos a certeza de que nem tudo se perdeu. Chegaram até nós, e aí estão, lalentes ou ostensivas, nas odes corais, e nas falas dos protagonistas, dos deuteragonistas e dos tritonistas destes imortais episódios, as paixões, os sentimentos, as idéias que tumultuavam as almas daquela gente singular. E todo esse inavaliável tesouro temo-lo a

nosso alcance, mais acessível, sem dúvida, aos que conhecem a velha Grécia e as criações de sua privilegiada estesia. Com efeito, a só leitura do texto pode proporcionar certa dose de impressões a quem se atreve a empreendê-la; mas, na verdade, é o conhecimento da lenda e da história, das concepções religiosas e políticas dos gregos antigos, e das fontes e ramos de sua arte, a condição precípua que nos habilita a compreender e a apreender toda a beleza da tragédia ateniense, e a sentir, como os espectadores do teatro de Dionrios, o terror pelo suplicio de Prometeu, a commoção pela triste sorte de Antígone, ou o conforto pelo liramento de Orestes, devido ao voto generoso de Minerva.

"É um erro supor," — diz o crítico lusitano Luís Garrido, — "que as belezas da tragédia grega se denunciam todas a um exame superficial, e que os monumentos da arte antiga são tão fáceis de compreender como os da arte moderna. Mas, que bela recompensa não está guardada para os perseverantes, que não recusarem diante dos obstáculos, e conseguirem tratar familiarmente com esses admiráveis exemplares do gênio poético dos Heleinos!"

Num ponto, único, talvez, o leitor de nosso tempo leve vantagem. É que na tragédia grega não havia, nem poderia haver, enredo, mistério ou surpresa para o assistente. Os episódios que os autores exploravam eram de sobejo conhecidos. Por via de regra, formavam o pano de fundo das velhas lendas relativas aos nunes mitológicos e às desgraças que feriram as infelizes famílias dos Atíridas, dos Labdácidas e dos Tináridas. Outro tanto já não ocorre em nossos dias, salvo o caso de leitores que conheçam profundamente as referidas lendas e tradições helênicas. Para os demais, sempre há de despertar interesse o tombo da fabulação, porquanto, mesmo quando traziam à cena as mesmas personagens e episódios, os autores dispunham de recursos próprios para atingir o trágico desenlace.

* * *

Convém, finalmente, recordar ao leitor que a tragédia grega surgiu, floresceu, e alcançou o máximo de seu esplendor no decurso do século V antes de Cristo, o que importa dizer: no período em que a Grécia viveu a fase épica de sua existência. Findara, na centúria anterior, o período de formação das irrequietas comunidades helênicas; operou-se a expansão grega pelas ilhas, pelo litoral da Ásia Menor, e no sul da península Itálica. Entra a Hélade em sua vigorosa maturidade; fortalecem-se governos e instituições; desenvolvem-se a navegação e o comércio; enriquecem e prestigiam-se as metrópoles graças ao concurso das apodéias e ciências distantes. Forma-se a democracia ateniense: eloquentes oradores discutem, na Ágora, os problemas da República. Iminem, então, os perigos da invasão e da conquista persa, e os mais valentes Estados gregos unem-se, — coisa rara! — contra o temeroso inimigo comum. Inflamam-se os ânimos na defesa da terra pátria, e também dos deuses, dos lares e penates. De tantos estímulos resultou a vitória, que teve como lídicos flores as jornadas de Salamina, de Maratona, de Platéia e de Micala, e por heróis representativos os uultos de Milcíades, de Temístocles e de Aristides. A proeminência de Atenas em tais sucessos justifica-se, pois; e com ela se explica a razão por que o novo gênero de arte proveniente dos ditrambos das festas dionísias — a tragédia — viesse a ser um gênero ateniense por excelência. O momento histórico em que surgiu a tragédia grega impunha-lhe, portanto, como nota dominante, esse orgulho muito natural num povo que, vencedor em prêmio de tamanha grauidade, adquire a nitida consciência de seu próprio valor.

Devemos convir em que a multidão que se comprinha nas arqui-

bonçadas de pedra do teatro de Dionísios, nas faldas da Acrópole, em Atenas, ao ar livre, sob aquele céu puríssimo da Ática, finha o direito de exigir, para alimento de seu estuante entusiasmo, um espetáculo consentâneo com os ardores guerreiros e patrióticos de que se sentia possuída. A tragédia devia, pois, mostrar-se na altura daquele sentir coletivo, e, fosse qual fosse o episódio da lenda ou da história ali lembrado, as odes corais, intercalando-se entre os diversos atos, deviam satisfazer aquele gosto pronunciado da assistência pelo patético e pelo sublime.

Na conhecida passagem de A Midsummer Night's Dream lança Shakespeare o ridículo sobre o antigo teatro grego, exibindo a cena daqueles rústicos indolentes que se propõem a representar uma tragédia em plena mata, para divertir o "duque" Teseu e sua corte. Admitamos que um espectador da era elisabetana se excessede em crises de hilaridade ao ver aquela cena contrafeita na qual os grotescos figurões tentam reproduzir a triste história de "Píramo e Tisbe". Isso, porém, nada prova em desfavor das velhas tragédias, pois em nossos dias alcançamos um simplório capirao representando a cena das feiticeiras do Macbeth, ou a do monólogo do Hamlet. O certo é que o grego antigo, enquanto não lhe perverteram o gosto as comédias irreverentes de Aristófanes, não via ridículo algum naqueles atores que caminhavam, soles, calçando altos coturnos, e que faziam papéis femininos em travesti, exibindo aquelas máscaras que ficaram, afinal, como um dos símbolos da arte cênica pelos tempos adiante. A mesma simplicidade da cena no teatro de Dionísios, constando apenas de alta muralha com três portas (convencionava-se que uma sena a do palácio, outra comunicaria com a ógora, ou cidade, e a terceira daria para o campo, ou país distante) — em nada prejudicava o efeito majestoso do espetáculo, porquanto o assistente viera ali tão bem do palácio de Admeto, como a praça maior de Susa, ou os rochedos adustos da deserto régio Cítia.

Admitem alguns autores que em certos teatros, cujas condições o permitissem, tenha havido plataformas giratórias, bem como paredes móveis, que tornassem passível a rápida mutação das cenas, facultando à assistência ver o que se passava no interior dos edifícios. Eis aí um progresso interessante, e tanto mais digno de admiração quanto é certo que os cenógrafos daquele tempo não dispunham dos recursos que o teatro moderno possui e utiliza para conseguir idénticos resultados. Em regra, porém, as cenas mais terríveis, — como seriam as de mortes violentas ou suicídios — eram dadas como tendo ocorrido no interior dos edifícios, e o espectador, que apenas ouvia os horrendos gritos, prantos e gemidos, logo tinha conhecimento do que se passava mediante longas narrativas feitas por atores de somenos relevância, que assim atraíam o público dos cruentos episódios que fora impossível apresentar em cena abata.

* * *

De tudo o que acima ficou exposto relativamente às condições especialíssimas em que se exibiam ao público as tragédias gregas, resulta, como conclusão lógica e natural, que essas majestosas demonstrações de arte dramática e canto coral deviam ter exercido, como efetivamente exerceram, assinalada influência na formação daquele espírito nacional que deu aos helenos em sua generalidade, mas aos jônios de Atenas especialmente, a desmedida audácia que os arastou a tantos e tão dignos cometimentos.

Com efeito, o teatro ateniense de Dionísios foi o modelo imitado por inúmeras cidades contemporâneas, desejosas de competir com Atenas no novo e brilhante gênero de arte. Não se limitou, pois, a influen-

cia da tragédia à cidade onde surgiu; estendeu-se a toda a Grécia. Aristóteles declara que determinados lances despertavam maior entusiasmo da assistência, ao passo que outros provocavam gestos de indignação e tumultos inevitáveis. E cita o caso de um certo Carcino, autor malgrado, cujo insucesso atribui ao fato de haver figurado em sua tragédia a fuga de Anfitriar, que se retira vergonhosamente do palácio sem que o público seja sabedor. É claro que sendo impossível transformar em herói quem deu provas de tamanha pusilanidade, a peça deveria ocasionar sempre as manifestações de desgosto do público, o que determinou seu completo fracasso. Pode-se comparar tal incidente ao que se verificou com o drama colombiano La Pola em cujo final, segundo se conta, os assistentes, indignados, exigiram em altos brados que fosse fuzilado no palco o vice-rei, odioso tirano, e não a heroína que inspirava simpatia. E assim se fez, prejudicada a verdade histórica, para evitar possíveis danos à mobilidade do teatro e à integridade dos artistas. Injere-se daí que não é prudente pôr em cena o que possa contrariar as paixões ou inclinações populares em plena efervescência. Na Grécia antiga o que concorreu para manter a irritação dos ânimos foi a necessidade de prolongar-se o estado de ativa e solerte vigilância, em Atenas sobretudo, enquanto a Pérsia constituía ainda sério perigo a temer.

Incontestavelmente, os impulsos patrióticos e alertas morais que encorajaram os Estados gregos na luta desigual contra o império dos Aquemênidas foram háuridos, em grande parte, nas imponentes odes em que deuses, heróis e conjuntos corais faziam a apologia da liberdade e da dignidade humanas e lançavam apóstrofes de justa indignação contra a injustiça, o vício e a tirania. Esquilo teria sido, assim, um dos grande fautores da vitória final, expondo ao povo, na sua tragédia Os Persas, o terror da multidão inimiga diante do palácio real de Susa, quando os emissários trouxeram a notícia da derrota de Salamina. Surge a rainha Atossa, a mesma altaneira e orgulhosa soberana que recomendara a seu filho Xerxes que lhe trouxesse muitas mulheres atenienses para servi-la como escravas, — e, dirigindo-se ao coro, indaga:

— Dizei, amigos, onde fica a cidade de Atenas?

— Bem longe, — responde o coro — para as bandas do Ocidente, nas plagas onde desaparece o Sol, nosso poderoso deus!

— E é essa Atenas a cidade que meu filho foi conquistar?

— Sim, rainha! E vencida Atenas, toda a Grécia estaria sujeita ao Grande Rei!

— E por acaso dispõe ela de numerosos guerreiros?

— Tantos quantos bastaram para causar um mal tremendo aos persas!

— E possuem eles abundantes riquezas?

— Sim! Eles têm os tesouros que lhes fornece a terra!

— Que soberano os domina, e comanda seus exércitos?

— Nenhum déspota os governa, rainha, nem como escravos, nem como súditos!

— Como se explica então — brada a desesperada rainha — como se explica que eles tenham resistido aos ataques de nossos guerreiros?

E o coro responde, em linguagem lamentosa:

— Tão bem como reagiram outrora àquele imenso e brilhante exército de Dario, que eles aniquilaram!...

Pouco depois era a sombra de Dario que aparecia, terrífica, verberando a covardia do filho. Aterrado, o coro de anciãos indaga como se devem conduzir os persas para, naquele transe, assegurar ao menos a sobrevivência do império.

— Evitai — responde o horripilante fantasma — evitai a guerra com os Gregos! Não os hostilizeis nunca mais, porque, ainda que nossos exércitos fossem mais numerosos que o de Xerxes, a própria terra combaterna a favor deles!

E o cora, numa lamentação lúgubre, lança ao ar a amargurada apóstrofe ao deus de seus inimigos:

"O poderoso Júpiter, tu que destruíste o exército persa, fortíssimo e inumerável, por que lançaste o negro do luto por sobre as cidadades de Susa e Ecabata? O mulheres persas! Dilacerai vossos véus e deramai lógrimas de dor e de amargura!"

E para mais exaltar o valor dos Gregos, é o próprio Xerxes que no episódio a seguir entra em cena, apavorado, lamentando em altos gritos e imprecções horrendas a desgraça que feriu seu império. Calcule-se o quanto detulha ser intenso o entusiasmo dos Gregos ao ouvir o pranto lastimoso do pusillânime déspota, e as acusações violentas da sombra de Dario. Talvez nunca mais se haja visto em cena aberta, como em Os Persas, a demonstração eloqüente do quanto é aviltante rebaixar-se um povo a mero instrumento da vontade e da prepotência de um só.

* * *

A difusão do gosto pelo teatro por todo o mundo helênico, inclusive nas cidades gregas da Ásia, da Sicília e da Itália Meridional, se, por um lado, trouxe uma fase de popularidade e fortuna para os que exploravam o gênero, (autores, artistas e cantores), por outro lado produziu a decadência da poesia dramática, que acompanha de perto o declínio da tragédia e de sua influência. Eubulo gozava de prestígio na corte de Dionísio, o truculento ditador de Siracusa; é fama que dizia ao tirano certas verdades que ele não perdoaria ao mais estimado de seus súditos. Aristodemo prestou reais serviços quando se tratou de harmonizar Filipe de Macedônia com os atenienses, depois da Querônêia. Artistas houve que, em pouco tempo, acumularam copiosas fortunas, o que sói acontecer ainda em nossos dias. Mas as tragédias que então se compunham, não obstante alguns êxitos efêmeros, não passaram à posteridade, porque não se igualavam, sob qualquer aspecto, às obras dos três grandes trágicos atenienses do século anterior.

Em tudo Aristóteles expôs, na sua Poética, as normas que lhe pareciam imprescindíveis para que uma tragédia fosse, de fato, um monumento de beleza artística e moral, capaz de produzir impressões duradouras e profundas, como as que promanavam das peças antigas. As regras preconizadas pelo ilustre sábio autor não deram outro resultado senão o de animar alguns escritores gregos, e mais tarde a alguns romanos (entre estes Séneca), a compor longas e maçudas tragédias destinadas exclusivamente à leitura, ante a absoluta impossibilidade de as exibir no teatro. Eurípides teve, nessa fase, muitos imitadores; houve certames e concederam-se prêmios em Atenas e alhures; mas nada disso evitou a decadência do gênero dramático. A comédia de Aristófanes e Menandro, divertindo o povo graças à sua comicidade, e desvirtuando-lhe o gosto com a licenciosidade, concorreu, com a grosseira pantomima romana, para a longa hibernação da tragédia grega, cuja influência só vai reaparecer nos tempos modernos, revelando-se nas imitações que inspirou a várias literaturas, especialmente no teatro clássico francês.

Na verdade, cessada a causa, deveria natural e necessariamente cessar o efeito. As cidades gregas entram no ciclo das competições e das guerras pela conquista da hegemonia. E também das ingratas discórdias internas, lutas de classes que enfraqueceram os mais possantes Estados. No entanto o gênio grego não esmaeceu logo, com essas lutas políticas e sociais; a Grécia terá ainda uma plêiade de talentos de primeira ordem. Mas não será mais a poesia o campo predileto para sua atividade. A poesia cede o lugar à eloqüência, e à filosofia. O tempo da tragédia havia passado, como antes passara o tempo das rapsódias de Homero, e de os estrofes de Títu. As tribunas do Pnix, da Ágora e

dos "demos" políticos atraíam a multidão que outrora ajuntava ao teatro de Dionisos. Falta, porém, a esse conglomeração humano, cosmopolita e heterogêneo, o sentimento do patriotismo, bem como a confiança nas instituições religiosas e políticas, e o desejo de formar, como em outros tempos, um povo consciente de seu valor e animado por um alto e nobre ideal. Unida, a Grécia resistiu à avalanche persa; desunida pela ambição da riqueza, pelos vícios que debilitavam as gerações novas, e pela corrupção que gangrenava o organismo do Estado, ela vai ser presa fácil para a conquista macedônia, e, a seguir, para o domínio romano.

A mesma fortuna trouxe consigo os germes dessa desagregação do espírito nacional, tão punjante nos áureos tempos em que Péicles reunia em torno de sua mesa frugal, homens como Fídiás, Sófocles, Eurípides e Sócrates. Com razão, carpindo os males da Grécia já valedudinária no seu tempo, diz o melancólico historiador Políbio: "Singular fatalidade, que quando uma república alcança alto grau de poder e de riqueza o povo não goza por muito tempo essa felicidade; o luxo e os prazeres corrompem os costumes, e os cidadãos perdem, simultaneamente, as virtudes pacíficas e as aptidões guerreiras." Também a Pérsia, antes tão poderosa, teve sua rápida e irremediável decadência, que Xenofonte atribui à corrupção dos guerreiros e governantes, os quais abandonaram os antigos hábitos de severa moderação para viver em banquetes e festas que se prolongavam pelo dia todo. O mais expressivo exemplo, porém, será o da opulenta e orgulhosa Síbaris, cujos depravados costumes Diodoro nos descreve em tão impressionante de-
pimento.

Teve, pois, a Grécia, na sua fase crepuscular, muitos homens notáveis; mas já não tinha grandes ideais, e, portanto, não podia produzir grandes poetas. Ainda bem que a simplicidade ingênua da vida campestre vai produzir os cantares de Teócrito. O tempo das empolgantes odes estava findo. E foi um poeta perfeitamente capaz de as conceber, que se encarregou de anunciar a inevitável ruína: Aristófanes, o autor das mais famosas comédias. Outro notável poeta, o sarcástico Alexis, expande-se nesta linguagem, assaz significativa: "Que dizes tu? O Licéu? A Academia? O Odeon? Ora... ora... alagado de softistas, onde nada há que valha a pena ver... Bebamos, Sicon! Bebamos à vontade, e tratemos de gozar a vida, enquanto é possível! Viva a alegria, Manés! Nada há melhor do que encher a barriga! Virtudes, embaixadas, comandos, tudo é vanglória, ruído inútil no país dos sonhos! A morte fará de ti um bloco gélido, no dia marcado pelos deuses. E que restará de ti? Poeta, apenas, como tudo mais é poeta, poeta de Péicles, de Codo e de Cimon!"

Cedeu, pois, a poesia dramática o seu lugar à filosofia. Aquela, porém, era uma escola de virtudes cívicas; esta, ao contrário, exerceu ação dissoluta nos estímulos patrióticos. Os poetas exaltavam o sentimento nacional; os discípulos de Sócrates intitulavam-se, como o mestre, "cidadãos do mundo". Os cantos corais de Ésquilo anatematizavam a tirania; as práticas de Zenon induziam os jovens a receber, com a mesma indiferença, a sentença ou a liberdade...

Grandiosa fora a missão histórica da tragédia grega. Coube-lhe por mais de um século produzir o oxigênio que manteve em vigor a fumaça do entusiasmo e permitiu à Grécia salvar a liberdade e a civilização, ameaçadas naquele radioso alvorecer.

J. B. Mello e Souza



Ânfora de barro, 530 a.C.



Ânfora 540/530 a.C.

Rei Édipo

A mais trágica das tragédias de Sófocles, a que, certamente, devia ter produzido maior reação por parte da assistência, é a que explora a lenda do infeliz rei tebano, cujo nome ficou ligado aos dois crimes que maior terror causavam aos gregos de outrora: o parricídio e o incesto.

A História, porém, não confirma tal suposição. O "Rei Édipo" não logrou o desejado êxito; Sófocles, no pleito final desse ano, foi classificado em igualdade de condições com Filocles, sobrinho de Ésquilo, e autor de tão escassos méritos que, não fora essa circunstância, teria caído em total e justo esquecimento. Para isso deve ter havido razões bastantes; e os comentadores concordam em atribuir o fracasso às alusões políticas que Sófocles insinuou nas entrelinhas de seus versos, as quais teriam desagradado, em Atenas, aos partidários do desastrado Alcibíades.

O certo é que, mesmo para quem conheça a lenda do maldito filho de Laio, a leitura da tragédia desperta curiosidade e emoção, o que se deve aos recursos postos em ação por Sófocles, e às inovações com que alterou, nas minúcias, a tenebrosa história.

Nos pontos capitais, — cumpre advertir, — o poeta se manteve fiel à tradição. Em que pese à fala final do coro, segundo a qual ninguém deve ser considerado feliz enquanto não houver atingido o termo de sua vida, a tese dominante do "Rei Édipo" consiste na contingência inexorável do fatalismo: "nenhuma criatura humana pode fugir a seu destino".

Debalde Laio e Jocasta, no intuito de evitar a realização de funestos vaticínios, cometeram o nefando crime de ordenar a morte de seu primogênito; em vão foi Édipo levado para terra distante; inutilmente abandonou os pais adotivos, que ele supunha legítimos, votando-se a definitivo desterro; nada disso obstruiu a marcha inflexível dos acontecimentos.

Avultam, na tragédia de Sófocles, figuras de magistral imponência. O adivinho Tirésias, velho e cego, ousando, na sua pobreza, afrontar o rei que o ameaçava, e denunciá-lo claramente, é bem o símbolo da sabedoria humana, que pensa, estuda, sabe e prevê, mas que não convence os poderosos quando com eles entra em conflito. "Se tu possuis o régio poder, ó Édipo! — eu posso falar-te de igual para igual" — declara o destemeroso sacerdote, côncio de que contra ele nada podia a prepotência do tirano.

Jocasta também se nos apresenta sob um aspecto digno de atenção, por sua incredulidade em face dos oráculos, pela serena imparcialidade com que intervém no acrimonioso debate entre Édipo e Creonte, e pela coragem resignada com que suporta as primeiras revelações da

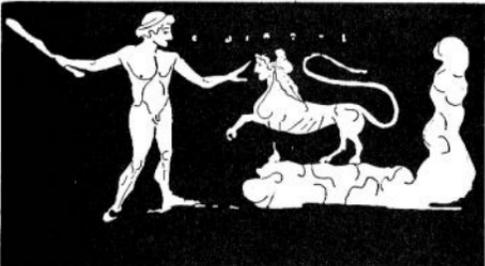
triste verdade. E a resolução que tomou, e que imediatamente cumpriu, de expiar com a morte as culpas que lhe cabiam, inspiram, sem dúvida, sentimentos de comisseração e respeito.

Édipo salienta-se, porém, pela enormidade da injustiça com que o feriu o destino, pelas vicissitudes de sua vida acidentada, pela magnanimidade com que exerce o poder supremo, e até pelos defeitos que tem, como criatura humana, e que se revelam no modo por que levemente acusou a Creonte, e nas expansões de seu orgulho e de sua cólera, — salienta-se entre as demais personagens de modo tal, que as deixa a todas em plano muito inferior, ocupando ele quase todo o quadro da tragédia. Tamoio o prestígio do "Fatum" para os gregos, o herói de Sófocles se persuade de haver cometido dois crimes abomináveis, sabe que os cometeu inconsciente e involuntariamente, e não protesta em altos brados, como seria de esperar, contra essa crueldade dos deuses, que o punem de modo atroz pela prática de monstruosidades de há muito previstas, e das quais ele procurou fugir por todos os meios a seu alcance. Só na segunda tragédia, o "Édipo em Colona", é que se verá reagir o miserando rei, acusado por Creonte, e exclamar: "Por acaso, se fosses agredido por um desconhecido numa estrada deserta, irias, antes de te defender, indagar se aquele homem era teu pai?"

Aceita Sófocles a hipótese de ter cegado Édipo depois da revelação de seus crimes, o que confirma a profecia de Tirésias. No entanto, Homero, na *Odisséia*, refere-se longamente ao rei tebano, sem mencionar a cegueira que o feriu. (*Odisséia*, XI, 271, et passim.) O que constitui fruto da imaginação de Sófocles é o modo atroz pelo qual o próprio Édipo arranca os olhos das órbitas, utilizando as presilhas de metal de seu régio manto. De tudo isso, o público só pode ter notícia indireta, mediante um narrador, pois tão horripilante cena não poderia, mesmo fingida, ser apresentada em cena aberta.

Ao leitor de nosso tempo, pouco afeito aos costumes da lendária Grécia, há de causar estranheza a insistência com que o próprio rei, ciente de sua desgraça, alude ao incesto que praticou, mesmo na tocante cena em que se despede das filhas pequeninas. Mas a leitura de outras peças da época prova que não houve demasia nesse ponto, e que tais alusões não colidiam tanto, como agora, com a sensibilidade do público.

Na verdade, apesar do julgamento dos contemporâneos do autor, o "Rei Édipo" sempre foi e continuava a ser uma das obras capitais do gênio grego, o que justifica plenamente sua divulgação.



Figuras vermelhas, 480 a. C.



Figuras vermelhas de Aquiles, 450/40 a. C.



Figuras vermelhas sobre ânfora de Aquiles, 450/40 a. C.



Figuras vermelhas sobre ânfora, 440 a.C.



Figuras vermelhas de Édipo, 470/60 a.C.

Rei Édipo

PERSONAGENS

O REI ÉDIPO
O SACERDOTE
CREONTE
TRÉSIAS

JOCASTA
UM MENSAGEIRO
UM SERVO
UM EMISSÁRIO

CORO DOS ANCIOS DE TEBAS

A ação passa-se em Tebas (Cadmêia), diante do palácio do rei ÉDIPO. Junto a cada porta há um altar, a que se sobe por três degraus. O povo está ajoelhado em torno dos altares, trazendo ramos de louros ou de oliveira. Entre os anciãos está um sacerdote de Júpiter. Abre-se a porta central; ÉDIPO aparece, contempla o povo, e fala em tom paternal.

ÉDIPO

Ó meus filhos, gente nova desta velha cidade de Cadmo, por que vos prosternais assim, junto a estes altares, tendo nas mãos os ramos dos suplicantes? Sente-se, por toda a cidade, o incenso dos sacrifícios; ouvem-se gemidos, e cânticos fúnebres. Não quis que outros me informassem da causa de vosso desgosto; eu próprio aqui venho, eu, o rei Édipo, a quem todos vós conheceis. Eia! Responde tu, ó velho; por tua idade veneranda convém que fales em nome do povo. Dize-me, pois, que motivo aqui vos trouxe? Que terror, ou que desejo vos reuniu? Careceis de amparo? Quero prestar-vos todo o meu socorro, pois eu seria insensível à dor, se não me conduísse de vossa angústia.

O SACERDOTE

Édipo, tu que reinas em minha pátria, bem vês esta multidão prosternada diante dos altares de teu palácio; aqui há gente de toda a condição: crianças que mal podem caminhar, jovens na força da vida, e velhos curvados pela idade, como eu, sacerdote de Júpiter. E todo o

restante do povo, conduzindo ramos de oliveira, se espalha pelas praças públicas, diante dos templos de Minerva, em torno das cinzas proféticas de Apolo Ismênio? Tu bem vês que Tebas se debate numa crise de calamidades, e que nem sequer pode erguer a cabeça do abismo de sangue em que se submergiu; ela perece nos germens fecundos da terra, nos rebanhos que definham nos pastos, nos insucessos das mulheres cujos filhos não sobrevivem ao parto. Brandindo seu arquite, o deus maléfico da peste devastava a cidade e dizima a raça de Cadmo; e o sombrio Hades se enche com os nossos gemidos e gritos de dor. Certamente, nós não te igualamos aos deuses imortais; mas, todos nós, eu e estes jovens, que nos acercamos de teu lar, vemos em ti o primeiro dos homens, quando a desgraça nos abala a vida, ou quando se faz preciso obter o apoio da divindade. Porque tu livraste a cidade de Cadmo do tributo que nós pagávamos à cruel Esfinge; sem que tivesses recebido de nós qualquer aviso, mas com o auxílio de algum deus, salvaste nossas vidas. Hoje, de novo aqui estamos, Édipo; a ti, cujas virtudes admiramos, nós vimos duplicar que, valendo-te dos conselhos humanos, ou do patrocínio dos deuses, dês remédios aos nossos males; certamente os que possuem mais longa experiência é que podem dar os conselhos mais eficazes! Eia, Édipo! Tu, que és o mais sábio dos homens, reanima esta infeliz cidade, e confirma tua glória! Esta nação, grata pelo serviço que já lhe prestaste, considera-te seu salvador; que teu reinado não nos faça pensar que só fomos salvos por ti, para recair no infortúnio, novamente! Salva de novo a cidade; restitui-nos a tranquilidade, ó Édipo! Se o concurso dos deuses te valeu, outrora, para nos redimir do perigo, mostra, pela segunda vez, que és o mesmo! Visto que desejas continuar no trono, bem melhor será que reines sobre homens, do que numa terra deserta. De que vale uma cidade, de que serve um navio, se no seu interior não existe uma só criatura humana?

ÉDIPO

Ó meus filhos, tão dignos de piedade! Eu sei, sei muito bem o que viestes pedir-me. Não desconheço vossos sofrimentos; mas na verdade, de todos nós, quem mais se aflige sou eu. Cada um de vós tem a sua queixa; mas eu padeco as dores de toda a cidade, e as minhas próprias. Vossa súplica não me encontra descuidado; sabe que tenho já derramado abundantes lágrimas, e que meu espírito inquieto já tem procurado remédio que nos salve. E a única providência que consegui encontrar, ao cabo de longo esforço, eu a executei imediatamente. Creonte, meu cunhado, filho de Meneceu, foi por mim enviado ao templo de Apolo, para consultar o oráculo sobre o que nos cumpre fazer para salvar a cidade. E, calculando os dias decorridos de sua partida, e o de hoje, sinto-me deveras inquieto, que lhe terá acontecido em viagem? Sua ausência já excede o tempo fixado, e sua demora não me parece natural. Logo que ele volte, considerarei-me um criminoso se eu não executar com presteza tudo o que o deus houver ordenado.

O SACERDOTE

Realmente, tu falas no momento oportuno, pois acabo de ouvir que Creonte está de volta.

ÉDIPO

Ó rei Apolo! Tomara que ele nos traga um oráculo tão propício, quanto alegre se mostra sua fisionomia!

O SACERDOTE

Com efeito, a resposta deve ser favorável; do contrário, ele não viria assim, com a cabeça coroadada de louros!¹⁹

ÉDIPO

Vamos já saber, ei-lo que se aproxima, e já nos pode falar. Ó príncipe, meu cunhado, filho de Meneceu, que resposta do deus Apolo tu nos trazes?

Entra CREONTE

CREONTE

Uma resposta favorável, pois acredito que mesmo as coisas desagradáveis, se delas nos resulta algum bem, tomam-se uma felicidade.

ÉDIPO

Mas, afinal, em que consiste essa resposta? O que acabas de dizer não nos causa confiança, nem apreensão.

CREONTE

(Indicando o povo ajoelhado.) Se queres ouvir-me na presença destes homens, eu falarei; mas estou pronto a entrar no palácio, se assim preferires.

ÉDIPO

Fala perante todos eles; o teu sofrimento me causa maior desgosto do que se fosse meu, somente.

CREONTE

Vou dizer, pois, o que ouvi da boca do deus⁴. O rei Apolo ordena, expressamente, que purifiquemos esta terra da mancha que ela mantém: que não a deixemos agravar-se até tomar-se incurável.

ÉDIPO

Mas, por que meios devemos realizar essa purificação? De que mancha se trata?

CREONTE

Urge expulsar o culpado, ou punir, com a morte, o assassino, pois o sangue maculou a cidade⁵.

ÉDIPO

De que homem se refere o oráculo à morte?

CREONTE

Laio, o príncipe, reinou outrora neste país, antes que te tornasses nosso rei.

ÉDIPÓ

Sim; muito ouvi falar nele, mas nunca o vi.

CREONTE

Tendo sido morto o rei Laio, o deus agora exige que seja punido o seu assassino, seja quem for.

ÉDIPÓ

Mas onde se encontra ele? Como descobrir o culpado de um crime tão antigo?

CREONTE

Aqui mesmo, na cidade, afirmou o oráculo. Tudo o que se procura, será descoberto; e aquilo de que descuramos, nos escapa.

ÉDIPÓ fica pensativo por um momento

ÉDIPÓ

Foi na cidade, no campo, ou em terra estranha que se cometeu o homicídio de Laio?

CREONTE

Ele partiu de Tebas, para consultar o oráculo, conforme nos disse, e não mais voltou.

ÉDIPÓ

E nenhuma testemunha, nenhum companheiro de viagem viu qualquer coisa que nos possa esclarecer a respeito?

CREONTE

Morreram todos, com exceção de um único, que, apavorado, conseguiu fugir, e de tudo o que viu só nos pôde dizer uma coisa.

ÉDIPÓ

Que disse ele? Uma breve revelação pode facilitar-nos a descoberta de muita coisa, desde que nos dê um vislumbre de esperança.

CREONTE

Disse-nos ele que foram salteadores que encontraram Laio e sua escolta, e o mataram. Não um só, mas um numeroso bando.

ÉDIPÓ

Mas como, e para que teria o assassino praticado tão audacioso atentado, se não foi coisa tramada aqui, mediante suborno?

CREONTE

Também a nós ocorreu essa idéia; mas, depois da morte do rei,

ninguém pensou em castigar o criminoso, tal era a desgraça que nos ameaçava.

ÉDIPÓ

Que calamidade era essa, que vos impediu de investigar o que se passara?

CREONTE

A Esfinge, com seus enigmas, obrigou-nos a deixar de lado os fatos incertos, para só pensar no que tínhamos diante de nós.

ÉDIPÓ

Está bem; havemos de voltar à origem desse crime, e pô-lo em evidência. É digna de Apolo, e de ti, a solicitude que tendes pelo morto; por isso mesmo ver-me-ies secundando vosso esforço, a fim de reabilitar e vingar a divindade e o país ao mesmo tempo. E não será por um estranho, mas no meu interesse que resolvo punir esse crime; quem quer que haja sido o assassino da mesma audácia. Auxiliando-vos, portanto, eu sirvo a minha própria causa*. Ela, depressa, meus filhos! Erguei-vos e tomai vossas palmas de suplicantes; que outros convoquem os cidadãos de Cadmo; eu não recuarei diante de obstáculo algum! Com o auxílio do Deus, ou seremos todos felizes, ou ver-se-á nossa total ruína!

O SACERDOTE

Levitemo-nos, meus filhos! O que ele acaba de anunciar é, precisamente, o que vínhamos pedir aqui. Que Apolo, que nos envia essa predição oracular, possa-nos socorrer, também, para pôr um fim ao flagelo que nos tortura!

*Saem ÉDIPÓ, CREONTE, O SACERDOTE. Retira-se o POVO.
Entra O CORO, composto de quinze notáveis tebanos.*

O CORO

Doce palavra de Zeus, que nos trazes do santuário dourado de Delfos à cidade ilustre de Tebas? Temos o espírito conturbado pelo terror, e o desespero nos quebranta. O Apolo, nume tutelar de Delos, tu que sabes curar todos os males, que sorte nos reservas agora, ou pelos anos futuros? Dize-nos tu, filha da áurea Esperança, divina voz imortal!

Também a ti recorremos, ó filha de Zeus. Palas eterna, e a tua divina irmã, Diana, protetora de nossa pátria, em seu trono glorioso na Ágora imensa; e Apolo, que ao longe expede suas setas; vinde todos vós em nosso socorro; assim como já nos salvastes outrora de uma desgraça que nos ameaçava, vinde hoje salvar-nos de novo!

Ai de nós, que sofremos dores sem conta! Todo o povo atingido pelo contágio, sem que nos venha à mente recurso algum, que nos possa valer! Fenecem os frutos da terra; as mães não podem resistir às dores do parto; e as vítimas de tanta desgraça atiram-se à região do deus das águas*.

Privada desses mortos inúmeros, a cidade perece, e, sem piedade, sem uma só lágrima, jazem os corpos pelo chão, espalhando o contágio terrível; as esposas, as mães idosas, com seus cabelos brancos, nos de-

graus dos altares para onde correm de todos os pontos, soltam gemidos pungentes, implorando o fim de tanta desventura. E à lamúria dolorosa se juntam os sons soturnos do péan. Dileta filha dourada de Júpiter, envia-nos, sorridente, o teu socorro!

E o poderoso Marte, que ora nos inflama sem o bronze dos escudos⁸, ferindo-nos no meio destes gritos de horror, afugental-o para bem longe de nossa terra, ou para o vastíssimo leito de Anítrite, ou para as ondas inóspitas dos mares da Trácia, porque o que a noite não mata, o dia imediato com certeza destrói. O Júpiter, nosso Pai, senhor das falcas ofuscantes, esmaga esse Marte impiedoso sob teus raios terribéis!

O rei Lício⁹, nós pedimos que do vier arco de ouro tuas flechas invencíveis fossem lançadas para nos socorrer, para nos proteger, bem como as tochas ardentes de Diana, com as quais ela percorre as colinas de tua terra. Invocamos também o deus de dourada tiara, que usa o nome de nosso país, Baco, de rubicundas faces, o deus da alegria, para que, com seu cortejo de ninfas, corra também em nosso auxílio, com seu flamejante archote, contra esse deus cruel, que ninguém venera!

Reaparece ÉDIPÓ, que sai do palácio durante a última estrofe

ÉDIPÓ

(Ao Corifeu.) Tu ergues tua súplica; e o que vens pedir aos deuses, a proteção e o alívio a teus males, tu obterás, sem demora, se quiseres ouvir minhas palavras, e agir como se faz mister, em face do flagelo. Estas palavras, dirijo a todos vós, cidadãos, sem que nada saiba acerca do assassinio: sou estranho ao crime, e a tudo o que dele se conta; assim, ouvi o que tenho a vos recomendar. Pouco avançaremos em nossas pesquisas, se não me fornecerdes alguns indícios. Só depois desse atentado é que fui admitido como cidadão entre vós; e por isso a todos vós, tebanos, declaro o seguinte: Quem quer que saiba quem matou Laio, filho de Lábdaco, fica intimado a vir à minha presença para mo dizer; mesmo que receia alguma consequência da denúncia, o criminoso que fale, antecipando uma acusação de outrem, pois nenhuma outra pena sofrerá, senão a de ser exilado do país, sem que sua vida corra perigo. Se alguém sabe que o homicida não é tebano, mas estrangeiro, não deve ocultar essa revelação, pois terá uma recompensa e o meu reconhecimento. Mas, se vós silenciais, ou se alguém, por mero temor, deixar de indicar um amigo, ou de se denunciar, eis o que ordeno que se faça, e o que ele deve saber de mim: Que nenhum habitante deste reino, onde exerce o poder soberano, receba esse indivíduo, seja quem for; e não lhe dirija a palavra, nem permita que ele participe de preces ou de holocaustos, ou receba a água lustral. Que todos se afastem dele, e de sua casa, porque ele é uma nódoa infamante, conforme acaba de nos revelar o oráculo do deus. Eis aí como quero servir à divindade, e ao finado rei. E, ao criminoso desconhecido, eu quero que seja para sempre maldito! Quer haja cometido o crime só, quer tenha tido cúmplices, que seja rigorosamente punido, arrastando, na desgraça, uma vida miserável... E se algum dia eu o recebi voluntariamente no meu lar, que sobre mim recaia essa maldição e os males que ela trará! Eu vos conjuro, cidadãos! Atendei a tudo o que vos digo, por mim, pelo deus Apolo, e por este país que perece na esterilidade e na cólera divina! Ainda que essa purificação não nos fosse prescrita pelo deus, não seria possível deixar que a cidade continuasse poluída, visto que o morto era um homem bom, e era o rei! Ao contrá-

rio, deveriamos realizar todas as pesquisas possíveis! Para tanto enforçar-me-ei agora, eu, que herdei o poder que Laio exercia, eu que tive o seu lar, que recebi sua esposa como minha esposa, e que teria perfilhado seus filhos, se ele os tivesse deixado! Sim! Por todas essas razões, como se ele fosse meu pai, tudo farei para descobrir o assassino desse filho de Lábdaco, digno descendente de Polídoro, de Cadmo e do lendário Agenor¹⁰. A todos quantos se recusam a me obedecer, desejo que os deuses lhes neguem todo e qualquer fruto da terra, e prole de suas esposas; e quero que para sempre padeçam de todos os males que ora sofremos, e de outros ainda mais cruéis. E a vós tebanos, que, certamente, aprovais meus desígnios, que a Justiça vos proteja, e que todos os deuses vos sejam propícios!

CORIFEU

Eu te falarei, ó rei, conforme determinas com tuas tremendas maldições. Nenhum de nós foi o matador de Laio; nenhum de nós sabe indicar quem o tenha sido! Que o deus Apolo, que ordenou essa pesquisa, possa revelar-nos quem teria, há tanto tempo já, cometido esse horrendo crime!

ÉDIPÓ

É justo o que dizes; mas não está em nosso poder coagir a divindade a proceder de forma contrária à sua vontade.

CORIFEU

Nova idéia proporei, além da que já disse.

ÉDIPÓ

E, se tens uma terceira, fala! Não deixes de a formular!

CORIFEU

Conheço alguém que, quase tanto como Apolo, sabe dos mistérios profundos! É Trésias. Se o interrogarmos, ó príncipe, ele nos dirá claramente o que se passou.

ÉDIPÓ

Não esqueci esse recurso; a conselho de Creonte mandei dois emissários procurá-lo. Admira-me que ainda não tenham chegado.

CORIFEU

Todos os rumores que outrora circulavam eram frívolos e antiquados.

ÉDIPÓ

Que rumores? Eu estimaria conhecer tudo o que então se acreditava.

CORIFEU

Diziam que Laio foi morto por uns viajantes.

ÉDIPO

Também isso ouvi dizer; mas não apareceu uma só testemunha ocular.

CORIFEU

Por muito pouco sensível que o assassino seja ao temor, quando soubes da maldição terrível que proferiste, não resistir!

ÉDIPO

Quem não receou cometer um crime tal, não se deixará impressionar por simples palavras.

O CORO

Acaba de chegar quem tudo nos vai descobrir! Trazem aqui o divino profeta, o único, entre todos os homens, que sabe desvendar a verdade!

*Entra TIRÉSIAS, velho e cego, guiado por um menino.
Escutam-no dois servidores de ÉDIPO.*

ÉDIPO

Ó Tirésias, que conheces todas as coisas, tudo o que se possa averiguar, e o que deve permanecer sob mistério; os signos do céu e os da terra... Embora não vejas, tu sabes do mal que a cidade sofre; para defendê-la, para salvá-la, só a ti podemos recorrer, ó Rei!!! Apolo, conforme devas ter sabido por meus emissários, declarou a nossos mensageiros que só nos libertaremos do flagelo que nos maltrata se os assassinos de Laio forem descobertos nesta cidade, e mortos ou desterrados. Por tua vez, Tirésias, não nos recuses as revelações oraculares dos pársaros, nem quaisquer outros recursos de tua arte divinatória; salva a cidade, salva a ti próprio, a mim, e a todos, eliminando esse estigma que provém do homicídio. De ti nós dependemos agora! Ser útil, quando para isso temos os meios e poderes, é a mais grata das tarefas!

TIRÉSIAS

Oh! Terrível coisa é a ciência, quando o saber se torna inútil! Eu bem assim pensava; mas creio que o esqueci, pois do contrário não teria consentido em vir até aqui.

ÉDIPO

Que tens tu, Tirésias, que estás tão desalentado?

TIRÉSIAS

Ordena que eu seja reconduzido a minha casa, ó rei. Se me atenderes, melhor será para ti, e para mim.

ÉDIPO

Tais palavras, de tua parte, não são razoáveis, nem amistosas para com a cidade que te mantém, visto que lhe recusas a revelação que te solicita.

28

TIRÉSIAS

Para teu benefício, eu bem sei, teu desejo é inoportuno. Logo, a fim de não agir imprudentemente...

ÉDIPO

Pelos deuses! Visto que sabes, não nos ocultes a verdade! Todos nós, todos nós, de joelhos, te rogamos!

TIRÉSIAS

Vós delírais, sem dúvida! Eu causaria a minha desgraça, e a tua!

ÉDIPO

Que dizes?!... Conhecendo a verdade, não falarás? Por acaso tens o intuito de nos trair, causando a perda da cidade?

TIRÉSIAS

Jamais causarei tamanha dor a ti, nem a mim! Por que me interrogas em vão? De mim nada ouvirás!

ÉDIPO

Pois quê! Ó tu, o mais celerado de todos os homens! Tu irritarias um coração de pedra! E continuarás assim, inflexível e inabalável?

TIRÉSIAS

Censuras em mim a cólera que estou excitando, porque ignoras ainda a que eu excitaria em outros! Ignoras... e, no entanto, me injurias!

ÉDIPO

Quem não se irritaria, com efeito, ouvindo tais palavras, que provam o quanto desprezas esta cidade!

TIRÉSIAS

O que tem de acontecer, acontecerá, embora eu guarde silêncio!...

ÉDIPO

Visto que as coisas futuras fatalmente virão, tu bem podes predizê-las!

TIRÉSIAS

Nada mais direi! Deixa-te levar, se quiseres, pela cólera mais violenta!

ÉDIPO

Pois bem! Mesmo irritado, como estou, nada ocultarei do que penso! Sabe, pois, que, em minha opinião, tu foste cúmplice no crime, talvez tenhas sido o mandante, embora não o tendo cometido por tuas

29

mãos. Se não fosses cego, a ti, somente, eu acusaria como autor do crime.

TIRÉSIAS

Será verdade? Pois EU! EU é que te ordeno que obedças ao decreto que tu mesmo baixaste, e que, a partir deste momento, não dirijas a palavra a nenhum destes homens, nem a mim, porque o ímpio que está profanando a cidade ÉS TU!

ÉDIPO

Quê? Tu te atreves, com essa impudência, a articular semelhante acusação, e pensas, porventura, que sairás daqui impune?

TIRÉSIAS

O que está dito, está! Eu conheço a verdade poderosa!

ÉDIPO

Quem te disse isso? Com certeza não descobriste por meio de artificios!

TIRÉSIAS

Tu mesmo! Tu me forçaste a falar, bem a meu pesar!

ÉDIPO

Mas, que dizes, afinal? Não te compreendo bem! Vamos! Repete tua acusação!

TIRÉSIAS

Afirmo QUE ÉS TU o assassino que procuras!

ÉDIPO

Oh! Não repetirás impunemente tão ultrajante acusação!

TIRÉSIAS

Será preciso que eu continue a falar, provocando ainda mais tua cólera?

ÉDIPO

Fala o quanto quiseres... O que dizes, de nada valerá.

TIRÉSIAS

Pois eu asseguro que te uniste, criminosamente, sem o saber, àqueles que te são mais caros; e que não sabes ainda a que desgraça te lanças!

ÉDIPO

Crês tu que assim continuarás a falar, sem conseqüências?

TIRÉSIAS

Certamente! Se é que a verdade tenha alguma força!

ÉDIPO

Sim! Ela a tem; mas não em teu proveito! Em tua boca, ela já se mostra fraca... Teus ouvidos e tua consciência estão fechados, como teus olhos.

TIRÉSIAS

E és tu, ó rei infeliz! — que me fazes agora esta censura... mas um dia virá, muito breve, em que todos, sem exceção, pior vitupério háo de formular contra ti!

ÉDIPO

Tu vives na treva... Não poderias nunca ferir a mim, ou a quem quer que viva em plena luz.

TIRÉSIAS

Não é destino teu cair vítima de meus golpes. Apolo para isso bastará, pois tais coisas lhe competem.

ÉDIPO

Isso tudo foi invenção tua, ou de Creonte?

TIRÉSIAS

Creonte em nada concorreu para teu mal; tu somente és teu próprio inimigo.

ÉDIPO

Ó riqueza! Ó poder! Ó glória de uma vida consagrada à ciência, quanta inveja despertais contra o homem a quem todos admiram! Sim! Porque do império que Tebas pôs em minhas mãos sem que eu o houvesse pedido, resulta que Creonte, meu amigo fiel, amigo desde os primeiros dias, se insinua sub-repticiamente sob mim, e tenta denubar-me, subornando este feticheiro, este forjador de artimanhas, este pérfido charlatão que nada mais quer, senão dinheiro, e que em sua arte é cego. Porque, vejamos: dize tu, Tirésias! Quando te revelaste um adivinho clarividente? Por que, quando a Esfinge propunha aqui seus enigmas, não sugeriste aos tebanos uma só palavra em prol da salvação da cidade? A solução do problema não devia caber a qualquer um; tomava-se necessária a arte divinatória. Tu provaste, então, que não sabias interpretar os pássaros, nem os deuses. Foi em tais condições que eu aqui vim ter; eu, que de nada sabia; eu, Édipo, impus silêncio à terrível Esfinge; e não foram as aves, mas o raciocínio o que me deu a solução. Tentas agora afastar-me do poder, na esperança de te sentares junto ao trono de Creonte!... Quer me parecer que a ti, e a teu cúmplice, esta purificação de Tebas vai custar caro. Não fosses tu tão velho, e já terias compreendido o que resulta de uma tração!

CORIFEU

A nosso ver, ó Rei, tanto tuas palavras, como as de Tirésias, foram

Inspiradas pela cólera. Ora, não se trata agora de julgar esses debates; o que urge é dar cumprimento ao oráculo de Apolo.

TÍRESIAS

Se tu possuis o régio poder, ó Édipo, eu posso falar-te de igual para igual! Tenho esse direito! Não sou teu subordinado, mas sim de Apolo; tampouco jamais seria um cliente de Creonte. Digo-te, pois, já que ofendeste minha cequeira, — que tu tens os olhos abertos à luz, mas não enxergas teus males, ignorando quem és, o lugar onde estás, e quem é aquela com quem vives. Sabes tu, por acaso, de quem és filho? Sabes que és o maior inimigo dos teus, não só dos que já se encontram no Hades, como dos que ainda vivem na terra? Um dia virá, em que serás expulso desta cidade pelas maldições maternas e paternas. Vês agora tudo claramente; mas em breve cairá sobre ti a noite eterna. Que asilo encontrarás, que não ouça teus gemidos? Que recanto da terra não vibrará com tuas lamentações quando souberes em que funesto consórcio veio terminar tua antiga carreira? Tu não podes prever as misérias sem conta que te farão igual, na desdita, a teus filhos. E agora... podes lançar toda a infâmia sobre mim, e sobre Creonte, porque nenhum mortal, mais do que tu, sucumbirá ao peso de tantas manhas desgraças!

ÉDIPO

Quem poderá suportar palavras tais? Vai-te daqui, miserável! Retra-te, e não voltes mais!

TÍRESIAS

Eu não teria vindo, se não me chamasses!

ÉDIPO

Nunca pensei que viesse aqui dizer tantas tolices; do contrário, não te mandaria buscar!

TÍRESIAS

Tu me consideras tolo; mas para teus pais — os que te deram a vida — eu sempre fui ajuizado.

ÉDIPO

Que pais? Espera um momento!... Dize: quem me deu a vida?

TÍRESIAS

Este dia mesmo far-te-á sabelor de teu nascimento, e de tua morte!¹²

ÉDIPO

Como é obscuro e enigmático tudo o que dizes!

TÍRESIAS

Não tens sido hábil na decifração de enigmas?

ÉDIPO

Podes insultar-me... Há de me engrandecer ainda.

TÍRESIAS

Essa grandeza é que causa tua infelicidade!

ÉDIPO

Se eu já salvei a cidade... O mais, que importa?

TÍRESIAS

Eu me retiro. Ó menino! Vem guiar-me!

ÉDIPO

Sim... é prudente que ele te leve! Tua presença me importuna; longe daqui não me molestarás.

TÍRESIAS

Vou-me embora, sim; mas antes quero dizer o que me trouxe aqui, sem temer tua cólera, porque não me podes fazer mal. Afirmito, pois; o homem que procura há tanto tempo, por meio de ameaçadoras proclamações, sobre a morte de Laio, ESTÁ AQUI! Passa por estrangeiro domiciliado, mas logo se verá que é tebano de nascimento, e ele não se alegrará com essa descoberta. Ele vê, mas tomar-se-á cego; é rico, e acabará mendigando; seus passos o levarão à terra do exílio, onde tateará o solo com seu bordão. Ver-se-á, também, que ele é, ao mesmo tempo, irmão e pai de seus filhos, e filho e esposo da mulher que lhe deu a vida; e que profanou o leito de seu pai, a quem matara. Vai, Édipo! Pensa sobre tudo isso em teu palácio; se me convenceres de que minto, podes, então, declarar que não tenho nenhuma inspiração profética.

(Sai TÍRESIAS)

ÉDIPO entra no palácio

O CORO

Quem será o infeliz a quem o rochedo fatídico de Delfos designa como autor dos mais monstruosos crimes? Eis o momento em que ele deveria fugir, mais veloz que os rápidos cavalos, e mais impetuoso que a tempestade! Porque, armado com os raios fulminantes, Apolo, filho de Júpiter, já se atria contra ele, perseguido pelas inexoráveis Fúrias.

* * *

Do nevoento Parnaso acaba de chegar até nós um brado horrível: que todos persigam, pelo rasto que deixa, esse criminoso desconhecido; ele vagueia pelas florestas, esconde-se nas cavernas, ou galga as montanhas como um touro acuado. Infeliz, sua comida insana isola-o cada vez mais dos homens; em vão procura fugir aos oráculos que nos vêm, do centro do mundo, e que, eternamente vivos, esvoaçam em torno dele...¹³

Terríveis, — sim! — terríveis são as dúvidas que me causam as palavras do hábil adivinho. Não sei se ele está, ou não, com a verdade; não atino o que deva pensar a respeito... Meu espírito vacila, incerto, sem compreender o passado, nem o presente. Que conflito pode haver entre os filhos de Lábdaco e os de Políbio? Nem outrora, nem hoje, nada sabemos que forneça uma prova contra a honorabilidade de Édipo, e que nos leve a vangloriar, em favor dos Labdácidas, um crime cujo autor se ignora!

* * *

Mas Júpiter e Apolo são clarividentes; eles conhecem as ações dos mortais; que um adivinho saiba, a tal respeito, mais do que nós, isso é que nada nos garante; só pela inteligência pode um homem sobrepujar a outro. Enquanto não se justificar a afirmação do adivinho, não apoiarei os que acusem Édipo. Porque foi perante todos que outrora veio contra ele a virgem alada¹⁴; vimos bem o quanto ele é inteligente, e foi mediante essa prova magnífica que ele se tomou querido pela cidade. Assim, meu espírito nunca o acusará de um crime!

Entra CREONTE, possuído de forte irritação

CREONTE

Cidadãos! Acabo de saber que Édipo formulou contra mim gravíssimas acusações, que eu não posso admitir! Aqui estou para me defender! Se, no meio da desgraça que nos aflige, ele supõe que eu o tenha atacado, por palavras ou atos, não quero permanecer sob o vexame de semelhante suspeita, pois para mim isso não seria ofensa de somenos valor, mas sim uma profunda injúria, qual a de ser por vós, e por meus amigos, considerado um traidor!

CORIFEU

Talvez essa acusação injuriosa lhe tenha sido ditada pela cólera momentânea, e não pela reflexão.

CREONTE

Quem teria insinuado a Édipo que por meu conselho o adivinho preferiu aquelas mentiras?

CORIFEU

Realmente, ele assim declarou, mas não sei com que fundamento.

CREONTE

E foi com olhar sereno e raciocínio seguro que ele ergueu tal denúncia?

CORIFEU

Não sei dizer... Não posso penetrar no íntimo dos poderosos; mas... ei-lo que sai do palácio.

Entra ÉDIPPO, bruscamente

34

ÉDIPPO

Que vieste fazer aqui? Tens coragem de vir a minha casa, tu, que conspiras contra minha vida, e pretendes arrancar-me o poder? Vamos! Dize-me, pelos deuses! pensas tu, por acaso, que eu seja um covarde, ou um demente, para conceberes tais projetos? Supunhas que eu nunca viesse a saber de tuas ações secretas, e que não as punisse logo que fossem descobertas? Não será intento de um louco pretender, sem riqueza e sem proslétos, uma autoridade que somente nos podem dar o povo e a fortuna?

CREONTE

Sabes o que importa fazer? Deixa-me responder a tuas palavras de igual para igual, e só me julgues depois de me teres ouvido!

ÉDIPPO

Tu és hábil em manobrar a palavra; mas eu não me sinto disposto a ouvir-te, sabendo que tenho em ti um inimigo perigoso.

CREONTE

A tal respeito, ouve o que te quero dizer.

ÉDIPPO

Sim; ouvirei; mas não insistas em afirmar que não és culpado.

CREONTE

Tu te enganas, se crês que a teimosia seja uma virtude.

ÉDIPPO

E tu não te iludas pensando que ofenderás a um parente, sem que recebas o devido castigo.

CREONTE

De acordo; tens razão nesse ponto; mas dize-me qual foi a ofensa que te fiz!

ÉDIPPO

Foste tu, ou não, quem me aconselhou a mandar vir esse famoso profeta?

CREONTE

Sim; e mantenho minha opinião acerca dele.

ÉDIPPO

Há quanto tempo Laio...

CREONTE

Mas que fez ele? Não compreendo!...

35

ÉDIPO

...Desapareceu, vítima de um assassino?

CREONTE

Já lá se vão muitos anos!

ÉDIPO

E já nesse tempo Tírsias exercitava sua ciência?

CREONTE

Sim; ele já era, então, sábio e respeitado.

ÉDIPO

E, nessa época, disse ele alguma coisa a meu respeito?

CREONTE

Nunca! pelo menos em minha presença.

ÉDIPO

E vós não fizestes pesquisas a fim de apurar o crime?

CREONTE

Fizemos, certamente, mas nada se descobriu.

ÉDIPO

Como se explica, pois, que esse homem tão hábil, não tivesse dito então o que diz hoje?

CREONTE

Não sei; e, quando desconheço uma coisa, prefiro calar-me!

ÉDIPO

Tu não ignoras, no entanto, e deves em plena consciência confessar...

CREONTE

Que devo eu confessar? Tudo o que souber, direi!

ÉDIPO

...Que, se ele não estivesse de conluio contigo, nunca viria dizer que a morte de Laio foi crime por mim cometido.

CREONTE

Que ele disse, tu bem sabes. Mas também eu tenho o direito de te dirigir algumas perguntas.

ÉDIPO

Pois interroga-me! Tu não me convencerás de que haja sido eu o assassino.

CREONTE

Ora vejamos: tu desposaste minha irmã?

ÉDIPO

É impossível responder negativamente a tal pergunta.

CREONTE

E reinas tu neste país com ela, que partilha de teu poder supremo?

ÉDIPO

Sim; e tudo o que ela deseja, eu imediatamente executo.

CREONTE

E não serei eu igualmente poderoso, quase tanto como vós?

ÉDIPO

Sim; e por isso mesmo é que pareces ser um perdido amigo.

CREONTE

Não, se raciocinares como eu. Examina este primeiro ponto: acreditas que alguém prefira o trono, com seus encargos e perigos, a uma vida tranqüila, se também destrua poder idêntico? Por minha parte, ambiciono menos o título de rei, do que o prestígio real; e como eu penso todos quantos saibam limitar suas ambições. Hoje alcanço de ti tudo quanto desejo; e nada tenho a temer... Se fosse eu o rei, muita coisa, certamente, faria contra a minha vontade... Como, pois, iria eu pretender a realeza, em troca de um valimento que não me causa a menor preocupação? Não me julgo tão insensato que venha a cobiçar o que não seja para mim, ao mesmo tempo honroso e proveitoso. Atualmente, todos me saúdam, todos me acolhem com simpatia; os que algo pretendem de ti, procuram conseguir minha intercessão; para muitos é graças a meu patrocínio que tudo se resolve. Como, pois, deixar o que tenho, para pleitear o que dizes? Tãmanha perfídia seria também uma verdadeira tolice! Não me seduz esse projeto; e, se alguém se propusesse a tentá-lo, eu me oporia à sua realização. Eis a prova do que afirmo: vai tu mesmo a Delfos e procura saber se eu não transmiti fielmente a resposta do oráculo. Eis outra indicação: se tu provares que eu estou de concerto com o adivinho, condenar-me-ás à morte não por um só voto, mas por dois: o teu e o meu. Não me acuses baseado em vagas suspeitas, sem me ouvir primeiro. Não é lícito julgar levemente, como perversos, os homens íntegros, assim como não é justo considerar íntegros os homens desonestos. Rejeitar um amigo fiel, penso eu, equivale a desprezar a própria vida, esse bem tão precioso! O tempo fará com que reconheças tudo isso com segurança, pois só ele nos pode revelar quando os homens são bons, ao passo que um só dia basta para evidenciar a maldade dos maus.

Para quem, sinceramente, quer evitar a injustiça, ele muito bem te falou, ó rei. É sempre falível o julgamento de quem decide sem ponderação!

ÉDIPO

A fim de revidar um ataque às ocultas urdido contra mim, devo estar pronto, sempre, para a defesa. Se eu esperar tranquilamente, os planos deste homem serão realizados, e os meus fracassarão.

CREONTE

Que pretendes tu, nesse caso? Exilar-me do país?

ÉDIPO

Não! É tua morte, e não apenas o desterro o que eu quero.

CREONTE

Mas... quando puderes comprovar que eu conspiro contra ti!

ÉDIPO

Falas como quem se dispõe a não obedecer?

CREONTE

Sim, porque vejo que não estás deliberando com discernimento.

ÉDIPO

Só eu sei o que me convém fazer, no meu interesse.

CREONTE

Mas, nesse caso, também o meu interesse deve ser atendido!

ÉDIPO

Mas tu és um traidor!

CREONTE

E se o que afirmas não for verdade?

ÉDIPO

Seja como for, eu devo ser obedecido!

CREONTE

Não, se ordenares o que não for justo!

ÉDIPO

Ó cidade de Tebas!

Também eu posso convocar a cidade: ela não é tua, exclusivamente!

O CORO

Acalmal-vos, ó Príncipes! Muito a propósito vem ter convosco a rainha Jocasta: vejo-a neste momento sair do palácio. Ela dará, certamente, a vosso dissídio, feliz solução.

Entra JÓCASTA

JÓCASTA

Por que provocastes, infelizes, esse imprudente debate? Não vos envergonhais em discutir questões íntimas, no momento em que atroz calamidade cai sobre o país? Volta a teu palácio, Édipo; e tu, Creonte, a teus aposentos. Não exciteis, com palavras vãs, uma discórdia funesta.

CREONTE

Édipo, teu marido, ó minha irmã, julga acertado tratar-me cruelmente, impondo-me ou o desterro para longe da pátria, ou a morte.

ÉDIPO

É verdade, minha esposa. Acuse-o de conspirar contra a minha pessoa.

CREONTE

Que seja eu desgraçado! Que morra maldito se cometi a perfídia de que me acusas!

JÓCASTA

Pelos deuses, Édipo, — creê no que ele te diz! E creê, não só pelo juramento que proferiu, mas também em atenção a mim e a todos, quantos estão presentes!

O CORO

Deixa-te persuadir, rei Édipo! Nós te pedimos!

ÉDIPO

Como, e em quê, desejas que eu ceda?

O CORO

Este homem não é criança, Édipo! Se prestou tão solene juramento, respeita-o!

ÉDIPO

Sabeis, acaso, o que ele pretende?

CORIFEU

Eu sei!

ÉDIPO

Explica-te, pois!

CORIFEU

Não acuses por uma vaga suspeita, e não lances à desonra um amigo que se votou, ele próprio, à eterna maldição!

ÉDIPO

Sabes que tal pedido equivale a querer minha morte, ou meu exílio para país distante?

CORIFEU

Não! Pelo Deus supremo! Por Hélios! Que eu morra, detestado pelos deuses e pelos homens se tiver semelhante pensamento! Mas a desgraça que me aflige, e a todo o povo de Tebas, já é bastante; não queiramos acrescentar-lhe novos motivos de desgosto!

ÉDIPO

Que ele se retire, pois, ainda que disso resulte minha morte, ou meu desterro! Cedo a vosso pedido, ó tebanos! — e não ao dele; só o vosso me comoveu! Creonte, esteja onde estiver, ser-me-á sempre odioso!

CREONTE

Cedeste contra a vontade, vê-se bem; mas sentirás remorsos, quando tua cólera se extinguir. Um caráter como o teu é uma fonte de dissabores.

ÉDIPO

Não me deixarás, finalmente, em paz? Queres, ou não, sair de Tebas?

CREONTE

Sim! Eu partirei! Doravante não me verás, nunca mais! Para os tebanos, porém, serei sempre o mesmo!

(Sai CREONTE)

CORIFEU

Ó rainha, por que não conduzes teu marido para o palácio?

JOCASTA

Farei o que pedes, quando souber o que se passou.

CORIFEU

Fúteis palavras provocaram vagas suspeitas; ora, mesmo o que carece de fundamento muita vez nos corrói o coração.

JOCASTA

E as ofensas foram recíprocas?

CORIFEU

Oh! Certamente que sim.

JOCASTA

E que diziam eles?

CORIFEU

Melhor fora, ó rainha, encerrar este conflito no ponto em que ficou, pois já nos amargura demais o infortúnio de nosso país.

ÉDIPO

Vês tu a que situação chegamos, apesar de tuas boas intenções? E tudo porque descuraste de meus interesses, e deixaste diminuir a afeição que tinhas por mim.

O CORO

Já muitas vezes te dissemos, ó príncipe, que nós seríamos em nossa própria opinião, loucos e imprudentes se te abandonássemos agora, a ti, que nos puseste no bom caminho quando a pátria sucumbia! Sé, pois, hoje como outrora, o nosso guia!

Momento de silêncio

JOCASTA

Mas, pelos deuses, Édipo, diz-me: por que razão te levaste a tão forte cólera?

ÉDIPO

Vou dizer-te, minha mulher, porque te venero mais do que a todos os tebanos! Foi por causa de Creonte, e da trama que urdiu contra mim.

JOCASTA

Explica-me bem o que houve, para que eu veja se tuas palavras me convencem.

ÉDIPO

Ele presume que tenha sido eu o matador de Laio!

JOCASTA

Mas... descobriu ele isso, ou ouviu de alguém?

Ele insinuou isso a um adivinho, um simples impostor, porquanto ele próprio nada se atreve a afirmar.

JOCASTA

Ora, não te preocupes com o que dizes; ouve-me, e fica sabendo que nenhum mortal pode devassar o futuro. Vou dar-te já a prova do que afirmo. Um oráculo outrora foi enviado a Laio, não posso dizer se por Apolo em pessoa, mas por seus sacerdotes, talvez... O destino do rei seria o de morrer vítima do filho que nascesse de nosso casamento. No entanto, — todo o mundo sabe e garante, — Laio pereceu assassinado por salteadores estrangeiros, numa encruzilhada de três caminhos. Quanto ao filho que tivemos, muitos anos antes, Laio amarrou-lhe as articulações dos pés, e ordenou que mãos estranhas o precipitassem numa montanha inacessível. Nessa ocasião, Apolo deixou de realizar o que predisse!... Nem o filho de Laio matou o pai, nem Laio veio a morrer vítima de um filho, morte horrenda, cuja perspectiva tanto o apavorava! Eis aí como as coisas se passaram, conforme as profecias oraculares! Não te aflijas, pois; o que o deus julga que deve anunciar, ele revela pessoalmente!

Momento de silêncio

ÉDIPPO

Como esta narrativa me traz a dúvida ao espírito, mulher! Como me conturba a alma!...

JOCASTA

Que inquietação te pode causar esta lembrança do nosso passado?

ÉDIPPO

Suponho que disseste ter sido Laio assassinado numa tríplice encruzilhada?

JOCASTA

Sim; disseram então, e ainda agora o afirmam.

ÉDIPPO

E onde se deu tamanha desgraça?

JOCASTA

Na Fócida, no lugar exato em que a estrada se biparte nos caminhos que vão para Delfos e para Dáulis.

ÉDIPPO

E há quanto tempo aconteceu isso?

JOCASTA

A notícia aqui chegou pouco antes do dia em que foste aclamado rei deste país.

Ó Júpiter! Que quisesse fazer de mim?

JOCASTA

Dize-me, Édipo, que é que tanto te impressiona assim?

ÉDIPPO

Não me perguntes nada, ainda. Como era então Laio? Que idade teria?

JOCASTA

Era alto e corpulento; sua cabeça começava a branquear. Parecia-te um pouco contigo!¹⁵

ÉDIPPO

Ai de mim! Receio que tenha proferido uma tremenda maldição contra mim mesmo, sem o saber!

JOCASTA

Que dizes tu? Teu semblante causa-me pavor, ó príncipe!

ÉDIPPO

Estou aterrado pela suposição de que o adivinho tenha acertado... Mas tu me elucidarás melhor, se acrescentares algumas informações.

JOCASTA

Também eu me sinto inquieta... mas responderei imediatamente a tuas perguntas.

ÉDIPPO

Viajava o rei Laio com reduzida escolta, ou com um grande número de guardas, como um poderoso soberano que era?

JOCASTA

Ao todo eram cinco os viajantes, entre os quais um arauto. Um só carro conduzia Laio!¹⁶

ÉDIPPO

Ah! Agora já se vai esclarecendo tudo... Mas quem te forneceu estas minúcias, senhora?

JOCASTA

Um servo que voltou, o único que conseguiu salvar-se.

ÉDIPPO

E vive ainda no palácio, esse homem?

Não. Quando voltou a Tebas, e viu que tu exercias o poder real, em substituição ao falecido rei Laio, ele me pediu, encarecidamente, que o mandasse para o campo, a pastorear os rebanhos, para que se visse o mais possível longe da cidade. E eu atendi a esse pedido, pois na verdade, mesmo sendo ele um escravo, merecia ainda maior recompensa.

ÉDIPO

Seria possível trazê-lo imediatamente ao palácio?

JOCASTA

Certamente. Mas... para que chamá-lo?

ÉDIPO

É que eu receio, senhora, já ter descoberto muita coisa do que ele me vai dizer.

JOCASTA

Pois ele virá. Mas também eu tenho o direito de saber, creio eu, o que tanto te inquietava.

ÉDIPO

Não te recusarei essa revelação, visto que estou reduzido a uma última esperança. A quem poderia eu, com mais confiança, fazer uma confidência de tal natureza, na situação em que me encontro?

Momento de silêncio

ÉDIPO

(Prosseguindo, em tom de confiança.) Meu pai é Políbio, de Corinto; minha mãe, Mérope, uma dória. Eu era considerado como um dos mais notáveis cidadãos de Corinto, quando ocorreu um incidente fortuito, que me devia surpreender, realmente, mas que eu talvez não devesse tomar tanto a sério, como fiz. Um homem, durante um festim, bebeu em demasia, e, em estado de embriaguez, pôs-se a insultar-me, dizendo que eu era um filho enjetado. Possuído de justa indignação, contive-me naquele momento, mas no dia imediato procurei meus pais e interroguei-os a respeito. Eles irritaram-se contra o autor da ofensa, o que muito me agradou, pois o fato me havia profundamente impressionado. À revelia de minha mãe, e de meu pai, fui ao templo de Delfos; mas, às perguntas que propus, Apolo nada respondeu, limitando-se a anunciar-me uma série de desgraças, horríveis e dolorosas; que eu estava fadado a unir-me em casamento com minha própria mãe, que apresentaria aos homens uma prole malsinaada, e que seria o assassino de meu pai, daquele a quem devia a vida. Eu, diante de tais predições, resolvi, guiando-me apenas pelas estrelas, exilar-me para sempre da terra coríntia, para viver num lugar onde nunca se pudessem realizar — pensava eu — as torpezas que os funestos oráculos haviam prenunciado. Caminhando, cheguei ao lugar onde tu dizes que o rei pereceu. A ti, mulher, vou dizer a verdade, do princípio ao fim¹⁷. Seguia eu minha

rota, quando cheguei àquela tríplice encruzilhada; ali, surgem-me pela frente, em sentido contrário, um arauto, e logo após, um carro tirado por uma parelha de cavalos, e nele um homem tal como me descreveste. O cocheiro e o viajante empurraram-me violentamente para fora da estrada. Furioso, eu ataquei o cocheiro; nesse momento passava o carro a meu lado, e o viajante chicoteou-me na cara com o seu duplo rebenque. Ah! mas ele pagou caro essa afronta: ergui o bordão com que viajava, e bati-lhe, com esta mão; ele caiu, à primeira pancada, no fundo do carro. Atacado, matei os outros¹⁸. Se aquele velho tinha qualquer relação com Laio, quem poderá ser mais desgraçado no mundo do que eu? Que homem será mais odiado pelos deuses? Nenhum cidadão, nenhum forasteiro o poderá receber em sua casa, nem dirigir-lhe a palavra... Todos terão que me repelir... E o que é mais horrível é que eu mesmo profiro essa maldição contra mim! A esposa do morto, eu a maculo tocando-a com minhas mãos, porque foram minhas mãos que o mataram... Não sou eu um miserável, um monstro de impureza? Não é forçoso que me exile, e que, exilado, não mais possa voltar à minha pátria de origem, nem ver os que me eram caros, visto que estou fadado a unir-me à minha mãe, e a matar meu pai, a Políbio, o homem que me deu a vida e me criou? Não pensaria bem aquele que afirmasse que meu destino é obra de um deus malvado e inexorável? Ó Potestade divina, não, e não! Que eu desapareça dentre os humanos antes que sobre mim caia tão acerba vergonha!

CORIFEU

Também a nós, ó rei! também a nós tudo isso emociona; mas tem esperança, aguardando a testemunha que tudo esclarecerá!

ÉDIPO

Oh! Sim! É a única esperança que me resta, a palavra desse pastor que aí vem.

JOCASTA

E por que a presença desse homem te poderá tranquilizar?

ÉDIPO

Vou dizer-te já: se o seu depoimento coincidir com o que disseste, eu estou salvo!

JOCASTA

Que revelação teria sido essa, tão importante, que ouviste de mim?

ÉDIPO

Conforme declaraste há pouco, esse homem dissera que Laio foi assassinado por saltadores. Se ele persistir em tal afirmativa, não teria sido eu o assassino, pois ninguém confunde um homem só com vários. Mas se ele se referir a tu só agressor, é evidente que fui eu o autor do crime...

JOCASTA

Sim! Certamente! Ele o disse, e não poderá agora negar seu tes-

temunho! Todo o povo o ouviu, então; não fui a única. No entanto, ainda que mude agora sua narração, nunca poderá provar que a morte de Laio foi obra tua, visto que pelo oráculo de Apolo o rei devia morrer às mãos de meu filho; ora, esse filho infeliz não poderia ter ferido a Laio, porque morreu antes dele. Em tal caso, eu não daria mais nenhum valor aos oráculos!...¹⁹

ÉDIP

Tens razão. Manda, pois, chamar esse escravo, sem demora.

JOCASTA

Vou mandar, imediatamente! Mas entremos no palácio. Nada quero fazer, que te desagrade.

(*Saem ÉDIP e JOCASTA*)

O CORO

Possa eu conservar a mais santa pureza quer em minhas palavras quer em minhas ações! Possa eu obedecer na vida, às leis sublimes, instituídas pela Providência Divina, da qual é o Olimpo o supremo pai! Não as criou a natureza mortal dos humanos, e nunca as apagará o sono do esquecimento; vive nelas uma potestade divina, a que a velhice não pode atingir.

O orgulho é que produz o tirano²⁰, e quando tiver em vão acumulado excessos e imprudências, precipitar-se-á do fastígio de seu poder num abismo de males, de onde não mais poderá sair! Mas suplicamos ao deus que não cesse a campanha pela salvação da cidade; a divindade será sempre a nossa protetora.

A todo aquele que se mostrar prepotente por suas ações ou por suas palavras: que não venera santuários, nem respeita a Justiça, — que uma funesta morte o castigue, punindo-o por sua insolência! Se ele fizer fortuna, pelo sacrilégio e pela impiedade, quem mais quererá manter o domínio de sua alma? Se tão nefandos crimes merecem honrarias, de que vale entoar cânticos em louvor dos deuses? Não mais iremos ao santuário central da terra a fim de prestar culto ao deus, nem ao templo de Abê, nem a Olímpia, se esses oráculos não mais se realizarem, de modo que possam ser citados como exemplo a todos os homens. O deus todo-poderoso, se mereces esse título, Zeus, senhor supremo, que isso não passe despercebido a teu poder imortal; se de nada valeram os oráculos enviados a Laio, serão desprezados; Apolo não mais será honrado com o devido esplendor, e o culto dos deuses desaparecerá!

*Entra JOCASTA acompanhada por suas
damas de companhia*

JOCASTA

Senhores desta cidade, tive a idéia de levar aos templos dos deuses estas coroas, e estes perfumes. Édipo continua perturbado por inquietação terrível... Recusa-se a interpretar de modo sensato os oráculos novos de acordo com os antigos; ao contrário, confia em quantos lhe venham dizer coisas apavorantes! Visto que por minhas súplicas nada consegui de ti, Apolo Lício, que és o deus mais próximo de nós, irei, como suplicante, com estes dons votivos, para que, dissipando todas as

sombras do terror, nos tragas a tranquilidade. Todos nós nos sentimos amedrontados, como marinheiros que vêm o seu piloto em desatino.

*Enquanto ela depõe suas oferendas, surge
um MENSAGEIRO*

MENSAGEIRO

Poderéis dizer-me, ó estrangeiros, onde fica o palácio do rei Édipo? Dizei-me, sobretudo: — onde está o rei?

CORIFEU

Seu palácio, ei-lo aqui. O rei está em seus aposentos. Aqui está a rainha, sua esposa e mãe de seus filhos²¹.

MENSAGEIRO

Que viva sempre feliz, a esposa legítima desse homem!

JOCASTA

E que o mesmo aconteça a ti, peregrino, porque bem o mereces, por tuas bondosas palavras. Mas diz por que vieste, e que notícias nos queres anunciar.

MENSAGEIRO

Coisas favoráveis para tua casa, e teu marido, senhora.

JOCASTA

De que se trata? De onde vens tu?

MENSAGEIRO

De Corinto. A notícia que te trago ser-te-á muito agradável; sem dúvida que o será; mas pode também causar-te alguma contrariedade.

JOCASTA

Mas que notícia será essa, que produz, assim, um duplo efeito?

MENSAGEIRO

Os cidadãos do Istmo²² resolveram aclamar rei a Édipo, segundo dizem todos.

JOCASTA

Quê? O venerando Políbio já não exerce o poder?

MENSAGEIRO

Não... A morte levou-o à sepultura.

JOCASTA

Que dizes tu? Morreu Políbio?

MENSAGEIRO

Que eu pereça já, se não for a pura verdade!

JOCASTA

Mulher, corre! Vai, ligeira, dar esta notícia ao rei. Oh! Que será dos oráculos sagrados! Foi com receio de matar a esse homem, que Édipo se exilou; e agora se vê que não foi morto por Édipo, mas sim pelo destino!

Entra ÉDIPO

ÉDIPO

Jocasta, minha querida esposa, por que me mandaste chamar?

JOCASTA

Ouve o que diz este homem, e vê de que valem os oráculos do deus!

ÉDIPO

Quem é ele, e que novas nos traz?

JOCASTA

Acaba de chegar de Corinto, e comunica-nos que Políbio, teu pai, deixou de viver.

ÉDIPO

Que dizes, estrangeiro?! Fala tu mesmo!

MENSAGEIRO

Se deve ser essa a minha primeira declaração, eu a confirmo; sabe que teu pai faleceu.

ÉDIPO

Foi vítima de alguma traição, ou por enfermidade?

MENSAGEIRO

Por pequeno que seja, um abalo moral pode matar um homem idoso.

ÉDIPO

Pelo que vejo, ele morreu em consequência de alguma doença.

MENSAGEIRO

Ele já não era jovem!

ÉDIPO

Ora eis aí, minha mulher! Para que, pois, dar tanta atenção ao

solar de Delfos, e aos gritos das aves no ar? Conforme o oráculo, eu devia matar meu pai; ei-lo já morto, e sepultado, estando eu aqui, sem ter sequer tocado numa espada... A não ser que ele tenha morrido de desgosto, por minha ausência... caso único em que eu seria o causador de sua morte! Morrendo, levou Políbio consigo o prestígio dos oráculos; sim! os oráculos já não têm valor algum!

JOCASTA

E não era isso o que eu dizia, desde muito tempo?

ÉDIPO

Sim; é a verdade; mas o medo me apavorava.

JOCASTA

Doravante não lhes daremos mais atenção.

ÉDIPO

Mas... não deverei recuar o leito de minha mãe?

JOCASTA

De que serve afligir-se em meio de terrores, se o homem vive à lei do acaso, e se nada pode prevenir ou pressentir! O mais acertado é abandonar-se ao destino. A idéia de que profanarás o leito de tua mãe te aflige; mas tem havido quem tal faça em sonhos... O único meio de conseguir a tranqüilidade de espírito consiste em não dar importância a tais temores.

ÉDIPO

Terias toda a razão se minha mãe não fosse viva; mas, visto que ela vive ainda, sou forçado a precaver-me, apesar da justiça de tuas palavras.

JOCASTA

No entanto, o túmulo de teu pai já é um sossego para ti!

ÉDIPO

Certamente! Mas sempre receio aquela que vive.

MENSAGEIRO

E quem é a mulher que te causa esses temores?

ÉDIPO

É Mérope, ó velho; que era casada com Políbio.

MENSAGEIRO

E que tem ela, para provocar tantas apreensões?

ÉDIPO

É um oráculo dos deuses, estrangeiro! Um oráculo terrível.

MENSAGEIRO

Podes revelar-me esse oráculo, ou é vedado a outros conhecê-lo?

ÉDIPO

Pois vais saber: Apolo disse um dia que eu me casaria com minha própria mãe, e derramara o sangue de meu pai. Eis aí por que resolvi, há muitos anos, viver longe de Corinto... Tive razão; mas é tão agradável contemplar o rosto de nossos pais!

MENSAGEIRO

E foi por causa desses receios que te exilaste de lá?

ÉDIPO

Também porque não queria ser o assassino de meu pai, ó velho!

MENSAGEIRO

Oh! Por que não te livrai eu de tais cuidados, eu, que sempre te quis bem?

ÉDIPO

Seguramente, eu te recompensaria por tamanho benefício, como seria de justiça!

MENSAGEIRO

E foi precisamente por isso que aqui vim ter, para que, depois de teu regresso a Corinto, eu possa colher algum proveito.

ÉDIPO

Mas eu não irei residir com os meus parentes, em caso algum!

MENSAGEIRO

Meu filho, vê-se bem que não sabes o que fazes!

ÉDIPO

Por que dizes isso, velho? Pelos deuses, explica-te!

MENSAGEIRO

Se é por esse motivo que não queres retomar a tua casa...

ÉDIPO

Receio que Apolo venha a ser um deus que realmente diga a verdade.

MENSAGEIRO

Temes, pois, praticar um crime de incesto em teu lar?

ÉDIPO

É isso, tão-somente, ó velho, o que me assusta!

MENSAGEIRO

Sabes, por acaso, que esse receio absolutamente não se justifica?

ÉDIPO

Como não? Pois se eles foram meus progenitores...

MENSAGEIRO

Políbio nenhum parentesco de sangue tinha contigo!

ÉDIPO

Que dizes?!... Políbio não era meu pai?

MENSAGEIRO

Era-o tanto como eu; nem mais, nem menos!

ÉDIPO

E como se explica que meu pai tenha sido para mim o que é um estranho qualquer?

MENSAGEIRO

É que ele não era teu pai, como eu não sou!

ÉDIPO

E por que me considerava, então, seu filho?

MENSAGEIRO

Porque há muitos anos ele te recebeu, de minhas mãos!

ÉDIPO

E apesar de me ter assim recebido, queria-me tanto bem!

MENSAGEIRO

Eu explico: até então ele não tinha tido filhos...

ÉDIPO

E tu me tinhas achado, ou comprado, quando fui por ti entregue a ele?

MENSAGEIRO

Eu te havia encontrado na grota do Citéron.

ÉDIPO

Que fazias tu nesses lugares?

MENSAGEIRO

Eu apascentava ali um rebanho montanhês.

ÉDIPO

Eras, então, pastor, e trabalhavas por conta de alguém?

MENSAGEIRO

Sim... e fui o teu salvador, meu filho!

ÉDIPO

E de que mal sofria eu, quando me encontraste, em tão miserável situação?

MENSAGEIRO

As articulações de teus pés poderiam dar a prova disso...

ÉDIPO

Que antiga dor tu me recordas assim!

MENSAGEIRO

Eu te desamarei; tu tinhas as extremidades dos pés furadas.

ÉDIPO

Oh! Que horrível cicatriz eu conservei, desses primitivos anos!

MENSAGEIRO

Daí proveio o nome que te demos²⁹.

ÉDIPO

Dize-me — pelos deuses! — quem ordenou tal coisa: meu pai, ou minha mãe?

MENSAGEIRO

Não sei dizer; mas aquele que te deixou em minhas mãos certamente saberá.

ÉDIPO

Tu me recebeste, então, de outro? Não me encontraste abandonado?

MENSAGEIRO

Não; foi um pastor que te entregou a mim.

ÉDIPO

Quem é ele? Podes indicá-lo?

MENSAGEIRO

Ele se dizia servo de Laio.

ÉDIPO

Do antigo rei deste país?

MENSAGEIRO

Precisamente! Era um pastor desse rei.

ÉDIPO

Vive ainda esse homem? Ser-me-á possível vê-lo?

MENSAGEIRO

(Aos Coreutas.) Vós, que viveis nesta cidade, certamente podereis responder melhor do que eu!

ÉDIPO

(Aos Coreutas.) Há, entre vós, quem conheça o pastor a quem ele se refere, ou que o tenha visto no campo, ou na cidade? Respondei, pois é este o momento em que deve ser esclarecido esse caso.

O CORO

Suponho que se trata do camponês que tu queres ver; mas Jocasta é quem pode certificar-te a respeito.

ÉDIPO

(A Jocasta.) Senhora, acreditas que o homem a quem mandamos há pouco chamar, seja o mesmo a quem este mensageiro se refere?

JOCASTA

De quem te falou ele? Ora... não penses nisso; o que ele diz não tem importância alguma.

ÉDIPO

É impossível que com tais indícios eu não descubra, afinal, a verdade acerca de meu nascimento.

JOCASTA

Pelas divindades imortais! Se tens amor a tua vida, abandona essa preocupação. (A parte.) Já é bastante o que eu sei para me torturar.

ÉDIPLO

Tranqüiliza-te! Mesmo que eu tivesse sido escravo desde três gerações, tu não serás humilhada por isso!

JOCASTA

Não importa! Escuta-me! Eu te suplico! Não insistas nessa indagação!

ÉDIPLO

Em caso algum desistirei de elucidar esse mistério.

JOCASTA

No entanto, é para teu bem que assim te aconselho.

ÉDIPLO

Acredito... mas esses conselhos teus há muito me importunam!

JOCASTA

Infeliz! Tomara que tu jamais venhas a saber quem és!

ÉDIPLO

(Aos Coreutas.) Afinal, vai, ou não vai, alguém procurar esse pastor? Deixemo-la orgulhar-se de sua opulenta jerarquia!

JOCASTA

Ai de ti, mísero infeliz! Eis o único título que te posso dar, e nunca mais te tratarei de outra forma!

Sai JOCASTA. *Momento de silêncio.*

CORIFEU

Por que razão, ó rei, tua esposa se retira, possuída de tamanho desespero? Receio bem que dessa estranha atitude possam provir novos dissabores.

ÉDIPLO

Que venha o que vier, mas minha origem, por humilde que seja, eu quero conhecer! Ela, sem dúvida, orgulhosa como mulher, envergonha-se por meu baixo nascimento. Eu, porém, considero-me um protegido da Fortuna, e por isso não me sentirei amesquinhado. Sim, ela é que é minha mãe²⁴; e os anos, que foram passando, ora me diminuíam, ora me exaltavam... Tal é minha origem; nada mais poderá modificá-la. Por que, pois, haveria eu de renunciar a descobrir o segredo de meu nascimento?

O CORO

Se eu posso devassar o futuro, e se tenho lúcido o espírito, ó Cité-

ron, tu não verás a próxima lua cheia sem que te veneremos, a ti, como compatriota de Édipo, como seu protetor e pai; nós te festejaremos em danças sagradas, como benfeitor de nossos soberanos. O Febo complacente, que minhas palavras te agradece!

Qual teria sido, ó meu filho, destas virgens imortais, a que te concebeu, depois de se ter unido a Pan, teu pai, que erra nas montanhas, ou depois de ter sido amada por Lóxiás? Todas as plantas silvestres lhe são queridas! Talvez Mercúrio que domina o Cálênio, ou o deus Baco, que vive nas colinas, te haja recebido como filho por algumas das ninfas do Hélicon, com as quais eles costumam folgar!

Aproxima-se o velho pastor de Laio, conduzido por dois servos de ÉDIPLO

ÉDIPLO

Amigos, se me é lícito fazer conjecturas acerca de um homem a quem nunca vi, creio que vem ali o pastor a quem há tanto tempo procuramos. Sua idade está de acordo com a do mensageiro; os dois homens que o acompanham, eu os reconheço; são servos meus. (Ao Corifeu.) — Tu, porém, que o deves ter visto anteriormente, deves saber mais do que eu.

CORIFEU

Sim; eu o conheço, fica-o sabendo. Ele pertencia a Laio; e era o seu mais dedicado servidor.

ÉDIPLO

(Ao Mensageiro.) Quero que me digas agora, ó mensageiro de Corinto; é esse o homem de quem falavas?

MENSAGEIRO

É ele mesmo! Ei-lo diante de ti!

ÉDIPLO

Ó velho, olha bem para mim, e responde a todas as perguntas que te vou propor. Pertenceste outrora a Laio?

O SERVO

Sim; eu era seu escravo; mas ele não me adquiriu; eu fui criado em seu palácio.

ÉDIPLO

Que fazias tu? Qual era tua ocupação?

O SERVO

Por quase toda a minha vida tenho sido pastor.

ÉDIPLO

Em que sítios permanecias com mais frequência?

O SERVO

Ora andava pelo Citéron, ora pelas terras próximas.

ÉDIPO

Lembras-te de já ter visto este homem?

O SERVO

Mas que fazia ele? De quem me falas tu?

ÉDIPO

Deste, que aqui está! Já o encontraste alguma vez?

O SERVO

Não posso responder já... Não me recordo bem...

MENSAGEIRO

Isso não me surpreende, senhor! Ele não se recorda, mas eu vou reavivar sua lembrança. Estou certo de que ele me conheceu no Citéron, ele com dois rebanhos, e eu com um só, fomos vizinhos durante três semestres inteiros, da Primavera até reaparecer o Arcturo²⁵. Depois, voltei para meus estábulos, e ele foi para os apriscos de Laio. Está certo? Não foi isto mesmo?

O SERVO

Dizes bem... Mas isso foi já há muito tempo!

MENSAGEIRO

Vejamos agora: lembras-te de me haver confiado uma criança para que eu a criasse, como meu próprio filho?

O SERVO

Que dizes tu? Por que me perguntas isso?

MENSAGEIRO

Eis aqui, meu amigo, aquele que era então um menino pequenino!

O SERVO

Desgraçado! Por que não te calas?

ÉDIPO

Não te irites contra ele, meu velho! São as tuas palavras, e não as dele, que merecem a nossa indignação.

O SERVO

Que mal fiz eu, bondoso rei?

ÉDIPO

Não respondeste o que devias a propósito do menino a quem ele se refere.

O SERVO

Ele fala sem saber, e perde seu tempo.

ÉDIPO

Pois se não responderes por bem, responderás à força!

O SERVO

Eu te suplico, — pelos deuses! — não faças mal a um velho!

ÉDIPO

Que um de vós lhe amarre imediatamente as mãos às costas!

O SERVO

Que desgraçado que sou! Por que me fazes isso? Que queres tu saber?

ÉDIPO

A criança de quem se trata, tu lhe entregaste?

O SERVO

Sim! Melhor fora que nesse dia eu morresse!

ÉDIPO

Pois é o que te acontecerá hoje, se não confessares a verdade!

O SERVO

Mas... com mais certeza ainda, se eu disser a verdade, estou perdido!

ÉDIPO

Quer me parecer que este homem procura evasivas.

O SERVO

Não! Eu te disse, ó rei: que realmente eu lhe dei a criança.

ÉDIPO

E de quem a recebeste? Era tua? Foi-te entregue por alguém?

O SERVO

Não... Não era minha... Eu a recebi de uma pessoa...

ÉDIPPO

De que cidadão tebanos? De que família?

O SERVO

Em nome dos deuses eu te peço, ó rei, não me perguntes mais nada!

ÉDIPPO

Tu és um homem morto se eu tiver de repetir essa pergunta!...

O SERVO

Pois bem! Aquele menino nasceu no palácio de Laio!

ÉDIPPO

Era um escravo? Era um descendente dele, ou de sua família?

O SERVO

Ai de mim! Isso é que me será horrível dizer!

ÉDIPPO

E para mim será horrível ouvir! Fala, pois! Assim é preciso!

O SERVO

Diziam que era filho dele próprio. Mas aquela que está no interior de tua casa, tua esposa, é quem melhor poderá dizer a verdade.

ÉDIPPO

Foi ela que te entregou a criança?

O SERVO

Sim, rei.

ÉDIPPO

E para quê?

O SERVO

Para que eu a deixasse morrer.

ÉDIPPO

Uma mãe fez isso! Que desgraçada!

O SERVO

Assim fez, temendo a realização de oráculos terríveis...

ÉDIPPO

Que oráculos?

O SERVO

Aquele menino deveria matar seu pai, assim diziam...

ÉDIPPO

E por que motivo resolveste entregá-lo a este velho?

O SERVO

De pena dele, senhor! Pensei que este homem o levasse para sua terra, para um país distante... Mas ele o salvou da morte para maior desgraça! Porque, se és tu quem ele diz, sabe que tu és o mais infeliz dos homens!

ÉDIPPO

Oh! Ai de mim! Tudo está claro! Ó luz, que eu te veja pela derradeira vez! Todos sabem: tudo me era interdito: ser filho de quem sou, casar-me com quem me casei... e... e... eu matei aquele a quem eu não poderia matar!

Desatinado, ÉDIPPO corre para o interior do palácio; retiram-se os dois pastores; a cena fica vazia por algum tempo.

O CORO

Ó gerações de mortais, como vossa existência nada vale a meus olhos! Qual a criatura humana que já conheceu felicidade que não seja a de parecer feliz, e que não tenha recaído após, no infortúnio, finda aquela doce ilusão? Em face de seu destino tão cruel, ó desditoso Édipo, posso afirmar que não há felicidade para os mortais!

* * *

Tuas ambições, ergueste-as bem alto, e gastaste a possuir a mais promissora riqueza. Ó Júpiter! Só ele pôde vencer a horrenda Esfinge, de garras aduncas e de cantos enigmáticos²⁶¹, e assim apresentou-se diante de nós como uma torre de deusa contra a morte. Desde então, ó Édipo, nós fizemos de ti nosso rei, e, consagrado pelas mais altas honrarias, foste o senhor supremo da poderosa Tebas.

* * *

E agora, quem pode haver no mundo, que seja mais miserável? Quem terá sofrido, no decurso da vida, mais rude abalo, precipitando-se no abismo da mais tremenda ignomínia? Ilustre e querido Édipo, tu que no leito nupcial de teu pai foste recebido como filho, e como esposo dize: como por tanto tempo esse abrigo paterno te pôde suportar em silêncio?

* * *

Só o tempo, que tudo vê, logrou, enfim, ao cabo de tantos anos,

condenar esse hineneu abominável, que fez de ti pai, com aquela de quem eras filho! Filho de Ló, provouera aos deuses que nunca te houveramos visto! Condoído, eu choro tua desgraça, com lamentações da mais sincera dor! No entanto, para dizer-te a verdade, foi graças a ti que um dia pudemos respirar tranqüilos e dormir em paz!

Entra um EMISSÁRIO, que vem do interior do palácio

EMISSÁRIO

Ó vós, que sereis sempre os chefes mais respeitados deste país, se ainda prezais a família de Lábdaco, ides ouvir tristes notícias, receber profundos golpes, e sofrer lutosos desgostos! Creto que nem as águas do Ister, nem as do Fásio seriam bastantes para purificar esta casa, tais e tantos são os crimes que nela se praticaram! Sabereis de novas desgraças, voluntárias, e não impostas; e os males que nós próprios nos causamos são precisamente os mais dolorosos!

CORIFEU

Nada falta, ao que já sabemos, para que nos sintamos todos profundamente penalizados. No entanto, dize: que novas calamidades nos anuncias?

EMISSÁRIO

Uma coisa fácil de dizer, como de ouvir: Jocasta, a nossa rainha, já não vive!

CORIFEU

Oh! Que infeliz! Qual foi a causa de sua morte?

EMISSÁRIO

Ela resolveu matar-se... E o mais doloroso vos foi poupado: vós não vistes o quadro horrendo de sua morte. Dir-vos-ei, no entanto, como sofreu a infeliz. Alucinada, depois de transpor o vestibulo, atirou-se em seu leito nupcial, arrancando os cabelos em desespero. Em seguida, fechou violentamente as portas, e pôs-se a chamar em altos brados por Ló, recordando a imagem do filho que ela teve há tantos anos, o filho sob cujos golpes deveria o pai morrer, para que ela tivesse novos filhos, se é que estes merecem tal nome! Presa da maior angústia, ela se lastimava em seu leito, onde, conforme dizia, tivera uma dupla e criminosa geração. Como teria morrido, não sei dizer, pois Édipo, aos gritos, precipitou-se com tal fúria, que não pude ver a morte da rainha. Todos os nossos olhares voltaram-se para o rei, que, desatinado, corria ao acaso, ora pedindo um punhal, ora reclamando notícias da rainha, não sua esposa, mas sua mãe, a que deu à luz a ele, e a seus filhos. No seu furor invocou um deus, — não sei dizer qual, pois isto foi longe de mim! Então, profereindo imprecações horríveis, como se alguém lhe indicasse um caminho, atirou-se no quarto. Vimos então, ali, a rainha, suspensa ainda pela corda que a estrangulava... Diante dessa visão horrenda, o desgraçado solta novos e lancinantes brados, desprende o laço que a sustinha, e a mísera mulher caiu por terra. A nosso olhar se apresenta, logo em seguida, um quadro ainda mais atroz: Édipo toma seu manto, retira dele os colchetes de ouro com que

a prendia, e com a ponta recurva arranca das órbitas os olhos, gritando: "Não quero mais ser testemunha de minhas desgraças, nem de meus crimes! Na treva, agora, não mais verei aqueles a quem nunca deveria ter visto, nem reconhecerei aqueles que não quero mais reconhecer!" Soltando novos gritos, continua a revolver e macerar suas pálpebras sangrentas, de cuja cavidade o sangue rolava até o queixo⁷⁷ e não em gotas, apenas, mas num jorro abundante. Assim confundiram, marido e mulher, numa só desgraça, as suas desgraças! Outrora gozaram uma herança de felicidade; mas agora nada mais resta senão a maldição, a morte, a vergonha, não lhes faltando um só dos males que podem ferir os mortais.

CORIFEU

E o desgraçado rei está mais tranqüilo agora?

EMISSÁRIO

Ele grita que lhe abram as portas; que mostrem a todos os tebanos o parricida, o filho que... nem posso repetir-vos, cidadãos, as palavras sacrílegas que ele pronuncia... Quer sair, em rumo do exílio; não quer continuar no palácio depois da maldição terrível que ele mesmo profetizou. No entanto, ele precisa de um guia, e de um apoio, pois seu mal é grande demais para que sozinho o suporte. Ele aí vem, e vo-lo mostrará. Ides ver um espetáculo que comoveria o mais feroz inimigo...

Entra ÉdIPO, ensanguentado, e com os olhos vazados

CORIFEU

Ó sofrimento horrível de ver-se! Eis o quadro mais horripilante que jamais tenho presenciado em minha vida! Que loucura, — ó infeliz! — caiu sobre ti? Que divindade levou ao cúmulo o teu destino sinistro, esmagando-te ao peso de males que ultrapassam a dor humana?

Oh! Como és infeliz! Não tenho coragem, sequer, para volver meus olhos e contemplar-te assim; no entanto, eu quereria ouvir-te, interrogar-te, e ver-te! Tal é o anepio de horror que tu me causas!

ÉDIPPO

(Caminhando sem rumo certo.) Pobre de mim! Para onde irei? Para que país? Onde se fará ouvir a minha voz? O meu destino, quando acabarás de uma vez?!

CORIFEU

Numa miséria extrema, que não poderemos ver, nem imaginar!

ÉDIPPO

Ó nuvem sombria, execrável treva que caiu sobre mim, escuridão pavorosa e sem remédio! Ai de mim! Como me traspassam as dores do meu sofrimento e a lembrança de meu infórtunio!

CORIFEU

No meio de tanta amargura é natural que te lamentes, infeliz, como vítima de duas desgraças.

ÉDIPO

Tu és o único amigo que me resta, visto que tens pena deste mísero cego... Eu sei que estás af... Na escuridão em que estou, reconheço tua voz!

CORIFEU

Que horrível coisa fizeste, ó Édipo! Como tiveste coragem de ferir assim os olhos? Que divindade a isso te levou?

ÉDIPO

Foi Apolo! Sim, foi Apolo, meus amigos, o autor de meus atrozes sofrimentos! Mas ninguém mais me arrancou os olhos; fui eu mesmo! Desgraçado de mim! Para que ver, se já não poderia ver mais nada que fosse agradável a meus olhos?

CORIFEU

Realmente! É como dizes!

ÉDIPO

Que mais posso eu contemplar, ou amar na vida? Que palavra poderei ouvir com prazer? Oh! Leval-me para longe daqui, leval-me depressa para bem longe. Eu sou um réprobo, um maldito, a criatura mais odiada pelos deuses, entre os mortais!

CORIFEU

Como inspiras piedade, pelo sentimento, que tens, de tua sorte infeliz! Ah! Bom seria que eu nunca te houvesse conhecido!

ÉDIPO

Que morra aquele que, na deserta montanha, desprendeu meus pés feridos, e salvou-me da morte, mas salvou-me para minha maior desgraça! Ah! Se eu tivesse então perecido, não seria hoje uma causa de aflição e horror para mim, e para todos!

CORIFEU

Também eu assim preferiria!

ÉDIPO

Eu não teria sido o matador de meu pai, nem o esposo daquela que me deu a vida! Mas... os deuses me abandonaram: fui um filho maldito, e fecundei no seio que me concebeu! Se há um mal pior que a desgraça, coube esse mal ao infeliz Édipo!

CORIFEU

Teria sido razoável tua resolução, ó Édipo? Não sei dizer, na verdade, se te seria preferível a morte, a viver na cegueira.

ÉDIPO

Não queiras convencer-me de que eu deveria ter agido de outra forma! Não me dês conselhos! Não sei como poderia defrontar-me, no

Hades, com meu pai, ou com minha infeliz mãe, porque cometi contra eles crimes que nem a força poderia punir! E o semblante de meus filhos, nascidos como foram, como me seria possível contemplar? Não! Nunca mais poderia eu vê-los, nem ver a cidade, as muralhas, as estátuas sagradas dos deuses! Pobre de mim! Depois de ter gozado em Tebas uma existência gloriosa, dela me privei voluntariamente, quando a todos vós ordenei que expulsasse da cidade o sacrílego, aquele que os deuses declararam impuro, da raça de Laio! Descoberta, em mim mesmo, essa mancha indelével, ser-me-ia lícito contemplar os cidadãos tebanos, sem baixar os olhos? Ah! certamente que não! E se fosse possível evitar que os sons nos penetrassem pelos ouvidos, eu privaria também da audição este miserável corpo, para que nada mais pudesse ver, nem ouvir, — pois deve ser um alívio ter o espírito insensível às próprias dores!...

Momento de silêncio

Ó Citéron, por que me recolheste? Por que, quando me deste abrigo, não me tiraste a vida? Assim eu nunca revelaria aos homens o segredo do meu nascimento. O Polúbio, ó cidadão de Corinto, velho palácio que eu supunha ser o meu lar paterno, quantos opróbrios detaxastes crescer comigo, sob a aparente beleza que os ocultava! Porque hoje sou um criminoso, e descendente de criminosos, todo o mundo o sabe! Ó triplice encruzilhada! Vale sombrio, bosques de carvalhos, vós que absorvestes o sangue que era meu, — o sangue de meu pai! — que eu próprio derramei, lembrai-vos acaso dos crimes que então cometi, e dos que pratiquei mais tarde? Ó funesto hímeneu, a que devo a vida, e que me facultou germinar pela segunda vez a mesma semente: por que mostraste um dia um pai irmão de seus filhos, filhos irmãos de seu pai, e uma esposa que era também mãe de seu marido?! Quanta torpeza pôde ocorrer entre criaturas humanas! Vamos! Não fica bem relembrar o que é hediondo fazer-se; apressai-vos — pelos deuses! — em esconder-me longe daqui, seja onde for! Matai-me, atraí-me ao mar, ou num abismo onde ninguém mais me veja! Aproximai-vos: não vos envergonheis de tocar num miserável; crede, e não temais; minha desgraça é tamanha, que ninguém mais, a não ser eu, pode sequer imaginá-la!

CORIFEU

Aí vem Creonte! no momento oportuno, para fazer certamente o que tu pedes, ou dar-te conselhos mais prudentes. Só ele, com efeito, resta, para te substituir no governo da cidade.

ÉDIPO

Que lhe hei de dizer? Que posso eu dele esperar, eu, que fui tão injusto para com ele?

Entra CREONTE

CREONTE

Não venho aqui para te insultar, Édipo, nem para censurar teus erros de outrora. Mas vós, tebanos, se não respeitais a jerarquia dos homens, ao menos em consideração pela chama sagrada de Hélios, que anima a natureza, não deveis existir assim sem um manto, este ser impuro, a quem nem a chuva, nem a luz podem beneficiar. Conduzi este homem, imediatamente, ao interior do palácio; só entre os parentes, e

deles tão-somente é que há sentimentos de piedade ao ver e ouvir os males dos que lhes são caros.

ÉDIPO

Em nome dos deuses! Visto que, contra minha expectativa, mostras tanta generosidade para com o maior dos criminosos, escuta-me! É no teu interesse que vou falar.

CREONTE

E que queres tu obter de mim?

ÉDIPO

Manda-me para fora deste país o mais depressa possível! Para um lugar onde ninguém me veja, nem possa dirigir a palavra a nenhum ser humano!

CREONTE

Eu já teria agido assim, fica-o sabendo, se não preferisses, antes de tudo, consultar o deus acerca do que convém que se faça.

ÉDIPO

Mas a resposta é perfeitamente conhecida; o paricida, o ímpio, é urgente matar.

CREONTE

Sim; é o que se diz... mas na situação em que nos achamos, é melhor saber exatamente o que se deve fazer.

ÉDIPO

Resolveste, então, consultar o oráculo por causa de um miserável?

CREONTE

E desta vez tu hás de dar crédito à sua resposta!

ÉDIPO

Pois bem: eu te peço agora que tu mesmo dês sepultura, como julgares conveniente, àquela que jaz no palácio... Certamente cumprirás esse dever piedoso para quem tinha o mesmo sangue teu... Quanto a mim, não queiras que a cidade de meu pai me tenha como habitante, enquanto eu vivo for; ao contrário, deixa-me ir para as montanhas, para o Citéron, minha triste pátria, que meus genitores escolheram para meu túmulo, — para que eu morra por lá, como eles queriam que eu morresse. Aliás, eu bem compreendo, que não será por doença, ou coisa semelhante, que terminarei meus dias; nunca foi alguém salvo da morte, senão para que tenha qualquer fim atroz. Mas, que meu destino siga seu curso! Quanto a meus filhos, Creonte, não te preocupes com os rapazes; são homens, e, onde quer que estejam, não lhes faltarão meios de vida. Mas, de minhas infelizes filhas, tão dignas de piedade, para quem nunca foi posta a mesa sem que eu estivesse ao lado, e que de minhas mãos recebiam sempre um pouco do alimento que para

mim se preparava, oh! tem pena delas, e tu te peço, e consente que eu ainda as acaricie com estas mãos, e que ainda deplore com elas a nossa desdita! Eu te conjuro, ó rei, de tão nobre raça! Tocando-lhes com as mãos, eu acreditarei que as vejo, como no tempo em que as via realmente... Mas... que estou dizendo? Creio ouvir, ó deuses! o choro de minhas filhas!... Creonte, foi de pena de mim que mandaste chamar minhas filhas? Será verdade?

CREONTE

Sim... fui eu que as mandei chamar; compreendi o desejo que sentes, e que tanto te preocupava.

Entram ANTIGONE e ISMÊNIA, muito jovens, conduzidas por uma escrava. Elas se aproximavam do pai.

ÉDIPO

Ora bem! Sê feliz, Creonte! Porque as mandastes vir até aqui, que os deuses te protejam, mais do que a mim! Onde estais vós, minhas filhinhas? Vinde ter comigo... Vinde a estas mãos... fraternas! Foram elas que, como vedes, privaram de luz os olhos, outrora tão brilhantes, de vosso pai! Eu nada via... e nada sabia, minhas filhas; mas eu vos dei a vida no mesmo seio do qual eu próprio havia nascido... E choro por vós, porque nunca mais vos verei, e porque penso nas amarguras que tereis de suportar pela vida além... A que assembléias de tebanos, a que festas solenes podereis comparecer, sem que volteis com os olhos banhados de lágrimas, impedidas de vê-las? E quando atingirdes a idade florida do casamento, quem será... sim! — quem será bastante corajoso para receber todos os insultos, que serão um eterno flagelo para vós, e para vossa prole? Que mais falta para vossa infelicidade? Vosso pai? Mas ele matou seu pai, casou-se com sua mãe, e desse consórcio é que vós nascesteis. Eis as injúrias que com vos perseguirão... Quem vos quererá por esposa? Ninguém! Ninguém, minhas filhas! Tereis de viver na solidão e na esterilidade. Filho de Meneceu, visto que tu serás doravante o único pai que elas terão, — porquanto sua mãe, e eu, que lhes demos a vida, já não viveremos! — não deixes que estas meninas sejam obrigadas a vagar, mendigando; não consintas que sua desgraça se agrave em consequência da minha. Tem pena delas, vendo-as, tão jovens, privadas de todo o apoio, exceto o que lhes concederes. Dá-me um sinal de teu assentimento, homem generoso; toca-me com tua mão!... E vós, minhas filhas, se me pudésses compreender, eu vos daria conselhos; procurai sempre ter uma existência mais feliz do que a de vosso pai, onde quer que possais viver!

CREONTE

Já choraste demais; volta agora ao palácio!

ÉDIPO

Sou forçado a obedecer, bem a meu pesar!

CREONTE

Tudo aquilo que se faz a tempo, dá bom resultado.

ÉDIPO

Sabes sob que condição eu irei?

CREONTE

Dize, pois! Quando as ouvir, ficarei sabendo.

ÉDIPO

Tu me banirás deste país.

CREONTE

O que pedes, só o deus te pode conceder.

ÉDIPO

Mas eu sempre fui odiado pelas divindades!

CREONTE

Em tal caso, alcançarás o que desejas.

ÉDIPO

O que dizes é verdade?

CREONTE

Não me agrada dizer o que não penso.

ÉDIPO

Leva-me para longe daqui!

CREONTE

Vem, pois... Deixa estas crianças!

ÉDIPO

Oh! não me privas disso, não! Eu te peço!

CREONTE

Não queiras satisfazer todas as tuas vontades, Édipo! Bem sabes que tuas vitórias anteriores não te asseguraram a felicidade na vida!

ÉDIPO, conduzido por CREONTE, entra, vagarosamente, no palácio; acompanham-no as duas meninas e os servos do rei.

CORIFEU

Habitantes de Tebas, minha Pátria! Vede este Édipo, que descifrou os famosos enigmas! Deste homem, tão poderoso, quem não sentir inveja? No entanto, em que torrente de desgraças se precipitou! Assim, não consideremos feliz nenhum ser humano, enquanto ele não tiver atingido, sem sofrer os golpes da fatalidade, o termo de sua vida.

*

* *

Notas

¹ Conforme antigo costume grego, os que tinham alguma súplica a fazer aos deuses acercavam-se dos altares trazendo ramos de louros, ou de oliveira, enfeitados com fitas de lã.

² Havia em Tebas dois templos dedicados a Minerva (Palas) e um a Apolo, junto do *Ismbnio*, no qual, segundo Heródoto (VIII, 134), se colhiam bons oráculos.

³ Ter à cabeça uma coroa de louros significava ter ganho um prémio, ou ser portador de uma notícia auspiciosa.

⁴ Os gregos supunham que, por intermédio da sacerdotisa de Delos, falava pelo oráculo o próprio deus Apolo.

⁵ "Causa o sangue o flagelo sobre a cidade", diz, literalmente, Sófocles.

⁶ Os intérpretes assinalam esta passagem como sendo das mais notáveis da tragédia, pois Édipo vai fazer o contrário do que diz, numa antífbologia trágica, usada com frequência por Sófocles.

⁷ Literalmente: "às plagas do deus ocidental", porque, para os gregos, o Hades, região dos mortos, ficava na zona escura do mundo, isto é, no Ocidente, visto que a luz vinha do Oriente.

⁸ Justifica-se essa alegoria, visto que Marte, além de ser deus da guerra, era o também da peste, a que se refere o sumo sacerdote, em sua primeira fala.

⁹ Um dos títulos conferidos ao deus Apolo, por ter nascido na Lícia (Cf. Hesíodo, III, ode IV).

¹⁰ Segundo a lenda a que se refere Heródoto, (I, V., 59), Agenor era um rei da Fenícia. Seu filho Cadmo fundou Tebas, dando seu nome à colina principal, e ao recinto fortificado da cidade (Cadméia). De Cadmo foi filho Polidoro, pai de Labdaco. A este rei sucedeu o infeliz Laio.

¹¹ Tréias tinha, com efeito, o tratamento de rei, prova de que o sacerdotício o igualava aos reis de fato, se não o punha acima deles. Isso explica a altivez e o desassombro com que, por vezes, Laio Tréias a Édipo.

¹² "Este dia te dará o nascimento e a morte" — diz o original, literalmente, mas a idéia evidente é a de que Édipo iria descobrir na mesma ocasião os dois terríveis lances de sua trágica existência.

¹³ A estrofe coral compara o execrado criminoso a um louro, numa fuga interminável, perseguido por um enxame de insetos terríveis. Tal alegoria foi inspirada, naturalmente, pela lenda de Io, que figura no *Prometeu Acorrentado*, de Esquilo.

¹⁴ Alusão à Esfinge, com quem Édipo ousara defrontar-se, resolvendo, então, o famoso enigma.

¹⁵ Esta informação é dada por Jocasta casualmente, bem como a de ter ocorrido o crime numa encruzilhada — menos detalhes sem importância, na aparência, mas que produzem no espírito de Édipo uma impressão de terror, artifício este mais de uma vez usado por Sófocles em suas obras.

¹⁶ Um só carro, menciona o texto grego. — Apenas era o carro de quatro rodas, coberto, e preferido para longas viagens.

¹⁷ É de capital importância esta passagem. "Kai oí yvwoi", diz o poeta (e a ti, mulher...). Esse tratamento íntimo mostra que toda essa revelação de Édipo só devia ser ouvida por Jocasta, como se o namador falasse em voz baixa.

¹⁸ Conforme Apolodoro, é de supor que a cena se tenha passado assim: o arauto ia na frente, afastado do coro. Para trás, a alguma distância, vinham os servos. Encontrando Édipo, o cocheiro ordena-lhe que saia do caminho. Édipo não atende imediatamente a semelhante intimação. O cocheiro força-o brutalmente a saltar de lado, para não ser esmagado. Laio agride-o com o chicote, Édipo, indignado, reage com o bordão, atingindo o velho com uma só pancada na cabeça, o que faz cair o rei, para não mais se erguer. Forte como era, Édipo fere, então, o cocheiro e, a seguir, luta com o arauto e com um dos servos, que comemoram em defesa do velho rei. O outro escravo, ao ver o que ocorria, fugiu.

¹⁹ "... eu não observaria mais à direita, nem à esquerda", diz Jocasta no texto de Sófocles. Essa afirmação, porém, significava que ela não mais acreditaria nos oráculos, uma vez que no caso da morte de Laio a profecia oracular teria falhado completamente.

²⁰ Estas passagens do coro não se entendem com Édipo; os intérpretes mais autorizados concordam em ver nessa parte da tragédia uma alusão ao estado político de Atenas, ao tempo da dominação de Alcibíades.

²¹ Esposa... e mãe. O verso em que o Corifeu faz esta apresentação presta-se a um duplo efeito, pois a pausa após a palavra "esposa" deixa perceber que Jocasta é, ao mesmo tempo, esposa e mãe de Édipo, antecipando assim a personagem a revelação terrível.

²² Por cidadãos do látmo se designavam os habitantes de Corinto.

²³ Édipo, em grego, significa: pés inchados.

²⁴ Nota-se de novo, o dúbio sentido que se pode dar a esta frase de Édipo, que refere à Fortuna, evidentemente.

²⁵ A estrela a que se refere o mensageiro aparece, realmente, alguns dias antes do equinócio do Outono. O período indicado abrange, pois, seis semanas completas, ou seja, deztoito meses.

²⁶ O texto grego diz: "...de cantos oraculares", certamente porque os enigmas eram propostos em versos do mesmo tipo dos hexâmetros em que se redigiam as respostas do oráculo.

²⁷ Que Édipo se houvesse ferido com um simples colchete do manto real, não admira, visto que essa peça do vestuário grego era muito maior que os atuais colchetes, e bastante forte para ser assim utilizada. Heródoto conta em suas histórias, IV, 87) que os atenienses mataram um covarde, servindo-se dos próprios colchetes de suas roupas como punhais. Para isso bastava forçar a file metálica, dando-lhe a forma de um gancho ou estilete pontagudo.



Alto relevo de um Sarcófago.

Sófocles e a "Antigone"

Sófocles, conforme tivemos ensejo de assinalar, foi o jovem corifeu que, aos quinze anos, dirigiu o canto comemorativo da vitória de Salamina. Nasceu no mais belo recanto de Atenas, o bairro de Colona; desempenhou funções públicas de grande realce; prouvo da amizade de Pêrides, e, no ano 440 A.C., foi nomeado guarda dos tesouros da Acrópole, cargo para cujo desempenho se exigia uma honrabilidade acima de qualquer suspeita.

Seus biógrafos mencionam, como um dos títulos que o impuseram à estima de seus contemporâneos, a circunstância de ter sido um belo homem, no físico e no moral, tendo tido a rara fortuna de atingir os noventa anos de idade sem que houvesse sofrido até então nenhuma enfermidade grave. E tão lúcido era seu espírito, já nonagenário, que, segundo se conta, tendo um de seus filhos requerido aos juizes sua interdição, para que lhe fosse vedado gerir seus bens, o poeta, como única defesa, prouvo à sociedade achar-se em pleno domínio de suas energias mentais, tendo um dos cantos corais da tragédia "Édipo em Colona", que então compunha.

É possível que Sófocles tenha produzido mais de cem tragédias, mas somente sete se conhecem, e por elas podemos ter a medida dos talentos do autor. Vinte vezes obteve Sófocles o primeiro prêmio nos concursos realizados durante os jogos solenes, concorrendo a princípio com Êsquilo, e mais tarde com Eurípedes.

Nas peças de Sófocles nota-se a redução sensível da ação do coro, ao passo que se amplia a das personagens, e de seus diálogos. Outra inovação que lhe é atribuída consistiu na apresentação de grandes paisagens pintadas, precursores dos atuais cenários, dando ao público melhor impressão do episódio por sua realização em local adequado, como a tenda de Ajax, o palácio de Micenas, e a gruta de Filocteto.

Diminui, igualmente, no teatro de Sófocles, a influência dos deuses; a tragédia tornou-se mais humana e mais moral; o herói já não será tão cruelmente, comprovada e reconhecida sua inocência. Édipo, nas tragédias de Sófocles, apesar do desespero em que se debate, não perde a serenidade do raciocínio e a energia de sua vontade.

Na "Antigone", imagina o autor, de acordo, aliás, com a tradição mitológica, que, após a desgraça de Édipo, seus dois filhos, Etéocles e Polínicé disputam a posse do trono. Trau-se a luta, perecendo no mesmo dia os dois irmãos, ambos mortalmente feridos no duelo que travaram. Creonte, impondo-se então como tirano de Tebas, resolve prestar honras fúnebres a Etéocles, ao passo que proíbe, sob pena de morte, que se dê sepultura ao corpo de Polínicé, para que fique ex-

posto às aves carniceiras a que recorreu à aliança com os Argivos para conquistar o poder em sua terra.

Antígone, exemplo comovente de amor fraternal, resolve expor-se ao perigo, e, contrariando o decreto do tirano, presta ao infeliz Polínice, seu irmão, aquele piedoso serviço. Toda a tragédia resulta desse rasgo de heroísmo da jovem, a quem o cruel Creonte condena à morte, apesar das súplicas do seu filho Hémon. Quando o rei cede, afinal, temendo os presságios do adivinho Tirésias, já é tarde; a heroína estava morta. Suicida-se o jovem Hémon; e sua mãe, Eurídice, não resiste à dor que lhe causa a perda do filho estremecido.

A "Antígone" é uma das mais perfeitas peças de Sófocles, e, sem dúvida, a que mais condiz e se harmoniza com os sentimentos modernos.



Antígone e Édipo, relevo em calcário, 4.º século a.C.



Antígone com dois guardas de Creonte, 380/70 a.C.



Representação teatral de Antígone. Suicídio de Hémon diante de Creonte.



Paródia de "Antígone": o homem velho que representa Antígone tira sua máscara em frente a Creonte. Vaso do 4.º século a.C.



▲ Fim dos Sete de Tebas: à direita Antigone e Argia carregam o cadáver de Polínices para fora do campo de batalha — Sarcófago Romano, Roma, Villa Pamphili. Desenho de acordo com o original.



Desenho do sarcófago Pamphili de Andrea Pozzo (1642—1709), Barroco. ▼



Cena de Antigone. À esquerda Antigone amarrada com seu guarda, à direita Haemon, no centro Creonte e Heracles, 4.^o século a.C.





Sófocles, *Antigone*, Wiesbaden, 1966.



Representação de "Antigone" de Sófocles, em japonês pela "Greek Drama Society".



Sófocles, *Antigone*, Köln (Colônia), 1970.

Antigone

PERSONAGENS

ANTIGONE
ISMÊNIA
OS VELHOS TEBANOS
CREONTE
UM GUARDA

HÊMÓN
TRÉSIAS
EURÍDICE
UM EBRUADO
UM MENSAGEIRO

Na ágora de Tebas, diante do palácio de Édipo, onde reina agora
CREONTE

Clareia o dia

ANTIGONE

Ismênia, minha querida irmã, companheira de meu destino, de todos os males que Édipo deixou, suspensos, sobre a sua descendência, haverá algum com que Júpiter ainda não tenha afligido nossa vida infeliz? Não há provação — sem falar de outras desditas nossas — por mais funesta, ou ignominiosa, que não se encontre em nossa comum desgraça! Ainda hoje — que quererá dizer esse êxito que o rei acaba de expedir e proclamar por toda a cidade? Já o conheces, sem dúvida? Não sabes da afronta que nossos inimigos preparam para aqueles a quem mais prezamos?

ISMÊNIA

Ó Antigone, nenhuma notícia, agradável ou funesta, chegou a meu conhecimento, depois da perda de nossos dois irmãos, mortalmente feridos, em luta, um pelo outro!... Tendo fugido, esta noite, o exército dos Argivos, nada mais vejo que possa concorrer para aumentar nossa felicidade, nem nossas desditas.

ANTIGONE

Eu já o sabia... Chamei-te até aqui, fora do palácio, para que só tu possas ouvir o que tenho a te dizer.

ISMÊNIA

Que há, pois? Tu me pareces preocupada!

ANTÍGONE

Certamente! Pois não sabes que Creonte concedeu a um de nossos irmãos, e negou ao outro, as honras da sepultura? Dizem que inumou a Etéocles, como era de justiça e de acordo com os ritos, assegurando-lhe um lugar condigno entre os mortos, ao passo que, quanto ao infeliz Polínice, ele proibiu aos cidadãos que encerrassem o corpo num túmulo, e sobre este derramem suas lágrimas. Quer que permaneça insepulto, quer homenagens fúnebres, e presa de aves carniceiras. Tais são as ordens que a bondade de Creonte impõe a mim, como também a ti, e, eu o afirmo: ele próprio virá a este sítio comunicá-las a quem ainda as ignore. Disso faz ele grande empenho, e ameaça, a quem quer que desobedeça, de ser apedrejado pelo povo. Tu ouviste o que eu te disse: virá o dia em que veremos se tens sentimentos nobres, ou se desmentes teu nascimento.

ISMÊNIA

Mas, minha pobre irmã, em tais condições, em que te posso eu valer, quer por palavras, quer por atos?

ANTÍGONE

Quererás auxiliar-me? Agirás de acordo comigo?

ISMÊNIA

A que perigos pensas arriscar-te ainda? Que pretendes fazer?

ANTÍGONE

Ajudarás estes meus braços a transportar o cadáver?

ISMÊNIA

Queres tu, realmente, sepultá-lo, embora isso tenha sido vedado a toda a cidade?

ANTÍGONE

Uma coisa é certa: Polínice era meu irmão, e teu também, embora recuses o que eu te peço. Não poderás ser acusada de traição para com o meu dever.

ISMÊNIA

Infeliz! Apesar da proibição de Creonte?

ANTÍGONE

Ele não tem o direito de me coagir a abandonar os meus!

ISMÊNIA

Ai de nós! Pensa, minha irmã, em nosso pai, como morreu esma-

gado pelo ódio e pelo opróbrio, quando, intratado dos crimes que praticara, arrancou os olhos com as próprias mãos! E também em sua mãe e esposa, visto que foi ambas as coisas, — que pôs termo a seus dias com um forte laço! Em terceiro lugar, em nossos irmãos, no mesmo dia perecendo ambos, desgraçados, dando-se à morte reciprocamente! E agora, que estamos a sós, pensa na morte ainda mais terrível que temos se contrariarmos o decreto e o poder de nossos governantes! Convém não esquecer ainda que somos mulheres, e, como tais, não podemos lutar contra homens; e, também, que estamos submetidas a outros, mais poderosos, e que nos é forçoso obedecer a suas ordens, por muito dolorosas que nos sejam. De minha parte, pedindo a nossos mortos que me perdoem, visto que sou obrigada, obedecerei aos que estão no poder. É loucura tentar aquilo que ultrapassa nossas forças!

ANTÍGONE

Não insistirei mais; e, ainda que mais tarde queiras ajudar-me, já não me darás prazer algum. Faze tu o que quiseres; quanto a meu irmão, eu o sepultarei! Será um belo fim, se eu morrer, tendo cumprido esse dever¹. Querida, como sempre fui, por ele, com ele repousarei no túmulo... com alguém a quem amava; e meu crime será louvado, pois o tempo que terei para agradecer aos mortos, é bem mais longo do que o consagrado aos vivos... Hei de jazer sob a terra eternamente!... Quanto a ti, se isso te apraz, despreza as leis divinas!

ISMÊNIA

Não! Não as desprezo; mas não tenho forças para agir contra as leis da cidade.

ANTÍGONE

Invoca esse pretexto; eu erguerei um túmulo para meu irmão muito amado!

ISMÊNIA

Ah! Pobre infeliz! Eu me affijo por ti!²

ANTÍGONE

Não temas por minha vida; trata de salvar a tua.

ISMÊNIA

Ao menos, não digas a ninguém o que vais fazer; guarda segredo, que eu farei o mesmo.

ANTÍGONE

Não! Fala! Tu me serás mais odiosa silenciando, do que se disseres a todos os que eu quero fazer.

ISMÊNIA

Tu pareces desejar, com o coração ardente, o que nos causa calefrios de pavor!³

ANTIGONE

Só sei que cumpro a vontade daquelas a quem devo agradar.

ISMÊNIA

Se tu o fizeres... mas o que desejas é impossível!

ANTIGONE

Quando me faltarem as forças, eu cederei!

ISMÊNIA

Mas não é prudente tentar o que é irrealizável!

ANTIGONE

Visto que assim me falas, eu te odiarei! E serás odiosa, também, ao morto, junto a quem serás um dia depositada... E com razão! Vamos! Deixa-me, com minha temeridade, afrontar o perigo! Meu sofrimento nunca há de ser tão grande, quanto gloriosa será minha morte!

ISMÊNIA

Já que assim queres, vai! Bem sabes que cometes um ato de loucura, mas provas tua dedicação por aqueles a quem amas!

Sai ANTIGONE; ISMÊNIA entra no palácio. Entra O CORO, composto de anciãos e tebanos, e saída o sol que nasce.

O CORO

O luz do Sol, a mais radiosa que jamais brilhou sobre a Tebas das Sete Portas, eis que enfim ressurges⁴, fanel do dia que começa por sobre as fontes do Dirceu⁵! Ao guerreiro de escudo prateado, vindo de Argos, e disposto a lutar, tu o fizeste fugir cavalgando mais veloz do que quando veio!⁶

O CORIFEU

Trouxe-o Polínice a nossa terra, excitado por discórdias domésticas; e, qual águia que investe saltando agudos gritos, ele caiu sobre o país. Vinha coberto de uma plumagem branca como a neve; numerosas eram suas armas; e seus capacetes se branavam de crinas ondulantes.

O CORO

Ele pairou sobre nossos lares, com as garras aduncas; ele cercou, com suas lanças mortíferas, as sete entradas de Tebas; mas fugiu antes que se pudesse saclar em nosso sangue; antes que Hefáistos, com suas tochas resinosas, tivesse tomado as torres que defendem a cidade, — tão horrendo foi o fragor com que Marte rugiu entre os Argivos, e que tornou invencível o dragão que os veio combater!

O CORIFEU

Tudo porque Júpiter detesta a presunçosa jactância de uma língua

altaneira; e, ao vê-lo aproximando-se como uma avalancha imensa, orgulhosos com o retirar de suas armas, ele brandiu sua chama invencível, e derrubou, de nossas cumeiras, o invasor já pronto a gritar: "Vitória!"

O CORO

E ele caiu por terra, qual novo Tântalo, com as tochas na mão; no delírio de um ardor frenético, ele se havia atirado com o ímpeto da mais furiosa tempestade! Mas foi baldado seu esforço! Os golpes do poderoso Marte, nosso aliado, deram-lhe outro destino!

O CORIFEU

Sete Chefes, lutando diante das Sete Portas, combatendo iguais contra iguais, deram a Júpiter, vitorioso, o tributo de suas armas de bronze; ao passo que dois infelizes, filhos do mesmo pai e da mesma mãe, ergueram, um contra o outro, suas lanças soberanas, e deram-se reciprocamente à morte!

O CORO

Mas a gloriosa vitória veio, enfim! E recompensou o amor que lhe dedica Tebas, a Cidade possuidora de numerosos carros! A guerra acabou; esqueçamo-la, pois! Visitemos todos, os templos dos deuses, e seja nosso guia Baco, que faz tremar a terra tebaná!

O CORIFEU

Eis que se aproxima o rei deste país, Creonte, filho de Meneceu, nosso novo soberano, depois dos acontecimentos que os deuses suscitaram. Traz ele em mente algum projeto; e, para isso, convocou, por uma ordem geral, esta Assembléa de Anciãos.

Entra CREONTE, com numeroso séquito

CREONTE

Cidadãos! Os deuses, depois que esta cidade foi rudemente abalada por um vendaval, deram-nos a segurança e a calma! Fostes aqui reunidos por meus arautos, porque sempre venerastes o trono de Laio, bem assim durante o reinado de Édipo, e, mesmo após sua morte, conservastes constante fidelidade a seus filhos. Visto que esses filhos, por um duplo destino, pereceram no mesmo dia, ferindo e feridos ambos por suas próprias mãos criminosas, cabe-me ocupar o trono, e exercer o poder dos que já não vivem, pelo direito que me advém do parentesco que a eles me ligava. Ora, é impossível conhecer a alma, o sentir e o pensar de quem quer que seja, se não o vímos agir, com autoridade, aplicando as leis⁷. Em minha opinião, aquele que, como soberano de um Estado, não se inclina para as melhores decisões, e se abstém de falar, cedendo a qualquer temor, é um miserável! Quem preza a um amigo mais do que à própria Pátria, esse merece desprezo! Que Júpiter, que tudo vê, saiba que não me calarei se vir a ruína, e não o bem-estar de nosso povo; e jamais considerarei meu amigo quem for um inimigo de meu país! Obedecendo a estes princípios é que desejo promover a felicidade de Tebas. E, com esse mesmo espírito ordenei fosse tomado público o meu decreto concernente aos filhos de Édipo: Etéocles, que, lutando em prol da cidade, morreu com in-

gualável bravura, seja, por minha ordem expressa, devidamente sepultado; e que se lhe consagrem todas as oferendas que se depositam sobre a terra, para os mortos mais ilustres! Quanto a seu irmão, — quero dizer: Polinice, — que só retornou do exílio com o propósito de destruir totalmente, pelo fogo, o país natal, e os deuses de sua família, ansioso por demorar o sangue dos seus, e reduzi-los à escravidão, declaro que fica terminantemente proibido honrá-lo com um túmulo, ou de lamentar sua morte; que seu corpo fique insepulto, para que seja devorado por aves e cães, e se transforme em objeto de horror. Eis aí como penso; jamais os criminosos obterão de mim qualquer honraria. Ao contrário, quem prestar benefícios a Tebas terá de mim, enquanto eu viver, e depois de minha morte, todas as honras possíveis!

O CORIFEU

Assim te agrade tratar, ó Creonte, filho de Meneceu, o inimigo, e o amigo deste país! Tu és o senhor, e a ti compete impor a lei que te convier, tanto aos vivos, como aos mortos.

CREONTE

Zelai, agora, pela fiel execução de minhas ordens.

O CORIFEU

Aos mais jovens deves confiar esse encargo.

CREONTE

Já tenho servos encarregados de guardar o morto.

O CORIFEU

Que mais nos ordenas, então?

CREONTE

Que não tenhais piedade para com aqueles que infringirem minhas ordens!

O CORIFEU

Ninguém é louco, a ponto de desejar a morte!

CREONTE

Tal será, com efeito, a consequência. Mas, pela ambição que estimula, o desejo do ganho muita vez pôe a perder os homens...

Entra um pobre homem, um dos guardas encarregados de zelar pelo cadáver de Polinice

O GUARDA

Príncipe, eu não direi que o ardor me faticou, nem que me apressei em vir ter aqui. Muita vez, em caminho, hesitante parei, a fim de refletir, e me voltei, disposto a desistir. Meu espírito a mim mesmo dizia: "Por que vais,

desgraçado, aonde serás castigado assim que chegares?" — Ou então: "Infeliz! Tu ficas aí? E se Creonte souber disso por um outro, como será punido?" Assim pensando, retardei-me num percurso que me pareceu longo... Resolvi, por último, vir de qualquer forma; e, posto que pouco tenha a dizer, falarei, seja como for! Chego animado pela esperança de que nada me acontecerá que não seja a vontade do destino!

CREONTE

Mas que é que te causa tanta perturbação?

O GUARDA

Antes de tudo, quero declarar-te o que me diz respeito: não fui eu que fiz a coisa, não sei quem a fez, e portanto não é justo que eu sofra o menor mal!

CREONTE

Mas quanta prudência! Como te cercas de precauções! Trazes, certamente, alguma novidade!

O GUARDA

O que não agrada, a gente hesita em dizer.

CREONTE

Afinal, falas ou não? Decide-te, para que te retires em seguida!

O GUARDA

Nesse caso, eu falo. Um desconhecido acaba de sepultar o corpo de Polinice, e desapareceu, depois de ter depositado terra seca sobre a sepultura, realizando os ritos necessários.

CREONTE

Que dizes tu? Quem teve tamanha audácia?

O GUARDA

Não sei! Em parte alguma se ouviu a pancada da enxada, ou de cavadeiras; a terra é dura e seca, sem fendas, sem sinal das rodas; o culpado não deixou vestígios. Quando o primeiro guarda do dia ia entrar em serviço, descobriu o que estava feito, e todos nós ficamos estarecidos pela surpresa! Não se via o morto, embora não estivesse enterrado, mas apenas coberto por uma camada de terra. Nenhum vestígio de cão, ou de animal feroz que o tivesse amastado. Não, os guardas, proferimos recíprocas injúrias, cada qual acusando os demais, agredindo-nos mutuamente, sem que surgisse alguém para nos acalmar. Na verdade, cada um é um pouco culpado, mas ninguém disso queria convencer-se, todos alegando ignorar como aquilo aconteceu. Já nos dispúnhamos a tomar nas mãos o ferro em brasa, e a saltar sobre o fogo, a fim de jurar pelos deuses como nenhuma culpa nos cabia... que não sabíamos quem ordenou, nem quem executou aquilo. Por último, como nada adiantávamos com essas discussões, alguém falou de modo que nos convenceu a todos, e, temerosos, curvamos a cabeça... Não

podíamos contradizer, nem sugerir idéia melhor para que nos safássemos do perigo. O que se propunha é que víssemos contar-te tudo o que se passara, nada te ocultando. Tal opinião prevaleceu. E a mim que sou mesmo um caipora, designou-me a sorte para tomar a meu cargo essa ótima comissão... Eis por que venho à tua presença, bem contra a minha e a tua vontade, visto que ninguém gosta de um portador de ruínas notórias.

O CORIFEU

Ó príncipe... Não teriam os deuses resolvido que isso acontecesse? É o que estou pensando desde algum tempo.

CREONTE

Calate, antes que me irites com tais palavras, se não queres passar por imbecil, ou por caduco! Dizes coisas revoltantes, admitindo que os deuses se interessem por esse morto! Seria para honrá-lo com a sepultura, que eles inumaram esse homem, tratando como um benemérito a quem veio disposto a incendiar os templos, com os tributos que lhes eram prestados, e para revolucionar seu país, e as leis? Por acaso já viste honrarem os deuses a criminosos? Seria absurdo! Mas, das ordens que hei dado tem havido, desde algum tempo⁸², cidadãos que as ouvem de má vontade, e, logo que delas têm conhecimento, murmuram contra mim, sacodem a cabeça, as ocultam, em sinal de desacordo, e não querem sujeitar-se, como convém, à minha autoridade. Foram esses, eu sei muito bem! — os que corromperam os guardas, e os induziram a fazer o que fizeram! Não há, para os homens, invenção mais funesta do que o dinheiro! Ele é que corrompe as cidades, afasta os homens de seus lares, seduz e conturba os espíritos mais virtuosos, e os arrasta à prática das mais vergonhosas ações! Em todos os tempos tem ensinado torpezas e impiedades! Quem quer que haja premeditado esse crime, mais cedo, ou mais tarde, será punido! Pois quê! Se Júpiter é venerado por mim, — fica-o sabendo tu, pois afirmo-o sob juramento! — se não descobrires quem deu sepultura ao morto, se não trouxeres o culpado à minha presença, o Hades não será bastante para vos receber! Seréis suspensos, em vida, até que confesseis vosso crime. Sabereis, assim, de que mãos se deve receber o dinheiro, e aprenderéis que nem de tudo se deve esperar merecido proveito. Os ganhos ilícitos têm causado muito maior número de prejuízos, do que de vantagens!

O GUARDA

Permites que te diga ainda uma palavra, ou devo retirar-me?

CREONTE

Não sabes que tua voz me é insuportável?

O GUARDA

É só aos ouvidos, ou no íntimo da alma, que minha voz te faz mal?

CREONTE

Não vejo para que indicar o lugar exato onde sinto esse desgosto!

O GUARDA

É que... o criminoso te feriu o coração; eu, somente os ouvidos!

CREONTE

Parece-me, na verdade, que tu nasceste para tagarela!

O GUARDA

Sim; mas não fui eu que pratiquei o crime!

CREONTE

Embora! Vendeste-te por dinheiro, com certeza!

O GUARDA

É curioso como um homem que presume tudo descobrir, descobre coisas que não existem!

CREONTE

Podês, agora, gracejar acerca do que eu descobri, ou não; mas se vós, os guardas, não me indicardes o culpado, havereis de saber que os lucros desonestos causam sempre contrariedades.

O GUARDA

Sim! Que tratemos de encontrar o criminoso... mas, se o apanharmos, ou não, isso é que pertence ao destino decidir, e não há perigo de que me vejas novamente aqui... Na verdade, deste apuro, que vem contra minha expectativa, conto livrar-me ainda; e por isso devei aos deuses uma gratidão infinita!

Sai o guarda. CREONTE entra no palácio

O CORO

Numerosas são as maravilhas da natureza, mas de todas a maior é o Homem! Singrando os mares espumosos, impellido pelos ventos do sul, ele avança, e arrostas as vagas imensas que rugem ao redor! Gê, a suprema divindade, que a todas as mais supera, na sua eternidade, ele a corta com suas charruas, que, de ano em ano, vão e vêm, revolviendo e fertilizando o solo, graças à força das alimárias!

A tribo dos pássaros ligeiros, ele a captura, ele a domina; as hordas de animais selvagens, e de viventes das águas do mar, o Homem imaginoso as prende nas malhas de suas redes. E amansa, igualmente, o animal agreste, bem como o dócil cavalo, que o conduzirá, sob o jugo e os freios, que o prendem dos dois lados: bem assim o touro bravo das campinas.

E a língua, o pensamento alado, e os costumes moralizados, tudo isso ele aprendeu! E também, a evitar as intempéries e os rigores da natureza! Fecundo em seus recursos, ele realiza sempre o ideal a que aspira! Só a Morte, ele não encontrará nunca, o meio de evitar! Embora de muitas doenças, contra as quais nada se podia fazer outrora, já se descobriu remédio eficaz para a cura.

Industrioso e hábil, ele se dirige, ora para o bem... ora para o

mal... Confundendo as leis da natureza, e também as leis divinas a que jurou obedecer, quando está à frente de uma cidade, muita vez se toma indigno, e pratica o mal, audaciosamente! Oh! Que nunca transponha minha soleira, nem repouse junto a meu fogo, quem não pense como eu, e proceda de modo tão infame!

*Reaparece O GUARDA, trazendo ANTIGONE,
que caminha com a cabeça inclinada*

O CORIFEU

Oh! Que surpresa me causa o que ora vejo! Como negar, porém, se eu a reconheço? Como duvidar que seja a jovem Antigone? Infeliz filha de um desgraçado pai, — de Édipo! — que aconteceu contigo? Será que te trazem presa, por desobediência a alguma ordem real? Surprenderam-te, talvez, na prática de alguma ação criminosa?

O GUARDA

Ei-la aqui, aquela que fez a extraordinária proeza! Nós a surpreendemos no momento em que sepultava o cadáver. Mas... onde está Creonte?

O CORIFEU

Ei-lo que volta do palácio, e vem a propósito!

Entra CREONTE

CREONTE

Que há? Por que motivo é oportuna minha volta?

O GUARDA

Príncipe, nunca devemos jurar coisa alguma; uma segunda opinião pode desmentir a primeira! Dificilmente eu consentiria em voltar aqui, tanto me aterraram tuas ameaças! Mas... — sempre é mais sensível uma alegria por que não se espera! — eis-me de volta, embora tivesse jurado o contrário, eis-me de volta, com esta jovem, que foi por nós surpreendida no momento em que conclua a inumação do cadáver. Desta vez não fui escolhida pela sorte; eu mesmo fiz a descoberta. E agora, — visto que ela está em tuas mãos, ô príncipe, — interroga-a como quiseres, obriga-a a confessar seu crime. Quanto a mim, devo ser declarado livre de qualquer suspeita, ou castigo.

CRONTE

Tu a conduzes, sim! mas como, e onde a prendeste?

O GUARDA

Por suas próprias mãos estava dando sepultura ao morto; tu já o sabes.

CREONTE

E tu compreendes o alcance do que estás dizendo? Tens absoluta certeza do que dizes?

O GUARDA

Sim! Foi ela, que, apesar de tua proibição, estava dando sepultura ao morto... Não é claro o que estou dizendo?²⁹

CREONTE

Mas, como foi que a viste e a surpreendeste?

O GUARDA

Eis como tudo se passou: Logo que voltei, preocupado com as terríveis ameaças que me fizeste, nós retiramos toda a terra que cobria o morto, deixando descoberto o corpo, já em decomposição, e fomos nos portar no alto dos cômodos que há em torno, ao alcance da brisa, a fim de evitar que nos atingisse o mau cheiro. Cada um de nós excitava os companheiros à vigilância, censurando rudemente quem quer que não se mostrasse atento. E isso durou até que o disco solar alcançou o meio do céu, e o calor se tornou ardente. Nesse momento, uma ventania fortíssima ergueu um turbilhão de poeira, varrendo a região, e arancando a folhagem das árvores. Todo o céu escureceu; e nós com os olhos cerrados, esperamos o fim desse flagelo divino. Quando ele cessou, vimos esta jovem; ela soltava gritos agudos, como um pássaro desesperado ao ver desaparecidos os filhos do ninho deserto. Assim, à vista do cadáver desenterrado, ela, gemendo, proferiu maldições tremendas contra os autores do sacrilégio. Em suas mãos traz nova porção de areia seca, e depois, erguendo um vaso cinzelado, faz, sobre a cabeça do morto, uma tríplice libação. Em vista disso, nós nos precipitamos, e juntos a agarramos, sem que ela demonstrasse o menor susto; interrogamo-la sobre o que acabava de fazer, e o que fizera antes; ela nada negava, — o que me alegrou, e me entristeceu ao mesmo tempo!... Com efeito, é motivo de alegria escapar alguém de uma desgraça; mas é causa de desgosto fazer com que nela calam pessoas amigas. Entim... isso tem menos importância que a minha própria salvação.

CREONTE

Ó tu, que manténs os olhos fixos no chão, confessas, ou negas, ter feito o que ele diz?

ANTIGONE ergue-se, e fita-o de frente, com desassombro

ANTIGONE

Confesso o que fiz! Confesso-o claramente!

CREONTE

(Ao guarda.) Podes ir para onde quiseres, livre da acusação que pesava sobre ti! *(a Antigone)* Fala, agora, por tua vez; mas fala sem demora! Sabias que, por uma proclamação, eu havia proibido o que fizeste?

ANTIGONE

Sim, eu sabia! Por acaso poderia ignorar, se era uma coisa pública?

CREONTE

E apesar disso, tiveste a audácia de desobedecer a essa determinação?

ANTÍGONE

Sim, porque não foi Júpiter que a promulgou; e a Justiça, a deusa que habita com as divindades subterrâneas¹⁰, jamais estabeleceu tal decreto entre os humanos; nem eu creio que teu édito tenha força bastante para conferir a um mortal o poder de infringir as leis divinas, que nunca foram escritas, mas são irrevogáveis; não existem a partir de ontem, ou de hoje; são eternas, sim! e ninguém sabe desde quando vigoraram!¹¹ — Tais decretos, eu, que não temo o poder de homem algum, posso violar sem que por isso me venham a punir os deuses! Que vou morrer, eu bem sei; é inevitável; e morreria mesmo sem a tua proclamação. E, se morrer antes do meu tempo, isso será, para mim, uma vantagem, devo dizê-lo! Quem vive, como eu, no meio de tão lútuosas desgraças, que perde com a morte?¹² Assim, a sorte que me reservas é um mal que não se deve levar em conta; muito mais grave teria sido admitir que o filho de minha mãe jazesse sem sepultura; tudo o mais me é indiferente! Se te parece que cometi um ato de demência, talvez mais louco seja quem me acusa de loucura!

O CORIFEU

Com seu caráter indomável, esta jovem revela que descende de um pai igualmente inflexível; ela não se deixa dominar pela desgraça.

CREONTE

Fica-o sabendo, pois: os espíritos mais rígidos são, precisamente, aqueles que se deixam abater! O ferro, tão duro, vem a ser, quando aquecido, o metal que mais facilmente se pode vergar e romper... Tenho visto cavalos fogosos que um simples freio subjuga... Não convém, pois, exibir um caráter altaneiro, quando se está à mercê de outrem. Esta criatura agiu temerariamente, desobedecendo as leis em vigor; e, para agravar, com uma segunda ofensa, a primeira, acaba de se gloriar do ato que praticou. Eu não seria mais um homem, e ela é que me substituiria, se esta atitude que assumiu ficasse impune. Mas, seja ela filha de minha irmã, e, portanto, mais vinculada a mim do que o próprio Júpiter do meu lar¹³, ela e sua irmã não escaparão à sorte mais funesta, porque acuso a outra de haver, igualmente, premeditado o enterramento do irmão. Chamai-a! Eu a vi, no palácio, há pouco, desvairada, fora de si! Muitas vezes o espírito que pensa em executar uma ação perversa, se deixa traír por sua perturbação, antes de realizá-la! Mas detesto, também, aquele que, culpado de um crime, procura dar a este um nome glorioso!

ANTÍGONE

Visto que já me tens presa, que mais queres tu, além de minha morte?

CREONTE

Nada mais! Com isso já me darei por satisfeito.

ANTÍGONE

Por que demoras, pois? Em tuas palavras tudo me causa horror, e assim seja sempre! Também todos os meus atos te serão odiosos! Que maior glória posso eu pretender, do que a de repousar no túmulo de meu irmão? Estes homens (*indica o coro*) confessariam que aprovam o que eu fiz, se o terror não lhes tolhesse a língua! Mas, um dos privilégios da tirania consiste em dizer, e fazer, o que quiser.

CREONTE

Em Tebas só tu assim consideras as coisas.

ANTÍGONE

Eles pensam como eu; mas, para te agradar, silênciam...

CREONTE

E tu não te envergonhas de emitir essa opinião?

ANTÍGONE

Não vejo de que me envergonhe em ter prestado honras fúnebres a alguém, que nasceu do mesmo ventre materno...

CREONTE

E por acaso não era teu irmão, também, o outro, que morreu?

ANTÍGONE

Sim! Era filho do mesmo pai, e da mesma mãe!

CREONTE

Então por que prestas a um essa homenagem, que representa uma impiedade para com o outro?

ANTÍGONE

Asseguro-te que esse outro, que morreu, não faria tal acusação!

CREONTE

Sim! Visto que só honraste, com tua ação, aquele que se tomou criminoso.

ANTÍGONE

O que morreu também não era seu escravo, mas seu irmão!

CREONTE

No entanto devastava o país, que o outro defendia.

ANTÍGONE

Seja como for, Hades exige que a ambos se apliquem os mesmos ritos!

CREONTE

Não é justo dar, ao homem de bem, tratamento igual ao do criminoso.

ANTÍGONE

Quem nos garante que esse preceito seja consagrado na mansão dos mortos?

CREONTE

Ah! Nunca! Nunca um inimigo me será querido, mesmo após sua morte.

ANTÍGONE

Eu não nasci para partilhar de ódios, mas somente de amor!¹⁴

CREONTE

Desce, pois, à sepultura!... Visto que queres amar, ama aos que lá encontrares! Enquanto eu vivo for, nenhuma mulher me dominará!

Entra ISMÊNIA, entre dois escravos

O CORO

Eis que ao vestibulo do palácio se dirige Ismênia; seu amor pela irmã arranca-lhe abundantes lágrimas; uma nuvem, por sobre seus olhos, altera-lhe a fisionomia; e o pranto inunda a encantadora face.

CREONTE

Tu, que no meu palácio, deslizando como uma víbora, sugavas o meu sangue, — e eu não sabia que mantinha duas criminosas prontas a me derrubar do trono! — vejamos! Fala! Tu vais confessar se participaste do enterramento de Políneo, ou jurar que de nada sabias!

ISMÊNIA

Sou culpada, se ela nisso consentir; partilhei do ato, e quero partilhar da acusação.

ANTÍGONE

Mas a Justiça não o permitirá! Não quiseste ser cúmplice do que fiz, e eu própria não mais consenti que tomasses parte.

ISMÊNIA

Oh! Não te envergonhes, na infelicidade, em consentir que eu me associe ao perigo que corre.

ANTÍGONE

Quem tudo fez, Hades e os mortos bem sabem... quem só me ama por palavras, não pode ser, para mim, uma verdadeira amiga.

88

ISMÊNIA

Não me julgues, irmã, indigna de morrer contigo, honrando os nossos mortos!

ANTÍGONE

Não! Não me acompanhes na morte! Não queiras passar como autora do que não fizeste! Meu sacrifício, só, bastará!

ISMÊNIA

E como poderei eu viver, minha irmã, sem tua companhia?

ANTÍGONE

Pergunta-o a Creonte... Todos os teus cuidados são para ele...

ISMÊNIA

Por que me magoas assim, sem proveito algum para ti?

ANTÍGONE

Se escameço de ti, é com dor profunda que o faço!

ISMÊNIA

E que posso eu tentar, em teu benefício?

ANTÍGONE

Salvar tua vida... Não tenho a menor inveja de ti, se o conseguires!

ISMÊNIA

Como sou infeliz! Não poderei compartilhar de tua sina!

ANTÍGONE

Tu escolheste a vida, e eu, a morte.

ISMÊNIA

Mas não porque tenha esquecido o que me cumpria dizer-te!

ANTÍGONE

Há de haver quem te dê razão; mas a mim também!

ISMÊNIA

No entanto, o crime, se existe, é de nós ambas!

ANTÍGONE

Tranqüiliza-te! Tu viverás! Quanto a mim, dediquei minha alma ao culto dos mortos.

89

CREONTE

Estas duas jovens perderam a razão, evidentemente; uma enlouqueceu agora; a outra, desde que nasceu!

ISMÊNIA

Ó rei, a mais sólida razão não resiste aos golpes da adversidade.

CREONTE

Foi o que te aconteceu, quando resolveste acompanhar os malvados na prática do mal.

ISMÊNIA

Só, sem minha irmã, como poderei eu viver?

CREONTE

Não fales mais nela; ela, é como se já não vivesse.

ISMÊNIA

Ordenarás tu que pereça a noiva de teu filho?

CREONTE

Ora... outros campos há, que ele possa cultivar!¹⁵

ISMÊNIA

Mas não será isso o que eles juraram, um ao outro!

CREONTE

Esposas perversas, para meu filho, eu as rejeito!

ISMÊNIA

Pobre Hémon! Como teu pai te amesquinha!

CREONTE

Tu me importunas, com esse casamento!

O CORIFEU

Será crível, ó rei, que a arranques a teu próprio filho?

CREONTE

Será o Hades que romperá, por mim, esse noivado.

O CORIFEU

Parece-me, pois, que está definitivamente resolvido: ela morrerá!

CREONTE

Tal é minha decisão! (aos servos) Nada de demora! Leval-as para o palácio, escravos! Quero que estas mulheres sejam amarradas, e que não mais andem em liberdade! Os mais corajosos fogem quando sentem que a morte os ameaça!

Saem os escravos, conduzindo as duas jovens

O CORO

Ditosos aqueles que, na vida, não provaram do fruto do mal! Quando os deuses abalam uma família, o infortúnio se atira, sem descansa, sobre os seus descendentes, tal como as ondas do mar, quando, batidas pela tempestade, revolvem até a areia escura das profundezas do abismo, e as praias gemem com o fragor das vagas que rebentam.

Vemos, há muito tempo, acumularem-se os males na família dos Labdácidas, prolongando-se as desgraças das gerações extintas, sobre as gerações que vêm surgindo... Um deus os persegue cruelmente; não há possibilidade de salvação.

O fraco luar de esperança que se sentia nos últimos ramos da família de Édipo, acaba de ser extinto, por uma saraiavada de palavras imprudentes, de ódio e desvario; e esses ramos corta-os a foice impiedosa dos deuses infernais!

Ó Júpiter! Que orgulho humano poderá, jamais, te vencer? Nem o sono, a que se entregam todos os mortais, nem o curso incessante dos anos, nada sustém o teu poder! Isento da velhice, tu reínas, senhor supremo, sobre o cume brilhante do Olimpo! Por toda a eternidade prevalecerá esta lei: não haverá nunca, na vida humana, grandeza ou fausto a que não se misture o travo de alguma desgraça.

A fráglil esperança será um bem para muitas criaturas, mas será, para outras, uma ilusão apenas, uma ilusão de seus anelos. O homem, que tudo ignora, deixa-se levar por ela, até que sinta queimar os pés nalguma brasa. Sabiamente nos diz este preceito antigo: "o mal se afigura um bem para aqueles a quem a divindade quer arrastar à perdição; pouco tempo ele viverá isento da desgraça".

HEMÓN entra pela porta central!

O CORIFEU

Eis aqui Hémon, ó rei: o mais jovem de teus filhos; vem amargurado pela sorte de Antígone, a quem em breve iria esposar? Lamenta o seu amor malgrado?

CREONTE

É o que em breve saberemos, melhor do que os advinhos. Meu filho, sabedor da sentença irrevogável que profeti contra tua noiva, vens enfurecido contra teu pai, ou continuas a prezar-me, apesar do que fiz?

HEMÓN

Pai... eu te pertenço... Teus sábios conselhos me têm guiado, e eu os seguirei. Para mim não há casamento algum que possa prevalecer sobre tua vontade¹⁶.

Eis aí a prudente regra, meu filho, que é preciso guardar no coração! Tudo nos deve provir da vontade paterna. A única razão pela qual os homens desejam que nasçam e cresçam em sua casa novos rebentos, é a certeza de que estes, mais tarde, ataquem o seu inimigo, e honrem o seu amigo, tão bem como o pai o faria. Quem quer que tenha filhos inúteis, não terá feito outra coisa senão angariar para si motivos de desgosto, e para seus inimigos uma fonte de risos. Não abandones, pois, meu filho, pela sedução do prazer, ou por causa de uma mulher, os sentimentos de que estás animado; e sabe que é bem frito, muitas vezes, o beijo de uma mulher quando é uma esposa má que recebe o marido em casa... Haverá maior flagelo do que um falso amigo? Repele, pois, essa jovem como se ela fosse tua inimiga; manda-a ao Hades, para que lá se case com quem quiser. Visto que eu a prendi, quando, ostensivamente transgredia a uma de minhas ordens, — e foi a única pessoa, em toda a cidade, a proceder assim! — eu não querei passar por mentiroso e fraco diante do povo, e ordenarei sua morte. Que ela implore Júpiter, o deus da família! Se eu tolero a rebeldia daqueles que pertencem à minha estirpe, com mais forte razão transgrirei com a de estranhos! Quem é rigoroso na decisão de seus casos domésticos, será também justo no governo do Estado. Quem, por orgulho e arrogância, queira violar a lei, e sobrepor-se aos que governam, nunca merecerá meus encômios. O homem que a cidade escolheu para chefe deve ser obedecido em tudo, quer seus atos pareçam justos, quer não. Quem assim obedece, estou certo, saberá tão bem executar as ordens que lhe forem dadas, como comandar, por sua vez; e será, na guerra, um aliado valoroso e fiel. Não há calamidade pior do que a rebeldia; ela é que arruína os povos, perturba as famílias, e causa a derrota dos aliados em campanha. Ao contrário, o que garante os povos, quando bem governados, é a voluntária obediência. Cumpre, pois, atender à ordem geral, e não ceder por causa de uma mulher. Melhor fora, em caso tal, ser deambulado do poder por um homem; ninguém diria, então, que as mulheres nos venceram!

O CORIFEU

Se nossa mente não se enfraqueceu com a idade, parece-nos razoável tudo o que dizes.

HÉMON

Meu pai, ao dotar os homens da razão, os deuses concederam-lhes a mais preciosa dádiva que se pode imaginar. Será, por acaso, certo tudo o que acabas de dizer? Eu não sei... e praza aos deuses que não saiba nunca. No entanto, outros há, que podem ter outras idéias. De qualquer forma, é no teu interesse que me julgo no dever de examinar o que se diz, o que se faz, e as críticas que circulam. Teu semblante inspira temor ao homem do povo, quando este se vê forçado a dizer o que não te é agradável ouvir. Quanto a mim, ao contrário, posso observar, às ocultas, como a cidade inteira deplora o sacrifício dessa jovem; e como, na opinião de todas as mulheres, ela não merece a morte por ter praticado uma ação gloriosa... Seu irmão jazia insepulto; ela não quis que ele fosse espedaçado pelos cães famintos, ou pelas aves carniceiras. "Por acaso não merece ela uma coroa de louros?" eis os que todos dizem, reservadamente. Para mim, meu pai, tua prosperidade é o bem mais precioso. Que mais belo florido podem ter os filhos, do que a glória de seu pai; e que melhor alegria terá o pai, do que a glória dos filhos? Mas não creias que só tuas decisões sejam acertadas e justas... Todos quantos pensam que só eles têm inteligência, e o dom da pala-

ria, e um espírito superior, ah! esses, quando de perto os examinamos, mostram-se-ão inteiramente vazios! Por muito sábios que nos julgemos, não há desar em aprender ainda mais, e em não persistir em juízos errôneos... Quando as torrentes passam engrossadas pelos aguaceiros, as árvores que vergam conservam seus ramos, e as que resistem são arrancadas pelas raízes. O piloto que, em plena tempestade, teima em conservar abertas as velas, faz emborcar o navio, e lá se vai, com a quilha exposta ao ar! Cede, pois no teu íntimo, e revoga teu édito. Se, apesar de minha idade, me é lícito emitir um parecer, direi que o homem que possuir toda a prudência possível, deve levar vantagem aos outros; mas como tal virtude nunca se encontra, manda o bom senso que aproveitemos os conselhos dos demais.

O CORIFEU

Príncipe, visto que ele propõe medidas de moderação e prudência, convém ouvi-lo; de parte a parte vós falastes muito bem!

CREONTE

Devo eu, na minha idade, receber conselhos de um jovem?

HÉMON

Ouve somente os que parecerem justos. Sou moço ainda, é evidente; mas nós devemos atender às razões, e não à idade.

CREONTE

Terei eu então de honrar a quem se mostrou rebelde?

HÉMON

Nunca proporei que se respeite a quem houver praticado o mal.

CREONTE

E por acaso não foi um crime o que ela fez?

HÉMON

Não é assim que pensa o povo de Tebas.

CREONTE

Com que então cabe à cidade impor-me as leis que devo promulgar?

HÉMON

Vê como tua linguagem parece ser a de um jovem inexperiente!

CREONTE

É em nome de outrem que estou governando neste país?

HÉMON

Ouve: não há Estado algum que pertença a um único homem!

CREONTE

Não pertence a cidade, então, a seu governante?

HÉMON

Só num país inteiramente deserto terias o direito de governar sozinho!

CREONTE

Bem se percebe que ele se tomou aliado dessa mulher!

HÉMON

Só se tu te supões mulher, porque é pensando em ti que assim falo.

CREONTE

Miserável! Por que te mostras em desacordo com teu pai?

HÉMON

Porque te vejo renegar os ditames da Justiça!

CREONTE

Por acaso eu a ofendo, sustentando minha autoridade?

HÉMON

Mas tu não a sustentas calcando aos pés os preceitos que emanam dos deuses!

CREONTE

Criatura vil, que se põe a serviço de uma mulher!

HÉMON

Tu nunca me viste, nem me verás jamais, ceder a prazeres indignos!

CREONTE

Seja como for, todas as tuas palavras são em favor dela!

HÉMON

São por ela, sim! como são por ti, por mim, e pelos deuses imortais!

CREONTE

Essa mulher, tu nunca a desposarás viva!

HÉMON

Ela morrerá, eu sei! Mas sua morte há de causar uma outra!¹⁷

CREONTE

Tens coragem de recorrer às ameaças?

HÉMON

Que ameaças pode haver, se combatemos razões tão frívolas?

CREONTE

Tu pagarás caro tuas lições de prudência, insensato!

HÉMON

Queres só falar, e nada ouvir?

CREONTE

Escravo de uma mulher, não me perturbes com tua tagarelice!

HÉMON

Se tu não fosses meu pai, eu diria que perdeste o senso!

CREONTE

Sim? Pelo Olimpo! Fica-o sabendo bem: tu não te alegrarás por me teres censurado e ultrajado assim! *(a um escravo)* Leva essa mulher odiosa, para que ela morra imediatamente, em minha vista, e na presença de seu noivo!

HÉMON

Não! Em minha presença, ela não morrerá! E tu nunca mais me verás diante de ti! Descarrega teus furores por sobre aqueles que a isso se sujeitarem!

(Sai HÉMON)

O CORIFEU

Príncipe, ele partiu possuído de angústia; na sua idade, tamanho desespero é para se temer!

CREONTE

Faça o que fizer, ainda que pratique façanhas sobre-humanas, não salvará da morte essas donzelas.

O CORIFEU

Mas... pensas em ordenar que pereçam ambas?

CREONTE

Não! Tens razão... Será poupada a que nada fez.

O CORIFEU

E como pensas em dar a morte à outra?

Levá-la-ei a um sítio deserto; e ali será encerrada, viva, em um túmulo subterrâneo, revestido de pedra, tendo diante de si o alimento suficiente para que a cidade não seja maculada pelo sacrilégio¹⁸. Lá, ela poderá invocar Plutão, o único deus que venera... e talvez ele evite que ela morra... Só assim ela se convencerá de que é inútil querer prestar culto aos mortos!

(Sai CREONTE)

O CORO

Amor, invencível Amor, tu que subjugas os mais poderosos; tu¹⁹, que repousas nas faces mimosas das virgens; tu que réinas, tanto na vastidão dos mares, como na humilde cabana do pastor; nem os deuses imortais, nem os homens de vida transitória podem fugir a teus gozos; e, quem for por ti ferido, perde o uso da razão!

Tu arrastas, muita vez, o justo à prática da injustiça, e o virtuoso, ao crime; tu semeias a discórdia entre as famílias... Tudo cede à sedução do olhar de uma mulher formosa, de uma noiva ansiosamente desejada; tu, Amor, te equiparas, no poder, às leis supremas do universo, porque Vênus zomba de nós!

Surge ANTÍGONE, conduzida por dois servidores de CREONTE, ela tem as mãos amarradas

O CORIFEU

Eu próprio sinto-me revoltado contra as leis, e não posso conter minhas lágrimas ao ver Antígone dirigir-se para o seu leito nupcial: o túmulo, — onde não de dormir todos os humanos!

ANTÍGONE

Cidadãos de Tebas, minha Pátria! Vede-me em caminho para o atalho fatal, contemplando, pela última vez, a luz rutilante do sol! Plutão me arrasta, viva, às margens do Aqueronte, sem que eu haja sentido os prazeres do himeneu, cujos cantos jamais se ouvirão por mim! O Aqueronte será meu esposo!

O CORO

Tu irás, pois, coberta de glória, a essa mansão tenebrosa dos mortos, sem que tenhas sofrido as doenças, e sem que recebas a morte pela espada... Por sua própria vontade, única entre os mortais, vais descer ao Hades!

ANTÍGONE

Ouvi contar a morte dolorosa da infeliz frígia, a filha de Tântalo²⁰, sobre o monte Sipilo: uma camada de pedra a circundou, como uma hera indissolúvel; e dizem que de sua fronte petrificada, e coberta de neve, jorravam lágrimas sem fim, alargando-lhe o peito. Assim também quer o destino que eu vá, em vida, repousar num túmulo de pedra...

Niobe era uma divindade, e descendia dos deuses... Mas nós somos humanos, e filhos de mortais. Portanto, quando não mais viveres, será uma glória para ti que recordem sempre que tiveste uma sorte igual a de seres divinos, tanto na vida, como na morte!

ANTÍGONE

Ai de mim! Zombam de minha desgraça! Pelos deuses imortais, por que não esperam eles que eu morra, e por que me insultam na presença de todos? O cidade tebana! O felizes habitantes de minha terra, ó fontes do Dirceu, ó muros sagrados de Tebas, a vós, pelo menos, eu tomo por testemunhas! Vede como, sem que sejam ouvidas as lamentações de meus amigos, como, e por que iníquas leis sou levada a um covil de pedra, a um túmulo de nova espécie! Como sou infeliz! Nem sobre a terra, nem na região das sombras, poderei habitar, nem com os vivos, nem com os mortos!

O CORIFEU

Por tua demasiada audácia, minha filha, tu ofendeste a autoridade; talvez sofras para expiar um crime de seu pai!

ANTÍGONE

Dolorosas recordações tu me trazes, renovando as angústias sem fim que tenho sofrido por meu pai, por nosso destino, pelo infartínio minaz dos Labdácidas! Oh! Funesto casamento, o de minha pobre mãe! União com o meu desgraçado pai, que lhe devia a vida! De que miseros progeneros eu nasci! E será por eles que, maldita, sem ter sido desposada, eu caminho para a sepultura! Meu irmão, que desastrado casamento tu fizeste! Tua morte é que me faz perder a vida!²¹

O CORIFEU

Ação piedosa é prestar culto aos mortos; mas, quem exerce o poder, não quer consentir em ser desobedecido. Teu caráter voluntarioso causou tua perda.

ANTÍGONE

Sem que chorem por mim, sem amigos, sem cânticos de himeneu, desgraçada, sou conduzida nesta fúnebre viagem!... A luz sagrada do sol, já não mais poderei ver. Que ninguém lamente minha sorte! Que ninguém suspire por mim!

CREONTE

(Aos guardas.) Sabeis vós que estas lamentações e estes gemidos antes da morte não teriam fim, se o condenado os pudesse prolongar indefinidamente? Por que não a leveis, já, e já? Encerra-a, como vos ordenei, na cavidade de pedra, e deixai-a ali só, para que morra... ou fique sepultada viva em tal abrigo. Para nós nenhuma culpa haverá na morte dessa jovem; ela, porém, nunca mais poderá aparecer entre os viventes!

ANTÍGONE

Ó túmulo, ó leito nupcial, eterna prisão da subterrânea estância,

para onde caminho, para juntar-me aos meus, visto que a quase todos já Perséfone recebeu entre os mortos! Seja eu a última que desço ao Hades antes do termo natural de meus dias... Lá, ao menos, tenho esperança de que minha chegada agradará a meu pai, a minha mãe, e também a ti, meu irmão querido! Quando morrestes, eu, com minhas próprias mãos, cuidei de vossos corpos, sobre eles fiz libações fúnebres; e hoje, Polínx, porque dei sepultura a teus restos mortais, eis a minha recompensa. Creio, porém, que no parecer dos homens sensatos, eu fiz bem. Com efeito, nunca, por um filho, se fosse mãe, ou pelo marido, se algum dia lamentasse a morte de um esposo, eu realizaria semelhante tarefa, contrariando a proibição pública! E por que razão assim penso? Porque eu poderia ter outro esposo, morto o primeiro, ou outros filhos, se perdesse o meu: mas, uma vez mortos meu pai e minha mãe, nunca mais teria outro irmão! Eis ali por que te prestel estas honras, e por que, na opinião de Creonte, pratiquei um crime, um ato incrível, meu querido irmão. E agora sou arrastada, virgem ainda, para morrer, sem que houvesse sentido os prazeres do amor e os da maternidade. Abandonada por meus amigos, caminho, viva ainda, para a mansão dos mortos. Deuses imortais, a qual de vossas leis eu desobedecei? Mas... de que me serve implorar os deuses? Que auxílio deles posso receber, se foi por minha piedade que atraí sobre mim o castigo reservado aos ímpios? Se tais coisas merecem a aprovação dos deuses, reconheço que sou por minha culpa; mas se provém de meus inimigos, eu não lhes desejo um suplício mais cruel do que o que vou padecer!

O CORO

Sempre a mesma tempestade a lhe agitar a alma sofredora!

CREONTE

Eles não de se arrender de sua lentidão!

ANTÍGONE

Pobre de mim! Esta ameaça anuncia que minha morte não tarda.

CREONTE

Não te animes na suposição de que podes retardar a execução de minhas ordens.

ANTÍGONE

Ó cidade de meus pais, terra tebana! Ó deuses, autores de minha raça! Vejo-me arrastada! Chefes tebanos, vede como sofre a última filha de vossos reis, e que homens a punem, por haver praticado um ato de piedade!

ANTÍGONE desaparece levada pelas guardas, enquanto O CORO canta

O CORO

Danaé sofreu igual desdita, encerrada num recinto de bronze, e privada da luz celeste! E ficou presa nessa angustiada sepultura, sendo

embora ilustre por sua origem, minha filha, e tendo sido fecundada por Júpiter, sob uma chuva de ouro! Mas o destino é inexorável: nem a tempestade, nem a guerra, nem as muralhas, nem os navios sacudidos pelas ondas, podem deter fugir. Assim foi submetido a igual provação o ardoroso filho de Drias o rei dos Edônios, o qual, por sua imprudência, foi encerrado por Dionisus numa prisão de pedra. E assim arrefeceu o fervor de sua loucura! Ele reconheceu que fora imprudência atacar o deus, com expressões insolentes, o que fizera no desejo de pôr um fim ao delírio das bacantes, mas contrariando também as musas, que apreciavam o som das avenas. Vindo das rochas Ciáneas²² entre os dois mares, encontram-se as margens do Bósforo e da inóspita Salmídis da Trácia. Foi ali que Marte viu os dois filhos de Fineu sob o golpe cruel da infame madrasta, que os cegou, arrancando-lhes os olhos, não com uma lâmina, mas com as unhas sangrentas e as pontas de suas lanças-destras²³. Choravam aqueles infelizes a triste sorte de sua mãe, cujo casamento produziu filhos tão desgraçados; ela descendia das antigas Erectídes; filha de Bóreas, criada em grutas longínquas, e cercada das tempestades sujeitas a seu pai, tomou-se ágil na corrida, e mais veloz que os cavalos na montanha. Embora de progênie dos deuses, as Parcas imortais não a pouparam!

Entra TIRÉSIAS, guiado por um menino

TIRÉSIAS

Ó chefes tebanos, nós, que aqui estamos, fizemos longa jornada juntos! Um de nós vê pelo outro; bem sabeis que os cegos não podem caminhar sem um guia.

CREONTE

Que novas me trazes, velho Tirésias?

TIRÉSIAS

Vou anunciá-las... Não deixes de crer em meus oráculos.

CREONTE

Até agora tenho observado teus conselhos.

TIRÉSIAS

Graças a isso, conseguiste encaminhar esta cidade por uma rota segura.

CREONTE

E posso assegurar-te que deles muito me tenho valido.

TIRÉSIAS

Sabe, pois, que novamente se tornou crítica tua situação.

CREONTE

Que há então? Dize! Tuas palavras me assustam!

Vais saber já, o que os signos me anunciam. Estava eu sentado no venerando sôlo augural, de onde poderia ouvir todos os presságios, quando ouvi um rumor confuso de pássaros, que soltavam gritos estridentes, para mim incompreensíveis; era fácil perceber-se o debater de suas asas. Logo em seguida, tentei experimentar o fogo no altar aquecido; mas as oferendas de Vulcano não subiam com labaredas claras: a cinza caía sobre as gorduras, com odor desagradável; no ar enfumado, vaporizava-se o fel, enquanto os ossos ficavam, umedecidos pela banha que os revestia... Eis o que me dizia este menino: os presságios não se ouviam; e os sacrifícios nenhum sinal nos davam. Meu guia é, para mim, o que eu quero ser para os outros... E esta desgraça iminente é causada por tuas resoluções... os altares da cidade, as aras consagradas aos deuses, estão cheios de pedaços da carne do infeliz filho de Édipo... Eis por que os deuses repelem nossas orações, e rejeitam nossos holocaustos; não se ergue a chama sobre as vítimas; nem as aves soltam cantos de bom augúrio, visto que estão saciadas com o sangue humano... Pensa nisto, meu filho! O erro é comum entre os homens: mas quando aquele que é sensato comete uma falta, é feliz quando pode reparar o mal que praticou, e não permanece renitente. A teimosia produz a imprudência. Cede diante da majestade da morte: não proclames um cadáver! De que te servirá matar, pela segunda vez, a quem já não vive? Bem sabes que sou dedicado a teus interesses, e é por minha dedicação que te aconselho. Que pode haver de mais oportuno do que um conselho realizável?

CREONTE

Ancião, todos vós, como arceiros, dirigi contra mim vossas setas certas; nem dos adivinhos estou livre! Meus próprios parentes me traem, há muito tempo! Pois bem: empantural-vos de dinheiro, apodeurai-vos de todo o ouro do Sardes e do Índia! Mas nunca dareis a esse homem as honras da sepultura! Ainda que as águas de Júpiter quisessem levar ao trono do supremo deus os restos de seu corpo, eu, sem receio de tal profanação, não consentirei que o sepulcrem! No entanto, creio que nenhum homem pode profanar os deuses. Velho Tiréias, os homens mais espertos muitas vezes fracassam vergonhosamente, quando falam induzidos pela ambição do ganho!

TIRÉSIAS

Oh!... quem saberá, talvez... Quem pode dizer...

CREONTE

Que queres tu dizer com essas palavras vagas?

TIRÉSIAS

....de quanto sobrepuja a prudência os outros bens?

CREONTE

Tanto quanto é certo que a imprudência é o maior dos males.

TIRÉSIAS

No entanto, é precisamente o mal em que incorres.

Não devo retrucar, como fora mister, às impertinências de um adivinho.

TIRÉSIAS

Mas é o que estás fazendo, visto que classificas minhas predições como mentiras.

CREONTE

Toda a raça dos adivinhos é cômica!

TIRÉSIAS

E a dos tiranos adora os proveitos, por mais vergonhosos que sejam.

CREONTE

Sabes que é a um rei que diriges tais palavras?

TIRÉSIAS

Bem o sei. Graças a mim pudeste salvar o Estado.

CREONTE

És um adivinho esperto: mas tens prazer em proceder mal.

TIRÉSIAS

Tu me obrigas a dizer o que tenho em mente!

CREONTE

Pois fala! Contanto que a ganância não te inspire!

TIRÉSIAS

E é assim que supões que eu te falo sobre coisas que te dizem respeito?

CREONTE

Por nenhum preço, ouves tu? me farás mudar de idéias!

TIRÉSIAS

Está bem! Sabe, pois, que não verás o sol surgir no horizonte muitas vezes, sem que pagues, com a morte de um de teus descendentes, o resgate de outra morte, pois acabas de pôr sob a terra uma criatura que vivia na superfície, e a quem indignamente encerraste, viva, num túmulo; por outro lado, tu reténs, longe dos deuses subterrâneos, um cadáver, privado de honras fúnebres e de sepultura! Tu não tens o direito de o fazer; nem tu, nem qualquer divindade celeste! É uma inaudita violência, a que praticaste! Eis por que as deusas vingadoras, que punem os criminosos, as Fúrias — e os próprios deuses te espere-

tam, e vais sofrer os mesmos males que estás causando! Verifica se é por dinheiro que te faço estes pretínios... Mais algum tempo, e angustiosos lamentos de homens e mulheres se ouvirão neste palácio! Contra ti já se erguem as cidades irritadas, cujos altares estão poluídos pelas exalações dos cadáveres que não receberam sepultura²⁴ a não ser das aves e dos cães. São estas as setas, que, na minha indignação, venho lançar contra ti²⁵. Tu não evitarás que elas te alcancem! Menino, levame de novo para minha casa, ele descaregará sua raiva à custa de outros mais jovens, até que aprenda a dominar sua cólera e a adquirir melhores sentimentos.

Sai TIRÉSIAS. *Momento de silêncio*

O CORIFEU

O anélio lá se foi, ó príncipe, depois de te haver predito coisas tremendas! Ora, desde que existem na minha cabeça estes cabelos, que de negros se tornaram alvos, não sei de aviso por ele feito, que não haja sido em absoluto verdadeiro.

CREONTE

Eu sei... e por isso mesmo estou preocupado... Ceder, é duro; mas resistir, e provocar a desgraça certa, não o é menos!

O CORIFEU

Age com cautela, Creonte, filho de Meneceu!

CREONTE

Que devo fazer? Dize, que eu executarei!

O CORIFEU

Corre! Liberta a moça de sua prisão subterrânea, e erige um túmulo ao morto.

CREONTE

É o que me aconselhas? Queres, então, que eu ceda?

O CORIFEU

E vai tu mesmo... Não confies a outros esse encargo!

CREONTE

Irei, pois, imediatamente! Vinde todos vós, ó servos! com vossos machados! Correi para aquela colina, que daqui se avista! Eu próprio, visto que mudei de resolução, eu próprio, que ordenei a prisão de Antígone, irei libertá-la! Agora, sim, eu creio que é bem melhor passar a vida obedecendo as leis que regem o mundo!

(Sai CREONTE)

O CORO

Tu, a quem adoramos sob diversos nomes, orgulho da filha de Cadmo, rebento de Júpiter Tonante, protetor da lídla gloriosa, e da

região onde Ceres Eleusiana atrai tão numerosa afluência de peregrinos, ó Baco²⁶ que resides em Tebas, pátria das bacantes, nas margens do Ismênio, e nos campos por onde foram espalhados os dentes do hedlondo dragão.

...Por sobre a montanha de dois cumes, onde brilha, em tua honra, uma fulgurante chama, e vão ter as ninfas do Parnaso, tuas bacantes; e pela colina banhada pelas águas de Castália, e revestida de hera, e de verdejantes vinhedos, no meio de cânticos divinos, vens rever os lugares públicos de Tebas!

Tebas, a cidade a que mais prezas, tu e tua mãe, vitimada pelo raio... Visto que hoje, a cidade e o povo se acham sob a ameaça de males terríveis, vem, ó Baco, purificá-la... Atravessa o Parnaso, ou a gruta do rumoroso Euripo.

Protetor dos astros luminosos, mestre dos rumores noturnos, filho dileto de Zeus, vem, ó rei, e traze tuas bacantes, tuas companheiras que, em delirante alegria, celebram sem cessar, com seus cantos e danças, aquele a quem consagraram sua vida, Iaco!

Entra um MENSAGEIRO

O MENSAGEIRO

Ó vós, que habitais perto de Cadmo e do templo de Aníon, não há vida humana, que nós devamos invejar, ou deplorar, enquanto dure... A sorte eleva, ou abate, continuamente, os homens infelizes, e os ditosos: ninguém pode prever que destino está reservado aos mortais. Até pouco tempo Creonte me parecia digno de inveja; tinha conseguido libertar a terra cadmêica de seus inimigos, assumiu o poder absoluto no Estado, dirigia o povo, sentia-se reflorir numa bela prole! No entanto, tudo está destruído! Quando os homens perdem a razão de ser de sua alegria, eu suponho que não vivem: são apenas cadáveres animados... Acumula em tua casa, se queres, riquezas sem conta; vive com o fausto de um rei; se não possuis a alegria, tudo isto não vale a sombra de uma reunião, comparado a uma verdadeira felicidade.

O CORIFEU

Que novas calamidades de nossos reis tu vens comunicar?

O MENSAGEIRO

Eles estão mortos: e os vivos foram os causadores disso!

O CORIFEU

Mas... quem os matou? Quem foi a vítima? Fala!

O MENSAGEIRO

Hémon morreu! A mão de um amigo derramou-lhe o sangue.

O CORIFEU

A de seu pai, talvez? A dele próprio?

O MENSAGEIRO

Ele feriu-se, a si mesmo, furioso com seu pai, por causa da morte de Antígone.

O CORIFEU

Ó adivinho! Como se realizou o que anunciaste!

O MENSAGEIRO

E se assim é, cumpre aguardar o que vai ainda acontecer!

Vê-se EURÍDICE, que entra pela porta central

O CORO

Eis que se aproxima de nós a infeliz Eurídice, esposa de Creonte. Ela vem do palácio... Teria já sabido da morte do filho, ou é por acaso que aqui vem ter?

EURÍDICE

Ó tebanos, ouvi o que dissestes quando la levar minha saudação à deusa Palas. Apenas transpunha a porta, quando o rumor dessa desgraça chegou a meus ouvidos... Caf desacordada entre minhas escras... e senti-me gelar de frio. Que dizíeis vós? Oh! Contai-me tudo. Tenho tido já muita experiência da desgraça para vos ouvir!

O MENSAGEIRO

Senhora, eu vos falarei como testemunha ocular! Nada omitirei da verdade. De que serviria iludir-te com afirmações que logo se desmentiriam? A verdade é sempre o melhor caminho que temos a seguir. Eu acompanhava teu esposo, guiando-o, até o sítio mais alto do campo, onde jaz, espedaçado pelos cães, o corpo de Polínicé. Depois de haver dirigido preces à deusa das estradas²⁷, e a Plútão, para que moderasse sua cólera, e nos fosse propício, lavamos esses despojos mortais com água lustral, cobrimo-los com verdes ramos de oliveira, e procedemos à incineração; depois, com a terra doméstica formamos uma tumba elevada... Em seguida, dirigimo-nos para a caverna de pedra da jovem, a câmara nupcial da morte. Ouviu-se, então, um grito lancinante, ao longe; e gemidos angustiosos... eles provinham desse túmulo privado de honras fúnebres. Alguém correu a informar disso ao rei, a Creonte; ele aproximou-se, e ouviu, como nós, aqueles sons comoventes. Por sua vez ele solta este brado de desespero: "Oh! Como sou desgraçado! Será verdade o que ouço? Estarei eu fazendo aqui o trajeto mais doloroso de minha vida? É de meu filho, é a voz tema de meu filho que estou ouvindo! Ide, servos! Correi ligeiros! reitai a pedra que fecha a entrada do túmulo, entrai, e vede se é, ou não, Hémón que lá se encontra; ou se os deuses zombam de mim!" Nós obedecemos a essas ordens do afilto rei, e observamos. No fundo do túmulo, suspensa por uma corda, vimos Antigone; ela se tinha enforcado com os cadarços de sua cintura. Hémón, quase desfalecido, procurava suster o corpo, e chorava a morte daquela que seria todo o seu amor; lamentava a ruína de sua esperança, e a crueldade de seu pai. Creonte, ao vê-lo, solta um grito rouco, e entra, também, no jazigo... Corre para o filho, e exclama, possuído de dor: "Que fizeste, infeliz? Que queres mais, aqui? Perdeste a razão? Sai, meu filho! Eu te suplico! Eu te conjuro!" Mas o filho, fitando-o com olhar desvairado, cospe-lhe no rosto, e, sem dizer palavra, arranca da espada de duplo fio... Seu pai recua, e põe-se a salvo; ele não o atingiu! Então, o desgraçado volta contra si mesmo sua raiva,

e com os braços estendidos, firma o gume da espada no próprio peito, crava-a com furor, e, respirando em arancos de agonia, abraça-se ao corpo da donzela, para logo em seguida exalar o último alento, com o sangue, que, impetuoso, alcança as faces pálidas da jovem. Morto, enfim, foi estendido ao lado de sua noiva morta: e é no Hades que o infeliz casal terá tido as suas bodas... Triste exemplo para os humanos, à vista dos males que a impiedade pode causar, mesmo aos reis!

EURÍDICE entra no palácio. Momento de silêncio

O CORIFEU

Que devemos pensar? A rainha volta a seus aposentos sem proferir uma só palavra... favorável ou funesta!

O MENSAGEIRO

Também eu estou surpreendido... Suponho que, tendo ouvido a notícia da morte do filho, ela não julgue decoroso lamentar-se diante de toda a cidade; e, no interior de seu lar, cercada de suas servas, é que ela vai chorar o golpe que sofreu. Ela tem-se mostrado bastante ajudada para não cometer uma inconveniência.

O CORIFEU

Não sei... um silêncio profundo me parece tão penoso como grandes lamentações inúteis...

O MENSAGEIRO

Saberemos, já, entrando no palácio, se ela oculta algum desígnio em seu coração angustiado. Tu tens razão: um silêncio profundo tem qualquer coisa de ameaçador.

O CORO

Eis que volta o rei, em pessoa... em seus braços ele traz a prova evidente, se assim posso dizer, de que esta desgraça não lhe veio de outros, mas, sim, de sua própria culpa.

Entra CREONTE, com HÉMÓN nos braços

CREONTE

Erros de minha insensatez! Obstinação fatal! Vede... na mesma família, vítimas e assassinos! Ó sorte desgraçada! Meu pobre filho! Jovem, succumbiste por uma morte tão triste... perdeste a vida não por tua culpa, mas pela minha!

O CORIFEU

Oh! Agora é tarde! Parece-me que, o que estás vendo, é a justiça dos deuses!

CREONTE

Ai de mim, — agora sei — que sou um desgraçado! Sobre mim paira um deus vingador que me feriu! Ele me arrasta por uma via de

sufrimentos cruéis... ele destruiu toda a alegria de minha vida! Ó esforços inúteis dos homens!

Entra um MENSAGEIRO que vem do palácio

O MENSAGEIRO

Senhor! Que desgraças caem sobre ti! De uma tens a prova em teus braços... as outras estão no teu palácio... creio que tu deves ver!

CREONTE

Que mais me poderá acontecer? Poderá haver desgraça maior do que a fatalidade que me persegue?

O MENSAGEIRO

Tua esposa acaba de morrer... a mãe que tanto amava este infeliz jovem... Ela feriu-se voluntariamente, para deixar a vida.

CREONTE

Hades, que a todos nós esperas, Hades que não perdooas, nem te comoves... dize: por que, por que me esmagas por essa forma? Mensageiro das desgraças, que novas desgraças me vens anunciar? Ai de mim! Eu já estava morto, e tu me deste mais um golpe ainda... Que dizes, amigos? Quem é essa criatura... essa mulher... que vejo caída ao lado do outro morto?

Abre-se a porta: aparece o corpo de EURÍDICE

O CORIFEU

Tu podes vê-la, agora. Ei-la aí.

CREONTE

Sim... eu vejo... este outro objeto de minha dor... Que destino me pode esperar ainda? No momento em que tenho nos braços meu filho morto, apresentam-me ante os olhos este corpo... Ó mãe infeliz! Ó meu filho!

O MENSAGEIRO

Ela se feriu, com agudo punhal, junto ao altar dos Lares, e ceitou os olhos depois de haver lamentado a perda de seu filho Megareu, e a de Hémon, e depois de ter pedido que todas as desgraças recaiam sobre ti, que foste o assassino de seu filho!

CREONTE

O horror me põe fora de mim... Por que não me feriram já, com uma espada bem cortante? Vejo-me desgraçado, e de todos os lados novas desgraças caem sobre mim!

O MENSAGEIRO

Ela, ao morrer, acusou-te, ó rei, de teres sido culpado da morte de seus dois filhos!²⁸

CREONTE

Mas como se feriu ela?

O MENSAGEIRO

Fez um profundo golpe no fígado, ao saber da morte de Hémon.

CREONTE

Ai de mim! De tanta infelicidade, eu bem sei que sou o autor, nem poderiam elas nunca ser atribuídas a outro. Fui eu, eu somente, eu, este miserável, que os matei... Servos... levai-me depressa... levai-me para longe... eu não vivo mais!... eu estou esmagado!

O CORO

O que tu pedes seria um bem, se pudesse haver algum bem para quem assim tanto sofre... Mas... dos males que tenhamos de suportar, os mais curtos são os melhores.

CREONTE

Que venha!... que venha! que apareça já a mais bela... a última das mortes que eu causei... a que me há de levar... no meu derradeiro dia... que ela venha! Que venha já! Eu não quero... eu não quero ver clarear outro dia.

O CORO

Oh! Mas isto já é o futuro!... Pensemos no presente, ó rei! Que cuidem do futuro os que no futuro viverem.

CREONTE

Tudo o que eu quero está resumido nesta súplica!... Ouvi!

O CORO

Não formulem desejos... Não é lícito aos mortais evitar as desgraças que o destino lhes reserva!

*

* *

Notas

¹ "Belo, para mim, que em seguida morre..." diz o original grego.

² "Infeliz, tremo por tua causa" seria mais literal.

³ Belo emprego de antítese, a cujo respeito se tem lembrado, como influência longínqua de Sófocles, o conhecido verso de Racine:

"Ainsi je brèle en vain, pour une âme glacée..."

⁴ Nas tragédias "Ajax", "Antígone" e "Electra" era de praxe iniciar-se a cena ao romper da manhã, para que a ode do coro fosse realmente dirigida ao verdadeiro sol.

⁵ Direu, ou Diréc, era o rio que fornecia água a Tebas.

⁶ Estes versos, e as estrofas seguintes referem-se ao exército de Argos, com o qual Adrasto foi recorrer na luta civil tebana, em favor de Polínice. Vencido, o rei Argivo foi obrigado a recuar.

⁷ Tal máxima é atribuída a Bias: "O exercício do poder põe um homem à prova."

⁸ Os intérpretores da "Antígone" discordam quanto à inteligência dessa frase de Creonte. A opinião mais aceitável, porém, é a que confere certo azedume à expressão "desde algum tempo", que o Conifeu já havia empregado, e o rei, intencionalmente, repete.

⁹ A forma: "Esta minha linguagem é clara!" — seria mais próxima do texto grego, e os escolásticos a adotam; mas não dá tanta força à expressão, como a forma interrogativa-negativa.

¹⁰ Antígone invoca a Díkê ou a Justiça.

¹¹ Nesta passagem estão contidos, na opinião dos mais abalizados intérpretores, os mais belos versos que Sófocles produziu em sua longa carreira. O prolongado silêncio em que se mantém a heroína concorre para a impressão causada por esta fala, na qual afronta, destemerosa, a cólera do rei.

¹² Digna de nota é a semelhança que este passo de Sófocles apresenta com a célebre inscrição cuja interpretação exata tem sido objeto de estudo e debate entre os que possuem lição dos clássicos: "A vida, que sempre morre, que se perde em que se perca!" A supressão da primeira vírgula alteraria o sentido. A mesma idéia se encontra numa estrofe de Omar Khayyâm.

¹³ Designa Creonte por "Júpiter protetor do lar" todos quantos, com ele, prestavam culto no altar doméstico, isto é: toda a família. É forçoso, na tradução do grego, empregar a palavra *lar* para exprimir a casa e a família que nela se abriga, e não os antepassados dos deuses Lares.

¹⁴ Lindo, este verso de Sófocles, muito imitado mais tarde.

¹⁵ Sófocles usa aqui de uma metáfora que se traduziria literalmente: "Outras têm, também, um campo cultivável".

¹⁶ Parece realmente estanha esta passiva obediência de Hémon, quando a comparamos à enérgica atitude que vai assumir logo depois, esperando apenas que o pai termine sua longa parlenda. São frequentes, nas tragédias de Sófocles, estas bruscas mudanças no comportamento das personagens, determinando lances imprevisíveis.

¹⁷ Hémon refere-se à sua própria morte; mas assim não entende Creonte, que vê nessa réplica uma ameaça.

¹⁸ Quando um criminoso era condenado a morrer enterrado vivo, mandava a tradição que lhe pusessem alimento bastante para um dia, com o que se evitava um sacrilégio.

¹⁹ No original esta invocação é dirigida a Eros, o deus do Amor (Cupido para os latinos). Esta passagem de Sófocles, inúmeras vezes imitada, lembra-nos o verso camoniano: "Tu, só tu, puro amor, com força crua..."

²⁰ Antígone refere-se a Niobe, cuja lenda é contada por Homero na *Ilíada*, (Canto XXIV) — Niobe, esposa de Anfiou, rei de Tebas, ufaneava-se por ser mãe de quatorze filhos, ao passo que Latona só tivera dois, os deuses Apolo e Diana. Estes, irritados pela ofensa feita a sua mãe, mataram os quatorze filhos da infeliz rainha, e flechadas, enquanto se divertiam com jogos e corridas. Louca de dor, Niobe transformou-se numa estátua de pedra, eternamente lactante. Pausânias declara ter visto no Sítlio, o bloco de pedra, que, de longe, dá a impressão exata de uma mulher em pranto.

²¹ Alude Antígone ao casamento de Polínice com a filha de Adrasto, rei de Argos, que se dispôs a auxiliar o genro na guerra de Tebas, e foi infeliz.

²² Na entrada do Mar Negro.

²³ Refere-se o poeta a uma Cleópata, mitológica, filha de Bóreas, que se casou com Fineu, rei de Salmidês. Fineu abandonou-a, para desposar outra mulher. Esta hedionda madrastra, vendo os enleados chorarem a ausência da mãe, arrancou-lhes os olhos, e deixou-os numa caverna. Sófocles tirou dessa lenda o assunto de sua tragédia *Finéu*, uma das muitas que se perderam.

²⁴ Tirésias anuncia a segunda guerra de Tebas, denominada a "guerra dos Epígonos".

²⁵ Evidente a ironia de Tirésias, usando da mesma expressão que Creonte havia empregado anteriormente.

²⁶ Conforme a mitologia Baco era filho de Júpiter e Semele, princesa tebana, filha de Cad.

²⁷ Hecateia, a deusa que protegia as estradas, e os túmulos que nelas houvesse, era esposa de Plutão.

²⁸ Segundo a lenda citada nas *Fenícias*, de Eurípides, Tirésias teria dito a Creonte que só reinaria, vitorioso, em Tebas, se sacrificasse seu filho Megareu. Creonte não queria tal sacrifício; mas, por sua própria vontade, ou por acidente, o jovem morreu nas fortalezas da cidade. Como se vê, Eurípides considerou o marido culpado também por esta morte.



William Henry Rinehart (1825—1874), a lavagem ritual de Antígone junto ao túmulo de Polínice. Metropolitan Museum, New York.

Ésquilo e o "Prometeu Acorrentado"

Ésquilo nasceu em Elêusis, subúrbio de Atenas, por volta do ano 525 A. C. Descendia de família nobre e teve educação esmerada, realizando viagens por várias regiões da Grécia, e pela Sicília, onde conheceu o famoso tirano Dionísio, de Siracusa. Era homem feito quando se deu a invasão persa; e como patriota, combateu nas gloriosas batalhas de Maratona, de Salamina e de Platéia. Suas obras granjearam-lhe merecida fama, e honrarias várias. Morreu o grande autor dramático em Gela, na Sicília, no ano 456 A. C.

Das sete peças que se conhecem, de Ésquilo, uma das mais grandiosas, pelo tema que focaliza, é o "Prometeu Acorrentado".

Segundo a "Teogonia", Júpiter, ao assumir o governo do universo, tornando-se deus supremo, cogitava de conservar a espécie humana em uma condição próxima da animalidade irracional, senão destruí-la, substituindo-a por outra, de sua criação. Contrariando, porém, os desígnios da suprema potestade, o titã Prometeu, condoído da sorte da humanidade, consegue apoderar-se de uma fâscia do fogo celeste, com o que dotou o homem da razão, e da faculdade de cultivar a inteligência, as ciências e as artes.

Como punição por esse crime, ordena Júpiter que Prometeu seja acorrentado a um rochedo, na inhóspita região da Cítia (Cáucaso) e ali permaneça pelos séculos adiante, a menos que consinta em revelar, aos emissários do irritado nume, os segredos terríveis que só ele conhece, e que permitiriam a Júpiter devassar os mistérios de seu próprio futuro e evitar uma queda semelhante à que causou a ruína de Cronos (Saturno), seu pai e antecessor no domínio do orbe.

Prometeu, porém, conhecedor desses arcanos do "Fatum" (seu nome significa: "o que prevê") — resiste aos mais atrozes sofrimentos, como imortal que é, procedendo com uma altivez extraordinária, sem proferir um só queixume enquanto Vulcano, cumprindo as ordens de Júpiter, o prende, por meio de cadeias indestrutíveis, ao inacessível penedo. O "Poder" (Karakós), que determina e fiscaliza a execução dessas ordens cruéis, instiga e ameaça o próprio Vulcano, que se mostra penalizado pela tortura a que, bem a seu pesar, está sujeitando a um deus, seu parente. Retiram-se os deuses, enviados por Júpiter (inclusive a Violência, personagem mudo) — e só então Prometeu solta os seus brados de revolta e desespero, na solidão em que se encontra.

Surgem, então, as Ninfas, filhas do Oceano, que ali foram ter, atraídas pelo rumor dos martelos de Vulcano. A seu pedido, o infeliz Prometeu conta-lhes o que fizera, e explica a razão do suplício a que fora condenado.

O próprio Oceano ali vai ter, e, comovido, procura confortar a vítima da cólera de Zeus, aconselhando-lhe prudência, e submissão, e prometendo, sob tais condições, intervir junto ao supremo senhor do Olimpo em favor do desgraçado. Prometeu rejeita esses bons ofícios e procura dissuadir o Oceano de tal propósito. O diálogo que entre os dois se trava contém afirmações de impressionante beleza.

Depois de um longo diálogo entre o herói decaído, e o coro que deplora seu sofrimento, surge a figura horrível de Io.

Filha de Inaco, rei de Argos, Io era sacerdotisa de Juno, quando Júpiter por ela se apaixonou. Com o propósito de iludir a esposa, o deus olímpico transformou a jovem numa ovelha de extraordinária beleza. Vendo-a, após a metamorfose, Juno pediu, e obteve do esposo, que lhe cedesse a ovelha: e, zelosa, suspeitando já de alguma coisa, confiou-a à guarda do cão Argos, de cem olhos.

A mando de Júpiter, porém, Mercúrio consegue iludir a vigilância de Argos, e retira Io da prisão onde se achava. Foi então que, descobrindo o embuste, Juno, irritada, resolve que um moscardo de medonho aspecto persiga, sem cessar, a pobre Io, que, desesperada, foge atravessando campos, mares e desertos, galgando seranias e atingindo os confins do mundo. Bem se compreende o extraordinário efeito que o autor alcançou pondo, um diante do outro, a Prometeu, condenado à eterna imobilidade, e Io, condenada a não parar nunca em sua corrida louca, ambos vítimas da iniquidade e da prepotência dos numes.

Prometeu, como prova de sua infalibilidade em desvassar o destino humano, refere o que se passou com Io até aquele momento, e profetiza os seus ingentes padecimentos ainda futuros, e sua final libertação.

Reaparece o medonho inseto, e a pobre Io prossegue desatinada, em sua fuga.

No último ato da tragédia, é o próprio Mercúrio, filho e emissário de Júpiter, que vem ter junto ao desgraçado Prometeu, e, renovando as ameaças tremendas do deus supremo, tenta arrancar do acorrentado tãã os segredos que ele conhece e guarda. Mas esse esforço é baldado. Dando provas de uma coragem que toca as raízes do sublime, o revoltado herói resiste ainda, em respostas plenas de altivez, e de audaciosa ironia. Comunica-lhe, então, Mercúrio, a última determinação do irado Zeus: Prometeu teria seu suplício aumentado pelo abutre que vicia, diariamente, devorar-lhe o fígado, até que um raio, expedido por Júpiter, precipitasse nos abismos do Tártaro o acorrentado prisioneiro, sob o peso da derruida penedia.

E com o comovente brado de Prometeu, que, presciente, já ouviu o fragor da horrenda catástrofe, termina a tragédia esquiana.

Como nas demais peças do grande trágico elusiano, as personagens do "Prometeu Acorrentado" são vítimas, impotentes, da fatalidade inexorável. O anúncio, porém, de um futuro melhor, uma forte brisa de esperança, perpassa, afinal, para conforto dos que sofrem os males do destino. Prometeu seria libertado ao cabo de longo tempo de suplício. O "Prometeu Acorrentado" é o primeiro episódio de uma majestosa trilogia, da qual se perderam as outras partes. Perda lamentável, sem dúvida, pois não nos permite conhecer toda a significação moral dessa tragédia, em que se vê o deus supremo perseguir atrozmente a um nume tutelar dos míseros mortais, a um benfeitor da Humanidade.

Prometeu Acorrentado

PERSONAGENS

O PODER
A VIOLÊNCIA (personagem mudo)
VULCANO
PROMETEU
CORO DAS NINFAS, FILHAS DO OCEANO
O OCEANO
IO, FILHA DE INACO
MERCURIO

*Nos rochedos da Cítia. O PODER,
a VIOLÊNCIA,
VULCANO e PROMETEU*

O PODER

Eis-nos chegados aos confins da terra, à longínqua região da Cítia, solitária e inacessível! Cumpre-te agora, ó Vulcano, pensar nas ordens que recebeste de teu pai, e acorrentar este malfetor, com indestrutíveis cadeias de aço, a estas rochas escarpadas. Ele roubou o fogo, — teu atributo, precioso fator das criações do gênio, para transmiti-lo aos mortais! Terá, pois, que expiar este crime perante os deuses, para que aprenda a respeitar a potestade de Júpiter, e a renunciar a seu amor pela Humanidade.

VULCANO

Para vós, Poder e Violência, — a ordem de Júpiter está cumprida; nada mais resta a fazer. Quanto a mim, sinto-me sem coragem para acorrentar pela força a um deus, meu parente, sobre esta penedia, exposta à fúria das tempestades! Vejo-me, no entanto, coagido a fazê-lo, pois seria perigoso esquecer as ordens de meu pai. Preclaro filho da sábia Têmis, é bem contra minha vontade, e a tua, que te vou prender por indissolúveis cadeias, a este insólito rochedo, de onde não ouvirás a voz, nem verás o semblante de um único mortal, e onde, queimado lentamente pelos raios oluscentes do sol, terás adusta a epiderme; onde a noite estrelada tardará a poupar-te à luz intensa, assim como o sol tardará em secar o orvalho matinal. Oprimir-te-á o peso de uma dor perene, pois ainda não nasceu, sequer, o teu libertador. Eis a consequência de tua dedicação pelos humanos; como deus, que tu és, fizeste

aos mortais uma dádiva tal, que ultrapassou todas as prerrogativas possíveis. Como castigo por essa temeridade, ficarás sobre esta rocha terrífica, em pé, sem sono e sem repouso; de balde farás ouvir suspiros e clamores dolorosos; o coração de Júpiter é inexorável... Um novo senhor é sempre severo!...

O PODER

E então? Por que tardas ainda? De que vale esta vã piedade? Pois quê?... por acaso não detestas a uma divindade inimiga dos demais deuses, visto que transmitiu aos homens as honras que eram teu privilégio?

VULCANO

É que... os laços do sangue, e os da amizade, são poderosos!

O PODER

Sem dúvida! Mas como desobedecer às ordens de teu pai? Não o temes, por acaso?

VULCANO

Tu serás sempre, ó Poder, destituído de piedade, e capaz de tudo!

O PODER

Certamente! De que serve lamentar a sorte deste criminoso, uma vez que não há remédio possível para seu mal? Não te canses, pois, na busca de um socorro inútil.

VULCANO

Oh!... Como abomino o ofício a que me consagrei!

O PODER

Por quê? Esse ofício não é a causa, nem a origem, dos males que aqui vemos presentes.

VULCANO

Quem me dera um companheiro, que comigo partilhasse deste sacrifício!...

O PODER

Muito podem os deuses, na verdade, porém dependem de um poder supremo; só Júpiter é onipotente.

VULCANO

Realmente assim é... Tudo o que vemos o prova: nada tenho a objetar.

O PODER

Nesse caso, por que não cumpres tua missão, a fim de que teu pai não te veja negligente?

VULCANO

Os elos para os braços, ei-los aqui: podes vê-los.

O PODER

Vamos! Passa-lhos pelas mãos!... agora, prende-os ao rochedo por fortes marretadas.

VULCANO

Já o fiz, e meu trabalho não será em vão.

O PODER

Bate ainda mais! Aperta! Não deixes afrouxar a corrente, pois ele é habilidoso, e capaz de se libertar de nós inextricáveis!

VULCANO

Este braço em caso algum se poderá desprender...

O PODER

Pois acomenta agora o outro, de tal sorte que ele sinta, embora engenhoso, que é inferior a Júpiter.

VULCANO

Eis aí! Como o fiz, ninguém poderá censurar, exceto Prometeu.

O PODER

Prende agora com toda a força este gancho de aço, atravessando-lhe o peito.

VULCANO

Ai de ti, Prometeu! Como me penaliza tua desgraça!

O PODER

Eis-te de novo hesitante, com pena dos inimigos de Júpiter! Cuidado, Vulcano: que também um dia virás a sofrer!

VULCANO

Vê! Que horrendo espetáculo!

O PODER

Vejo apenas um audacioso convenientemente castigado. Vamos! Passa estas correntes em torno de seus quadris!

VULCANO

Sei o que me cumpre fazer! Tuas ordens são supérfluas!

O PODER

Não importa! Minhas ordens e meus gritos não deixarão de te apressar! Desce um pouco agora; prende-lhe as pernas por fortes elos.

VULCANO

Já o fiz, sem grande dificuldade.

O PODER

Prende agora os pés por meio destes cravos. Quem vai julgar teu trabalho é severo; não o esqueças!

VULCANO

Como tuas palavras correspondem bem a teu interior!

O PODER

Apieda-te de quem quiseres, mas não censure minha audácia, nem a dureza de meu coração!

VULCANO

Retiremo-nos! Seus membros já estão bem acorrentados!

O PODER

Insulta agora daqui os deuses, ó Prometeu! Roubas-lhes as honras divinas, para dá-las a seres que não viverão mais que um dia! Poderão, por acaso, os mortais, minorar teu suplicio? Em vão te deram os deuses o nome de Prometeu...! Tu, sim! — precisas de um Prometeu que te liberte!

PROMETEU, só

PROMETEU

Ó divino éter! Ó sopro alado dos ventos! Regatos e rios, ondas inumeráveis, que agitas a superfície dos mares! Ó Terra, mãe de todos os viventes, e tu, ó Sol, cujos olhares aquecem a natureza! Eu vos invoco!... Vede que sofrimento recebe um deus dos outros deuses! Vede a que suplicio ficarei sujeito durante milhares de anos! E que hediondas cadeias o novo senhor dos imortais mandou forjar para mim! Oh! eis-me a gemer pelos males presentes, e pelos males futuros! Quando virá o termo de meu suplicio? Mas... que digo eu? O futuro não tem segredos para mim; nenhuma desgraça imprevista me pode acontecer. A sorte que me coube em partilha, e preciso que eu a suporte com resignação. Não sei eu, por acaso, que é inútil lutar contra a força da fatalidade? Não me posso calar, nem protestar contra a sorte que me esmaga! Ai de mim! Os benefícios que fiz aos mortais atraíram-me este rigor. Apoderei-me do fogo, em sua fonte primitiva; occultei-o no cabo de uma fétula, e ele tomou-se para os homens a fonte de todas as artes e um recurso fecundo... Eis o crime para cuja expiação fui acorrentado a este penedo, onde estou exposto a todas as injúrias! Oh! Ai de mim! Que rumor será este? Que estranho perfume vem para mim? Será de

origem divina ou morta? Ou de uma e de outra ao mesmo tempo? Quem quer que seja, virá apenas contemplar meu sofrimento, ou que outro motivo o traz? Vede, eis aqui, coberto de correntes, um deus desgraçado, incurso na cólera de Júpiter, odioso a todas as divindades que frequentam seu palácio, tudo isso porque amei os mortais... Mas... que ouço agora? Será um rumor de aves que se aproximam? O ar se agita a um bater de asas... Seja o que for, tudo me apavora!

PROMETEU e O CORO das Ninfas do Oceano

O CORO

Nada temas! É um bando amigo que, trazido pelas asas ligeiras, veio ter a este rochedo depois de haver obtido, a custo, o assentimento paterno. Ventos propícios conduziram-nos a esta montanha. O tinar do martelo chegou a nossas grutas, e fez com que, vencendo nossos temores, viéssemos descalças, em nosso canto alado.

PROMETEU

Ai de mim, fecundas filhas de Tétis e do pai Oceano, cujas águas circundam a terra, com suas ondas em perenal movimento. Oh! e vede, os laços por que estou acorrentado a este ingreme rochedo, onde ficarei de sentinela, bem a meu pesar, pelos tempos a fora!

O CORO

Nós o vemos, ó Prometeu; e uma nuvem de terror, cheia de lágrimas, caiu sobre nossos olhos quando contemplamos teu corpo a arder, preso a este penedo, por essas aviltantes cadeias de ferro. Tudo isso porque novos senhores dominam agora o Olimpo; Júpiter reina de fato por novas e iníquas leis, e procura destruir tudo o que era outrora digno de veneração.

PROMETEU

Melhor fora que me precipitassem sob a terra, nos abismos impenetráveis do Tártaro, do próprio inferno de Plutão, destinado aos mortos, prendendo-me por indestrutíveis e cruéis cadeias, lá, onde nem os deuses nem os mortais se pudessem alegrar com isso... Mas aqui, exposto ao ar, eu sofro, miserável, suplicios que são motivos de júbilo para meus inimigos!

O CORO

Oh! Qual dos deuses terá um coração tão duro, que se possa alegrar com tal espetáculo? Qual deles, exceto Júpiter, deixaria de se condoer de teu sofrimento? Irritado sempre, e inflexível, ele não deixará de saíar sua crueldade sobre a raça celeste, até que um esforço feliz lhe arranque um poder infelizmente agora sólido demais!

PROMETEU

Certamente, embora acobranhado pelo peso esmagador destas duras correntes, o senhor dos imortais será coagido a recorrer a mim para saber em tempo qual a nova conspiração que lhe há de arrebatat o cetro e as honrarías. Mas em vão há de empregar as mais terríveis ameaças: não lhe revelarei tal segredo enquanto não houver rompido estas correntes e consentido em reparar minha injúria.

O CORO

Sempre a mesma altivez! Tu não cedés, Prometeu, mesmo no cúmulo da desgraça! Tua voz nada respeitá. O terror nos perturba; nós trememos por ti. Receamos que jamais possas ver o termo de teus suplícios. A alma do filho de Saturno é impenetrável, e seu coração inflexível.

PROMETEU

Júpiter é rígido, bem o sei; sua vontade só, é, para ele, a justiça. No entanto, na iminência de imprevistos golpes, sua cólera indomável se há de aplacar; e, com tanta solícitude como eu próprio teria, há de procurar meu socorro e minha amizade.

O CORO

Dize, porém, sem nada ocultar, por que ofensa tua Júpiter ordenou que sofresses tão bárbaro tratamento? Qual foi teu crime? Fala, se é que isso não venha aumentar o teu sofrer.

PROMETEU

Ai de mim! Doloroso será, para mim, vê-lo contar, mas não menos doloroso silenciar; tudo agrava a minha angústia. O ódio acabara de romper entre os deuses em dissídio. Uns queriam, expulsando Saturno, dar o cetro a Júpiter; outros, ao contrário, esforçavam-se por afastá-lo do trono. Em vão procurei dar os mais prudentes conselhos aos filhos do Céu e da Terra, os Titãs: sua audácia desprezava todo o artifício, toda a habilidade: eles supunham triunfar sem esforço graças a seu próprio poder. Quanto a mim, Têmis, minha mãe, e a própria Terra, adorada sob tantos nomes diversos, me tinham profetizado que, no combate prestes a travar-se, a força é a violência de nada valeriam; o ardl, tão-somente, decidira da vitória. Quando lhes anunciei este oráculo, mal consentiram em ouvir-me! Em tal emergência, pareceu-me prudente, acompanhando minha mãe, adotar o partido de Júpiter, que insistia comigo para que o apoiasse. Graças a mim, e a meus conselhos, foi-lhe possível precipitar nos negros e profundos abismos do Tártaro, o venerando Saturno e todos os seus defensores. Após tamanho serviço, eis o prêmio ignóbil com que me recompensou o tirano do céu! Tal é a prática da tirania: a ingratitude para com seus amigos... Mas o que tanto quereis saber: a causa do meu suplício, eu vou dizer agora.

Logo que se instalou no trono de seu pai, distribuiu por todos os deuses honras e recompensas, ele tratou de fortificar seu império. Quanto aos mortais, porém, não só lhes recusou qualquer de seus dons, mas pensou em ariquilá-los, criando em seu lugar uma nova raça. Ninguém se opôs a tal projeto, exceto eu. Eu, tão-somente, impedi que, destruídos pelo raio, eles fossem povoar o Hades. Eis a causa dos rigores que me oprime, deste suplício doloroso, cuja simples vista causa pavor. Porque me opiedei dos mortais, ninguém tem pena de mim! No entanto, tratado sem piedade eu sirvo de eterna censura à prepotência de Júpiter.

O CORO

Que coração de granito, ou de ferro, deixará de partilhar teu sofrimento, ó Prometeu? Nós, que o vimos, temos o coração transpassado pela dor.

PROMETEU

Sem dúvida, meus amigos se condoerão de mim.

O CORO

Mas... nada mais fizeste, além disso?

PROMETEU

Graças a mim, os homens não mais desejam a morte.

O CORO

Que remédio lhes deste contra o desespero?

PROMETEU

Dei-lhes uma esperança infinita no futuro.

O CORO

Oh! que dom valioso fizeste aos mortais!

PROMETEU

Além disso, consegui que eles participem do fogo celeste.

O CORO

O fogo?!.. Então os mortais já possuem esse tesouro?

PROMETEU

Sim; e desse mestre aprenderão muitas ciências e artes.

O CORO

E por isso é que Júpiter te castiga tão cruelmente? Não terás, por acaso, um repouso sequer? Virá, um dia, o termo de teus males?

PROMETEU

Nenhum fim, senão o que ele quiser.

O CORO

E acaso quererá ele, um dia? Não sentes o teu crime? Censurá-lo, porém, não nos causa prazer, e agrava tuas dores. Silenciemos, pois, e trata de te libertar.

PROMETEU

É fácil, para quem está no porto, excitar e aconselhar a quem se acha em plena tormenta! Eu havia previsto tudo... Eu quis cometer o meu crime! eu o quis, conscientemente, não o nego! Para acudir aos mortais, causei minha própria perda, mas nunca supus que me veria assim consumido sobre estes rochedos, no cume deserto de montanha

inabiltável. Não vos limiteis, porém, em deplorar minha atual desgraça; descei junto a mim, vinde saber qual a sorte que me está reservada, investigai todo o meu destino; não recuseis o que vos peço; tende piedade de um infeliz. Ai de mim! O infortúnio esvoaça por sobre nós, e ameaça todas as cabeças...

O CORO

Tu nos convences sem demora, ó Prometeu! Desceremos, ligeiras, deste rápido carro e deixando as rotas aéreas e puras dos pássaros, viremos ter junto desse rochedo escarpado; nós saberemos de bom grado a história de tuas desgraças...

PROMETEU, O CORO, O OCEANO

O OCEANO

Chego, finalmente, perto de ti, Prometeu, depois de haver percorrido países imensos, sobre este monstro alado que minha vontade conduz em o concurso de freio. Partilho de tuas dores, certamente, o sangue que nos une assim o quer, expressamente. Mas, ainda que fosses um estranho, ninguém me seria mais caro que tu. Não sei mentir, nem bajular: tu o verás desde logo. Fala, e diz-me como eu te posso socorrer: o Oceano será sempre teu amigo fiel.

PROMETEU

Quê? Tu também, Oceano, queres ser testemunha de minha desgraça? Ousas detechar os mares que usam teu nome, e teus abismos profundos, abertos pela natureza, para galgar estas montanhas que nada contêm senão o ferro? Será a curiosidade ou a compaixão, o que te conduz até aqui? Vê este espetáculo, vê que tratamento eu suportou, eu, o amigo de Júpiter, que o ajudei, sozinho, a subir ao trono.

O OCEANO

Eu o vejo, Prometeu... E, seja qual for tua sagacidade, eu te darei um conselho... Concentra-te em ti mesmo; um novo Senhor domina os deuses; convém que tomes, pois, outros sentimentos... Se te mantiveres nestes protestos injuriosos, do alto do Olimpo Júpiter há de te ouvir, e brevemente teus males, agravados, farão com que tenhas saudade da condição atual. Abafa, ó infeliz, tu côlera impotente; procura alcançar o perdão... Talvez este conselho te pareça de um velho: mas tu sabes que males pode atrair um discurso insolente. Nada te pode humilhar, nada te pode abater... mas tu procuras redobrar teu sofrimento. Crê-me; curva-te sob o jugo; pensa que, atualmente, reina um senhor severo e supremo! Vou procurá-lo e tentarei obter tua liberdade. Modera-te, pois; não soltes tua língua irreverente! Esclarecido, como és, acaso ignoras que a punição é a consequência certa de tuas palavras imprudentes?

PROMETEU

Admira-me que tu não hajás sido tratado como criminoso, visto que foste meu cúmplice e meu ajudante... Mas, basta! Abandona esses inúteis cuidados; tu não me farás ceder. Cuidado! Não te cause esta visita alguma desgraça!...

O OCEANO

Sabes aconselhar aos outros bem melhor do que a ti mesmo... Disso estás dando a prova... Não queiras, porém, impedir minha zelosa intervenção; orgulho-me em dizer que hei de obter o perdão de Júpiter, que te libertará desse suplício.

PROMETEU

Reconheço tua boa vontade, e ser-te-ei por isso eternamente grato: sei que tua amizade não se cansa. Mas não te esforces por me valer, pois tudo o que tentasses seria baldado. Trata de procurar repouso e abrigo. Se eu sou desgraçado, não quero arrastar comigo a quem quer que seja, ao abismo da desgraça.

O OCEANO

Não! Hei de lamentar sempre tua sorte, e a de teu irmão Atlas, que, curvado para as portas do ocidente, sustém sobre o dorso as colunas do Céu e da Terra, fardo que suporta com sacrifício! Não! Não verei nunca sem comiseração, o habitante dos abismos da Cilícia, o filho da Terra, esse gigante prodigioso, o audacioso Tifon, de cem cabeças, dominado por um braço vingador, ele, que desafiava a todos os deuses! Suas horrendas bocas exalavam a morte; fútsicas fulminantes jorravam-lhe dos olhos... Ele deveria subverter o império de Júpiter... Mas a ama terrificada de Júpiter, o raio, que nunca dorme, precipita-se, e o atinge; suas ameaças são aniquiladas! Ferido pelo raio, ele é pulverizado até nas entranhas, sua força destruída, e agora, cadáver inútil jaz ao longo do mar, junto ao estreito, na vasta fomalha que crepita nos subterrâneos do Etna, em cujos topos Vulcano forja o ferro ardente. Um dia, de lá jorrarão rios de brasa, cuja vaga destruirá as planícies da formosa Sicília... Tudo porque Tifon, exalando seu ódio, embora calcinado pelo raio, fará surgir ondas ardentes de uma tempestade de fogo que nunca mais se apagará.

PROMETEU

Tua sabedoria, Oceano, prescinde de meus conselhos... Deixa-me suportar minha sorte, até que a cólera de Júpiter se abrande.

O OCEANO

Ignoras por acaso, ó Prometeu, que um discurso pode minorar a mais terrível cólera?

PROMETEU

Sim, quando se espera o momento oportuno; não se se choça violentamente um espírito irritado.

O OCEANO

Que perigo vês tu, em que eu o desejo e o tente conseguir?

PROMETEU

Será esforço inútil, loucura e simplicidade.

O OCEANO

Consinto em sofrer desses males... O sábio que se faz de ingênuo, muitas vezes realiza melhor seus propósitos.

PROMETEU

Mas essa falsa tentativa me será atribuída.

O OCEANO

Queres, então, que eu volte a meus domínios?

PROMETEU

Sim!... Tua piedade por mim só te pode granjear um inimigo.

O OCEANO

Quem? O novo senhor do Céu?

PROMETEU

Ele mesmo. Evita desagradar-lhe.

O OCEANO

Tua desgraça, sem dúvida, vale por uma terrível lição...

PROMETEU

Pois bem: não o esqueças nunca. Apressa-te em partir!

O OCEANO

Eu creio... e sigo teu conselho. Já esta alimária ligeira agita, com suas asas, as vastas regiões do ar! Ela quer voltar, o mais breve possível, à sua habitação.

(Sai o O OCEANO)

PROMETEU, O CORO

O CORO

Ó Prometeu! Como deploramos o teu infeliz destino! De nossos olhos comovidos correm rios de lágrimas; nossas faces estão umedeçadas pelo pranto. De que terrível poder dispõe Júpiter! Com sua arma poderosa ameaça aos próprios deuses, outora venerados!

Tudo, nestas tristes paragens, sofre com teus gemidos. Chora-se a tua glória, deplora-se a perda de tuas antigas honras, e das de teus irmãos. Sim, todas as nações, todos os povos do continente sagrado da Ásia partilham de tuas penas: as mulheres valorosas nos combates, que habitam a Colquída; as tribos citas espalhadas pelos confins do mundo, ocupantes do escarpado Cáucaso, guerreiros ferozes, armados em suas lanças agudas.

Atlas, — esse outro titã, era o único dos deuses que víamos em cadeias de dor, martirizado pelo sofrimento: Atlas que, sem repouso,

sustém sobre os ombros o peso enorme, a calota do céu. Sorte miseranda! Rugem as ondas, quebrando-se a seus pés; geme o abismo, freme o antro sombrio de Fluítão, e até as límpidas fontes murmuram...

PROMETEU

Se me calo, não é por orgulho, ou desprezo; mas o furor devora minha alma quando me vejo preso a esta rocha. No entanto, a quem mais, senão a mim, devem os novos deuses as honras que desfrutam? Não falemos mais nisso; seria repetir o que já sabeis. Ouvi, somente, quais eram os males humanos, e como, de estúpidos que eram, eu os tornei inventivos e engenhosos. Eu vô-lo direi, não para me queixar deles, mas para vos expor todos os meus benefícios. Antes de mim, eles viam, mas viam mal; e ouviam, mas não compreendiam. Tais como os fantasmas que vemos em sonhos, viviam eles, séculos a fio, confundindo tudo. Não sabendo utilizar tijolos, nem madeira, habitavam como as prósidas formigas, cavernas escuras cavadas na terra. Não distinguiam a estação invensosa da época das flores, das frutas, e da ceifa. Sem raciocinar, agiam ao acaso, até o momento em que eu lhes chamei a atenção para o nascimento e o ocaso dos astros. Inventei para eles a mais bela ciência, a dos números; formei o sistema do alfabeto, e fixei a memória, a mãe das ciências, a alma da vida. Fui eu o primeiro que prendi os animais sob o jugo, a fim de que, submissos à vontade dos homens, lhes servissem nos trabalhos pesados. Por mim foram os cavalos habituados ao freio, e moveram os carros para as pompas do luxo opulento. Ninguém mais, senão eu, inventou esses navios que singram os mares, veículos alados dos marinheiros. Pobre de mim! Depois de tantas invenções, em benefício dos mortais, não posso descobrir um só meio para pôr fim aos males que me torturam.

O CORO

Agiste sem discernimento, e sofres por isso uma pena incrível! Médico incapaz para curar teus próprios males, perdes a esperança, e não descobres o remédio que te há de salvar.

PROMETEU

Ouvi o resto, e ainda mais admiráveis o valor das artes e indústrias que dei aos mortais. Antes de mim, — e este foi meu maior benefício — quando atacados por qualquer enfermidade, nenhum socorro para eles havia, quer em alimento, quer em poções, bálsamos ou medicamentos: eles pereciam. Hoje, graças às salutares composições que lhes ensinei, todos os males são curáveis. Elucidei-lhes todos os gêneros de adivinhações; fui o primeiro a distinguir, entre os sonhos, as visões reveladoras da verdade; expliquei-lhes os prognósticos difíceis, bem como os prognósticos fortuitos ou transitórios. Interpretei precisamente o vôo das aves de rapina, bem como os augúrios, felizes ou sinistros, que provêm de outros animais; fiz ver quando reina entre eles o ódio, ou a concórdia e a união; enfim, o que pode haver nas entranhas das vitimas, de agradável aos deuses, no aspecto e na cor; na beleza das formas do fel e do figado. Estendendo sobre o fogo, num envoltório de gordura, as partes internas e os membros dos animais, iniciei os mortais numa ciência difícil, dando-lhes a conhecer signos até então ignotos. E não é tudo: a prata e o ouro, quem se orgulhará de os ter descoberto, antes de mim? Ninguém, a menos que se trate de um impostor. Em suma: todas as artes e conhecimentos que os homens possuem são devidos a Prometeu.

O CORO

Depois de haver prestado tamanhos benefícios aos mortais, não te abandones à desgraça. Estamos persuadidas de que poderias, liberto dessas cadeias, ser tão poderoso quanto Júpiter...

PROMETEU

Não!... Não foi assim que dispôs o destino inexorável. Só depois de haver sofrido penas e torturas infinitas é que saírei desta férrea prisão. A inteligência nada pode contra a fatalidade.

O CORO

E a fatalidade, quem a dirige?

PROMETEU

As três Parcas, e as Fúrias, que nada perdoam.

O CORO

Será Júpiter, acaso, menos poderoso que essas divindades?

PROMETEU

Sim... ele próprio não poderá eximir-se a seu destino.

O CORO

Seu destino? Qual será seu destino, senão o de reinar para sempre?

PROMETEU

Nada mais pergunteis: convém cessar vossa insistência.

O CORO

Tão terrível é, pois, o segredo que tu guardas?

PROMETEU

Façamos ponto aí... ainda não é tempo de revelar esse mistério. Que ele permaneça mais oculto que nunca: de minha discrição dependem a minha liberdade e o fim de meu sofrimento.

O CORO

Que nunca Júpiter, o onipotente, queira usar a sua força em oposição a nossos desejos! Que nunca sejamos negligentes no culto devido aos deuses por hecatombes sagradas, junto às fontes eternas do Oceano, o nosso pai! Que jamais façamos o mal com as nossas palavras! Fiquem estas máximas indelevelmente gravadas em nosso espírito, para que nunca mais desapareçam!

É doce passar uma vida imortal na segurança mais perfeita, nutrido a alma com os mais puros prazeres do espírito... Nós estremeçamos de horror ao ver-te assim oprimido por tantas desgraças!

Misero Prometeu! Tu não temeste a Júpiter: por uma inclinação natural fizeste demasiado bem aos humanos. Onde está o fruto dessa dedicação inútil? Dize, infeliz, — que socorro, que conforto te podem trazer essas criaturas efêmeras? Não sabes, por acaso, em que consiste essa vida transitória, semelhante aos sonhos, que iludem os pobres seres humanos? Não sabes que seus esforços jamais conseguirão prevalecer contra a vontade de Júpiter? Tua sorte funesta vale por uma lição para nós, ó Prometeu! Ai de ti! Como serão doravante os nossos hinos diferentes dos que cantávamos em torno de teu banho e de teu leite no dia ditoso em que, vencida por teus dons, nossa irmã Hestone se tornou tua esposa!

PROMETEU, O CORO, IO

IO

Que pais será este? Quem o habita? A quem vejo ali, acorrentado àqueles rochedos gelados? Por que crime está sendo assim punido? Dize-me: aonde me trouxe, neste momento, meu triste fado? Ó céus! Ó deuses! Como sou desgraçada! Já o moscardo me fere de novo! Ó terra! Afasta para longe esta sombra de Argos, teu filho: causa-me horror o aspecto deste monstro de cem olhos, que me persegue com seus perfidos olhares! Nem a morte o faz parar! Pobre de mim! Ele sai dos infernos para me perseguir, para me obrigar a fugir, faminta, por estas plagas sem fim! Debalde esta flauta, cujos tubos ainda prende a cera, faz ouvir algumas dolentes melodias... Deuses imortais, onde estarei eu? A que região do mundo me trouxe esta carreira sem descanso? Filho de Saturno, de que crime fui culpada, para sofrer tão triste sorte? Por que motivo queres assim torturar uma infeliz que perdeu a própria consciência? Quero que me aniquile o teu raio, que a terra me esmague, ou que me devorem os monstros marinhos! Por que não atendes a esta minha súplica, ó deus poderoso? Assaz já tenho sofrido nesta corrida infinita e penosa!... Poderei saber um dia quando esta desgraça terá fim?

O CORO

Ouves tu, Prometeu, a voz desta jovem?

PROMETEU

Sim... Ouço a voz da infeliz a quem persegue um inseto cruel: é a filha de Inaco, por quem Júpiter está apaixonado, e a quem Juno, ciumenta, obriga a fugir, sem repouso, numa corrida louca, por este mundo afora.

IO

Como podes saber o nome de meu pai? Responde a esta infeliz!... Quem és tu? Se tu mesmo não passas de um desgraçado, como conheces tão bem os meus males? Tu bem sabes o que é este flagelo aéreo que me consome e me despedaça com seu ferrão cruel. Esfaldada, corri até aqui, aos saltos: uma força inimiga me oprimiu! Que miséras criaturas foram jamais atormentadas como eu? Dize, pois: que calmidades terai ainda a sofrer? há remédio para meu mal? Se conheces algum, ensina-mo, por piedade; não há jovem que tenha sofrido tanto como eu, nesta carreira errante!

Eu te direi claramente o que desejas saber: eu te direi sem enigmas, com toda a simplicidade, como se deve falar a um amigo. Vês aqui aquele que deu o fogo aos mortais: Prometeu!

Io

Ó benfeitor da Humanidade! Infeliz Prometeu! Como mereceste um tal suplício?

PROMETEU

Há pouco eu acabara esta lamentável história...

Io

Dize-me, porém, por favor...

PROMETEU

De mim tudo poderás saber!...

Io

Quem te acorrentou a este rochedo escarpado?

PROMETEU

A ordem de Júpiter e a mão de Vulcano.

Io

E de que crime és acusado?

PROMETEU

Já disse o que devia: é o que te deve bastar.

Io

Mas dize-me ao menos isto: qual será o fim desta minha carreira dolorosa?

PROMETEU

Bem melhor será que o ignores, do que conhecê-lo.

Io

Oh! Não me ocultes coisa alguma do que me resta ainda sofrer!

PROMETEU

Visto que tanto empenho mostras, penso que devo satisfazer teu desejo.

Io

Pois bem... que mais esperas? Acaso invejas a minha sorte?

Não... receio apenas despedaçar teu coração.

Io

Não me poupes mais do que eu me pouparia...

PROMETEU

Tu insistes... Devo, pois, falar... Ouve!

O CORO

Espera um momento, Prometeu! Nós partilhámos de tua comiseração. Convém, primeiramente, que ouçamos dela própria a história de seu tormento, e do infortúnio que a persegue. Dir-lhe-ás, em seguida, o futuro que lhe está reservado.

PROMETEU

Io, elas são irmãs de teu pai; tu deves atender a seus apelos. É sempre um conforto revelar nossas dores àqueles que nos ouvem confididos, e nos comovem com suas lágrimas.

Io

Como poderia eu deixar de cumprir vosso desejo? Ouvi, pois, a história que tanto desejas conhecer, embora muito me custe recordar a causa do flagelo com que o céu me oprime, e da horrível transformação que tenho sofrido. Quando, no recesso de meu retiro virginal, ainda os sonhos me delectavam, uma voz insidiosa me dizia: "O ninfa ditosa, por que insistes em conservar tua virgindade, se podes realizar o mais glorioso himeneu? Por ti arde Júpiter na chama do desejo; contigo ele quer fruir os prazeres do amor. Filha de Inaco, não desprezes o amor de Júpiter; corre às plagas de Lerna, àqueles campinas imigadas por teu pai, e cede ao olhar amoroso de um deus que te adora." Pobre de mim! Tais eram os sonhos que me perseguiram todas as noites. Resolvi, finalmente, identificar meu pai do que se passava. Ele enviou mensageiros a Pitos e a Dodona, a fim de indagar o que era mister para agradar aos deuses. Por algum tempo não obteve senão respostas ambíguas, cujo sentido se ocultava sob a mais impenetrável obscuridade. Deram-lhe, por último, uma decisão oracular determinando que eu fosse expulsa de minha casa e de minha pátria, e condenada a vagar sem rumo aos confins do mundo. Se meu pai não obedecesse, Júpiter desfecharia raios fulminantes, que destruiriam totalmente a nossa raça. Cumprindo esse oráculo de Apolo, meu pai obrigou-me a partir para longe, em doloroso exílio. Ele assim agiu, eu bem sei, contra a sua, e a minha vontade; mas o poder de Júpiter o forçou a praticar tamanha violência. Desde logo minha razão e meus traços fisionómicos se alteraram: apontam estes chifres em minha fronte: um moscardo me fere com seu ferrão agudo... Aos saltos, numa corrida louca, atreí-me à corrente benéfica do Cencria, e procurei a fonte mais alta do Lema. Um cão pastor, filho da Terra, o impiedoso Argos, seguia-me por toda parte, observando-me com seus inúmeros olhos. Inesperado golpe privou-o, de repente, da vida: mas o terrível inseto, flagelo divino, continuou a perseguir-me, expulsando-me de um país para o outro. Eis o que tem sido minha sorte até o presente momento, visto que sabes o

que ainda me resta a sofrer, diz-me: eu te peço! Não me iludas com uma mentira... Trair a verdade é o mais vergonhoso dos vícios.

O CORO

Cessa! Cessa! Já é demais... Nunca ouvimos tão sinistra narrativa, nem vimos tão clamorosas desgraças! Um duplo golpe feriu nossas almas... Ó cruel destino! A sorte de lo nos enche de terror!

PROMETEU

Não choreis prematuramente; esperai até que tenhais de tudo pleno conhecimento.

O CORO

Fala, Prometeu! Mesmo no infortúnio é um consolo saber o que se deve ainda sofrer.

PROMETEU

Obtivestes de mim facilmente a satisfação de vosso primeiro pedido; quisestes ouvir dela própria a história de seus males; ouvi agora o que Juno prepara ainda para amargurar esta desgraçada. E tu, filha de Ínaco, conserva na lembrança o que te vou dizer; minhas palavras te instruirão quanto ao fim de tua carreira. Ao saíres destes lugares, dirige teus passos para as portas do Oriente. Cortando o deserto que o arado nunca sulcou, chegarás ao país dos Citas nômades, povos armados de flechas, que por única vivenda têm cabanas de juncos, armadas sobre carros. Evita-os, e para atravessar seu país, procura as praias rochosas do mar sussurrante. À tua esquerda estão os Calibes, forjadores do ferro; convém evitá-los, também: são ferozes e pouco hospitaleiros. Attingirás as margens do rio orgulhoso, que não desmente seu nome. Não tentes atravessá-lo: a passagem só é possível junto ao Cáucaso, a mais alta dessas serranias, de cujos flancos se forma torrente impetuosa. O cume do Cáucaso avizinha-se das nuvens: será forçoso transpô-lo, e descer para o sul. Lá encontrarás as Amazonas, mulheres guerreiras, que detestam os homens, e que se fixarão um dia em Temiscira perto do Têrmodon, no ponto onde penetram no mar saliências da rocha Salmideia, madrastra dos navios, hospedeira detestada pelos pilotos. As Amazonas conduzir-te-ão com prazer... Chegarás, assim, ao istmo dos Cimérios, junto às gargantas estreitas do pântano Meótido. Ah, deixa com coragem a terra, e atravessa o mar: os mortais guardarão, para sempre, a memória de tua passagem: esse estreito, daí por diante, será chamado Bósforo. Então, não estarás mais na Europa, mas sim na Ásia... Então? Que dizes tu? Não é violento, esse tirano dos céus? Porque pretende conquistar teus favores — (um deus, a uma simples mortal...) ele a condena a tão penosa viagem. Funeστο amante, ó minha filha, a sorte maldosa te reservou! E o que ouvistes não é, sequer, o simples prelúdio de tuas desgraças.

IO

Céus! Como sou feliz!

PROMETEU

Tu suspiras, e gemes... Que farás, então, quando souberes de tudo?

128

IO

Para que me serve a vida? Por que não me precipito desta rocha escarpada? A pedra que me esmagase seria minha salvação... melhor será morrer uma vez, do que pensar todos os dias.

PROMETEU

Como suportarias, então, os tormentos que padeço eu, que estou impossibilitado de morrer! A morte ser-te-á, ao menos, o fim de teus sofrimentos, ao passo que minhas dores só terão fim quando Júpiter for despojado de seu poder.

IO

Que dizes? Perderá Júpiter, um dia, o seu império? Ah! Como eu falaria se pudesse testemunhar esse fato! Nem poderia desejar outra coisa eu, a quem ele trata com tanta crueldade!

PROMETEU

Ele perdê-lo-á, fica certo.

IO

E quem lhe arrancará o tirânico cetro?

PROMETEU

Ele próprio, em consequência de sua louca temeridade.

IO

Como? Explica-te, se nisso não há perigo.

PROMETEU

Para seu mal, ele tomará uma esposa que o fará atreper-se!

IO

Será deusa ou mortal? Dize-o, se puderes.

PROMETEU

Que te importa saber? A tal respeito guardarei segredo.

IO

Será ela própria, quem o há de expulsar do trono?

PROMETEU

Ela dará à luz um filho mais forte que seu pai.

IO

E Júpiter não poderá evitar esse golpe?

129

PROMETEU

Não... Antes que isso aconteça, eu estarei livre destas correntes.

Io

E quem te virá libertar, contra a vontade de Júpiter?

PROMETEU

Um de teus descendentes... É o que terá de acontecer.

Io

Que dizes tu? Um de meus filhos virá dar fim a teus sofrimentos?

PROMETEU

Sim: o terceiro que nascer, depois de dez gerações⁹.

Io

Como este oráculo é difícil de entender-se!

PROMETEU

Não tentes pesquisar mais, nem conhecer os pormenores de teu futuro!

Io

Tu me deste um prazer, não mo retires mais...

PROMETEU

De dois vaticínios, eu só te concederei um.

Io

Quais são eles? Dize-mo, e dá-me o direito de escolher.

PROMETEU

Escolhe, pois: ou sabes o que te resta a sofrer ainda, ou o nome de meu libertador.

O CORO

Ó Prometeu, concede a ela uma dessas graças, e a nós a outra. Não recuses atenção à nossa súplica... Que Io saiba por onde terá de vagar ainda: e nós, o nome de teu libertador. Estamos desejosas de sabê-lo.

PROMETEU

Vós assim exigis, e eu nada vos posso negar! Io, vou descrever-te tua dolorosa carreira: grava-a profundamente na memória. Logo que transpuseres as águas agitadas do estreito que separa os dois continen-

tes, caminharás para as portas inflamadas do sol, até os campos dos Gorgônios de Cistina, onde vivem as três velhas, filhas de Fórcis, as três irmãs com aspecto de cisne, que só têm um dente, e um só olho em comum, e que jamais verão os raios do sol, nem o astro da noite. Não estarão longe as três outras irmãs, as aladas Górgonas, monstros execrados pelos humanos; suas cabeças estão enfiadas de serpentes: quem as contemplar, morrerá imediatamente; ficas avisada do perigo. Mais adiante verás outro espetáculo tremendo: os grifos, de longo pescoço, os cães mudos de Júpiter. Foge deles o quanto puderes! Evita, também, os guerreiros que só têm um olho, os Arimaspos, sempre cavalegando, habitantes das margens de Plutão, que rola o ouro em suas ondas. De lá passarás a um país longínquo, de um povo negro, fixado nos limites do Oriente, no sítio de onde sai o rio da Etiópia. Acompanharás a corrente do Nilo até o passo onde, do alto dos montes de Biblis, ele precipita suas águas majestosas e salutareas. Seu curso levar-te-á à ilha triangular do Egito. Nesse lugar, ó Io, é que uma numerosa geração sairá de ti, e de teus filhos. Minha predição parece-te obscura e incompreensível? Faze tuas perguntas, porque posso tudo esclarecer; para isso, bem contra a minha vontade, tenho tempo de sobra.

O CORO

Se ainda houver dolorosas comidas a predizer, que tu esqueças, termina; se já disseste tudo, concede-nos a nossa vez, a graça que te pedimos, não te esqueças!

PROMETEU

Io já sabe qual será o termo de sua viagem; mas para garantir-lhe que minha predição não falha, dir-lhe-ei o que tem sofrido até vir aqui. Isto será uma prova de minha infalibilidade. Omittrei numerosas circunstâncias, para aludir somente a suas mais recentes peregrinações.

Quando chegaste aos campos Molíossos, junto da alta Dodona, onde permanece a profetisa do deus dos Téspotas⁸, e onde existem — incrível prodígio! — os carvalhos que falam, estes, em linguagem clara, sem enigmas, saudaram-te como "futura esposa de Júpiter" (se é que esse título te agrada ainda), novo acesso te arrebatou, e correste ao longo das praias até o vasto golfo de Réia, de onde retrocedeste ao ponto de partida. O nome de Jônio ali ficou, sem dúvida, como um eterno monumento de tua viagem, ao longo daquele golfo. Por aí tu vês que meu espírito alcança além do tempo presente. Ouvi, agora, todas vós, o que ainda tenho a revelar: retomarei minha primeira predição. Em terras do Egito, nos próprios areais que o Nilo banha, está a cidade de Canopo. Ali, acariciando-te, Júpiter há de restituir-te a razão. Terás um filho, o escuro Epafus, cujo nome recordará a aproximação dessa divindade. Epafus cultivará extensa planície que o rio alaga em suas cheias. Cinco gerações depois dele, cinquenta irmãs, para evitar um criminoso consórcio, com os filhos de seu tio, refugiar-se-ão em Argos. Os noivos, porém, levados pela paixão, como a ave de rapina que persegue a tímida pomba, irão em busca de um hinenu que não deveriam ter procurado. O céu, invejoso, vai puni-los. A terra pelágica receberá os corpos desses infelizes, imolados pelo ferro assassino das mulheres, que assim agiam nas trevas da noite. Cada esposa (que Vênus faça o mesmo a meus inimigos!) — mergulhando um punhal de afiado gume no peito do esposo, privou-o da vida. Uma única, induzida pelo amor, não dará a morte ao companheiro... Faltou-lhe o ânimo... Forçada a escolher, preferiu que a chamassem de covarde, a ser assassina. Dela nascerá uma família real em Argos. Para contar passo a passo a história dessa dinastia preciso fora um longo discurso. DESI

estripe nascerá o herói famoso que, com suas flechas, dará fim ao meu tormento. Tal é o oráculo que a antiga Titânide, Têmis, minha mãe, me revelou. Dizer-te como, e quando isso acontecerá, eis o que exigiria demasiado tempo, e tu nada lucrarás em ouvir.

Io

Céus! Um novo acesso, um novo furor me inflama! O moscardo fere-me de novo com seu ferão ardente; meu coração bate-me, agitado pelo terror, no peito. Meus olhos já se perturbam, e vejo tudo girar em torno de mim. Arrebata-me a loucura... a língua já se recusa a obedecer e... a razão luta em vão contra um odioso vendaval de insânia...

O CORO

Foi um sábio, sem dúvida, aquele que teve a primazia em afirmar que cada qual se deve unir a seu igual, pois quem vive de seu trabalho não deve ambicionar a aliança nem do rico efeminado, nem do nobre orgulhoso. Jamais, ó Parcas, os destinos ao amor de Júpiter, nem de qualquer outro habitante do Olimpo. Trememos de horror ao ver a pobre Io virgem ainda, evitando o amor de Júpiter, e, apesar disso, forçada por Juno a esta corrida exaustiva. Não há perigo numa união bem proporcionada e ninguém a deve temer, mas... ó Amor, fazei que nunca um Deus poderoso nos veja e nos cobice... A luta seria em extremo desigual, cheia de esforços inúteis. Que seria de nós? Como fugiríamos a Júpiter?

PROMETEU

Embora orgulhoso, Júpiter será humilhado um dia... Tal o fruto do enlace que ele deseja, e que será a causa da ruína de seu trono, e de seu poderio. Realizar-se-á, então, integralmente, a maldição que contra ele lançou Saturno quando foi expulso da antiga sede de seu império. De todos os deuses, só eu poderia ensinar-lhe como evitar essa desgraça; só de mim se poderia obter essa revelação. Nesse dia, em vão ele se porá do alto das nuvens, agitando nas mãos os seus dardos inflamados: nada o salvará de uma queda ignominiosa. Eu vejo como ele próprio está criando o seu inimigo, o prodigioso atleta, difícil de vencer, que lançará fogos mais ardentes que o raios, fará rumores mais fortes que o trovão, e quebrará o tridente de Netuno, esse flagelo marítimo que abala a terra. Naufragando nesse baixo, Júpiter aprenderá, então, o quanto é diferente servir, de dominar.

O CORO

Teu desejo é que faz a predição!

PROMETEU

Sim... eu prenuncio... e o que eu desejo é o que acontecerá.

O CORO

Será possível que Júpiter venha a ter, um dia, um senhor?

PROMETEU

Sim! E não será a última de suas desditas.

132

O CORO

E tu não tremes pronunciando tais palavras?

PROMETEU

Que posso eu temer? O destino me fez imortal!

O CORO

Mas Júpiter pode agravar teus tormentos...

PROMETEU

Que seja! Estou preparado para tudo.

O CORO

É um sábio aquele que teme a Adrasteu*.

PROMETEU

Respeita!, implora!, venera! eternamente esse déspota: para mim Júpiter é o que mais desprezo. Exerça ele contra mim, como quiser, o seu poder transitório: ele não há de reinar muito tempo sobre os deuses. Mas... vejo que se aproxima o seu mensageiro; o ministro desse moderno tirano... sem dúvida vem comunicar-me alguma nova decisão...

PROMETEU, O CORO, MERCÚRIO

MERCÚRIO

É a ti, espírito sutil, vaso de amargura, inimigo confesso dos deuses, benfeitor dos mortais, roubador do fogo celeste, é a ti que eu falo! Declara — é meu pai que ordena! — Qual é o hímeneu de que te comprazes em falar, que lhe há de custar o império? Nada de enigmas, ou de velados mistérios: urge que tudo reveles! Prometeu! Não me obrigues a trazer-te uma segunda mensagem. Não é pela revolta — tu bem o sabes! — que se alcança a complacência de Júpiter.

PROMETEU

Que discurso arrogante e soberbo! E como fica bem ao ministro dos deuses! Novos senhores de um novo império, vós acreditais habitar palácios inacessíveis às desgraças... Pois bem! Por acaso não vi eu caírem dois tiranos? Verei a queda do terceiro: será a mais rápida e a mais vergonhosa. Pensas porventura que me acovardes, e que me submetas a esses novos deuses? Longe disto estou, Mercúrio! Podes ir-te embora! Volta sem tardança ao lugar de onde vieste: nada mais saberás por mim.

MERCÚRIO

Eis o invencível orgulho que tantas desgraças já te causou!

PROMETEU

Sabe que eu não consentiria em trocar minha miséria por tua es-

133

cravidão. Prefiro, sim! prefiro fazer accontentado a este penedo, a ser o mensageiro e confidente de teu pai. Eis aí como podemos ferir àqueles que nos maltratam.

MERCÚRIO

Sem dúvida, estás, presentemente, numa situação deliciosa!

PROMETEU

Minhas delícias... ah! — por elas há de passar meus inimigos, e tu em primeiro lugar!

MERCÚRIO

Oh! Porventura tu me atribuis a tua desgraça?

PROMETEU

Só tenho uma palavra: odeio a todos os deuses que, depois de receber meus benefícios, me ferem injustamente.

MERCÚRIO

Tens a razão conturbada, bem se vê; o mal é violento...

PROMETEU

Pois que ele se agrave ainda, se é um mal detestar seus inimigos!

MERCÚRIO

Como serias insuportável se dominasses um dia!...

PROMETEU

Ai de mim!

MERCÚRIO

Eis aí uma exclamação que Júpiter não conhece!

PROMETEU

Pois há de aprendê-la, com o tempo que tudo amadurece e transforma.

MERCÚRIO

No entanto, não te fez mais prudente, como deveria ter acontecido.

PROMETEU

Enganas-te! E a prova é que nada te revelarei, vil escravo!

MERCÚRIO

Nada dirás, então, do que meu pai te ordena?

PROMETEU

Devo-lhe tantos benefícios, que, como vês, tenho obrigação de retribuir!...

MERCÚRIO

Prometeu, tu zombas de mim e tratas-me como a uma criança!

PROMETEU

Por acaso não é uma infantilidade o pretenderes arrancar de mim uma revelação? Não há tormentos, nem artificios que me forcem a elucidar esse mistério a Júpiter enquanto não forem rompidas as correntes que me prendem! — assim tenho dito! Agora, quando os cintilantes coriscos caem com estrondo, e os fogos subterrâneos se confundem com a neve que branqueia as alturas, revolucionando a natureza, nada me fará ceder, e eu não revelarei o nome daquele que o há de demurrar do trono.

MERCÚRIO

Dize, porém: de que te serve essa obstinação?

PROMETEU

Tudo já está por mim previsto: há muito tempo que esta minha resolução está tomada!

MERCÚRIO

Insensato! Por que não há de aprender, ao cabo de tanta desgraça, a agir com sabedoria?

PROMETEU

Insistes em vão, Mercúrio! Para tuas palavras sou surdo como uma onda. Não penses que, temendo os designios de Júpiter, medroso como uma donzela, eu erga as mãos e implore a piedade àquele que é objeto de todo o meu rancor, para que me liberte destas cadeias. Dissu bem longe estou.

MERCÚRIO

Vejo que meu apelo é inútil, e que meus conselhos não conseguiram convencer-te. Tal qual um cavalo indomável, não afeito ao jugo, mordes o freio e resistes... Mas teu redobrado furor nada vale, afinal. Nada mais impotente do que o orgulho dos insensatos. Visto que não logrei persuadir-te, pensa, ao menos, na tempestade de novas desgraças que hão de cair sobre ti. Júpiter, por meio de raios, espedaçará este rochedo escarpado; teu corpo permanecerá esmagado sobre os fragmentos da montanha. Ao cabo de longo tempo, reaparecerás um dia... Então, um abutre insaciável, — o cão alado de Júpiter — virá arrancar de teu corpo enormes pedaços e — comensal não desejado — voltará todos os dias para se nutrir de teu fígado negro e sangrento. Desse tremendo suplício não esperes ver o fim, salvo se algum deus quiser ficar em teu lugar, a descer aos antros do invisível Plutão, nos redutos sombrios do Tártaro. Pensa, pois, eu te conjuro! — o que digo não é

uma série de vãs ameaças; é uma sentença inapelável. A boca de Júpiter não mente nunca; o que ele diz, realiza-se inexoravelmente. Pensa, e pondera, Prometeu; a teimosia não vale tanto como a prudência.

O CORO

Mercúrio quer que abandones esse orgulho e adotes uma decisão sensata, ó Prometeu. O que ele diz, afigura-se-nos razoável... Crê! Para o sábio é uma vergonha perseverar no erro cometido.

PROMETEU

Eu já sabia tudo, tudo, o que ele acaba de me anunciar!... Que um inimigo sofra todo mal que lhe pode fazer o outro, nada mais natural. Pois que caiam sobre mim os raios fulminantes; que os ventos furiosos inflamem os céus; que a tempestade, agitando a terra em seus fundamentos, abale o mundo; que flagelos sem exemplo confundam as vagas do oceano com as estrelas da abóbada celeste; que Júpiter, usando seu invencível poder, precipite meu corpo nos abismos do Tártaro; faça ele o que fizer!... eu hei de viver!

MERCÚRIO

Palavras tais não são de um insensato? Que mais falta para esse delírio? Se a sorte o ajudasse, onde cessaria, jamais, o seu vesânico furor? Mas vós, ninfas do mar, vós que tendes pena da vítima de tantos horrores, afastai-vos destes sítios: o horrendo fragor do trovão pode abalar demais os vossos puros espíritos.

O CORO

Oh! Dá-nos conselhos a que possamos obedecer... Não nos podemos conformar com tão sinistros ditames. Queres, por acaso, arrastar-nos à ignomínia? Não! Nós partilharemos de tudo o que ele tiver de sofrer!... Detestamos a traição... de todos os vícios, é o que mais nos causa horror.

MERCÚRIO

Lembrai-vos, ao menos, do que vos preveni!... Se a calamidade que se aproxima vos atingir, não acuseis a sorte... nem digais que Júpiter vos feriu com imprevistos golpes de violência. De vós, tão-somente, será a culpa... Fostes em tempo avisadas! Não será, pois, por falta de luzes, ou de tempo, que sereis imprudentemente arrastadas pela rede das desgraças.

(Sai MERCÚRIO)

PROMETEU, O CORO

PROMETEU

Com efeito, não foi uma ameaça, apenas: a terra pôe-se a tremer... O soturno ronco já se faz ouvir... Turbilhões de poeira se erguem... todos os furacões desencadeados parece que estão contra mim! Contra mim, é que Júpiter desfecha tão horrendo cataclismo.

O minha augusta mãe: ó tu, divino éter que cercas o universo de luz eterna... vede que injustos tormentos me fazem sofrer!

Notas

¹ Prometeu significa "o previdente", ou "o que prevê".

² Ou o primeiro da 13.^a geração (literalmente: o terceiro, de nascimento, depois de dez outras gerações).

³ Júpiter.

⁴ Adresteu — Júpiter.